



RODRIGO PIQUET SABOIA DE MELLO

Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

RODRIGO PIQUET SABOIA DE MELLO

Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira

RIO DE JANEIRO

2015

RODRIGO PIQUET SABOIA DE MELLO

**UM OLHAR CLASSIFICATÓRIO DO ACERVO IMAGÉTICO DAS EXPEDIÇÕES
CIENTÍFICAS DE DARCY RIBEIRO AOS ÍNDIOS URUBU-KAAPOR NO MUSEU DO
ÍNDIO NA IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA CULTURA INDÍGENA E DA
DIVERSIDADE ÉTNICA-CULTURAL BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Rosali Fernandez de Souza

RIO DE JANEIRO

2015

M527o

Mello, Rodrigo Piquet Saboia de.

Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira / Rodrigo Piquet Saboia de Mello. – Rio de Janeiro: UFRJ/IBICT, 2015.

143 f. ; 30cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.

Orientadora: Rosali Fernandez de Souza.

1. Informação. 2. Classificação. 3. Fotografia. 4. Ribeiro, Darcy. 5. Urubu-Kaapor. I. Souza, Rosali Fernandez (orientadora). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. IV. Título.

CDU

Ficha catalográfica elaborada por:

Rodrigo Piquet Saboia de Mello CRB-7/6376.

RODRIGO PIQUET SABOIA DE MELLO

**UM OLHAR CLASSIFICATÓRIO DO ACERVO IMAGÉTICO DAS EXPEDIÇÕES
CIENTÍFICAS DE DARCY RIBEIRO AOS ÍNDIOS URUBU-KAAPOR NO MUSEU DO
ÍNDIO NA IDENTIFICAÇÃO DE ELEMENTOS DA CULTURA INDÍGENA E DA
DIVERSIDADE ÉTNICA-CULTURAL BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em:

Profa. Dra. Rosali Fernandez de Souza (Orientadora)
PPGCI/IBICT-ECO/UFRJ

Prof. Dr. Ricardo Medeiros Pimenta
PPGCI/IBICT-ECO/UFRJ

Dra. Ione Helena Pereira Couto
Museu do Índio/FUNAI – Fundação Nacional do Índio

Profa. Dra. Geni Chaves Fernandes
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha – Membro interno (suplente)
PPGCI/IBICT-ECO/UFRJ

AGRADECIMENTOS

Palavras de agradecimentos não deixam de ser também um procedimento classificatório que tem por objetivo principal revelar a gratidão por aqueles ajudaram na realização da trajetória acadêmica. Porém, este procedimento de classificar, além de ser difícil, também é arbitário e sujeito a esquecimentos. Aos esquecidos, um muito obrigado. Vamos às três dimensões mais importantes na realização desta dissertação: o familiar, o profissional e o intelectual.

Em primeiro lugar, agradeço a minha família por ter me ensinado na prática a importância e a valorização da diversidade cultural e o amor aos estudos. Das minhas “odisseias” de infância do Leme ao Pontal, ou parafraseando Tim Maia, de Ipanema a Vicente de Carvalho, atravessando simbolicamente aquilo que Zuenir Ventura chamou da “cidade partida” do Rio de Janeiro, o que realizava semanalmente com minha família. Talvez, por meio desta relação afetiva interclasses, venha o meu interesse pelos distintos olhares e pelos povos indígenas.

Quanto ao profissional, não poderia deixar de citar como um todo o Museu do Índio. Instituição esta que me acolheu em tenra idade, ainda estagiário, e que perpassando diversas fases profissionais, me encontro neste momento realizando reflexões acadêmicas do acervo que tanto carinho tenho. Primeiro, agradeço ao Diretor do Museu do Índio, o antropólogo José Carlos Levinho, que sempre apoiou as minhas iniciativas e nos momentos mais difíceis pude contar com sua compreensão. Também não posso me esquecer da minha querida amiga antropóloga Sonia Coqueiro e da museóloga e membra da minha banca de dissertação, Dra. Ione Couto. Agradeço também a todos da equipe do Núcleo de Biblioteca e Arquivo – NUBARQ.

Devo também agradecer ao acolhimento recebido quando da minha entrada em campo na região da Terra Indígena Alto Rio Guamá. Primeiro, aos índios Tembé, que me receberam na região do nordeste paraense e ao coordenador Juscelino Bessa, da Coordenação Técnica Local de Belém, que me recebeu quando do meu “rito de passagem” de entrada na FUNAI.

Quanto à trajetória intelectual que me fez chegar ao término desta primeira fase da minha formação *stricto sensu* não posso deixar de citar duas importantes colegas do PPGCI/IBICT: Priscilla Bermudes e Rosale Mattos. Aos professores e membros da banca que muito me ajudaram nas reflexões empreendidas ao longo do mestrado, meu agradecimento aos professores doutores Ricardo Pimenta, Gustavo Saldanha, Geraldo

Prado e a minha querida orientadora Rosali Fernandez. Também um muito obrigado a professora Dra. Geni Chaves, sempre cuidadosa e atenta a temática indígena.

Cabe aqui uma confissão: em minha adolescência tive a oportunidade de atuar politicamente e refletir sobre escritos de um importante intelectual marxista italiano chamado Antônio Gramsci. Minhas então reflexões sobre os famosos “Cadernos do Cárcere” e das chamadas análises de conjuntura eram realizada em “aparelhos”, muitas vezes localizados na cidade de Niterói, no Núcleo de Estudos Antônio Gramsci - NEAG, com intelectuais que haviam militado anos antes no Partido Comunista Brasileiro – PCB. Se hoje tenho uma postura crítica e questionadora da realidade social brasileira, debatendo a situação dos índios de nosso país, devo muito àquelas reflexões realizadas no início do século XXI.

Por fim, um especial agradecimento a Lígia Caldas, que nos últimos meses, me ofereceu acolhimento e logística para a escrita deste trabalho.

Dir-se-ia que todo vivente inclassificável ou impossível de classificar seria um "bicho", bicho. Eis um paradoxo: nós, humanos, tudo classificamos, mas não vemos que a exclusão do ambíguo, do misturado, do dissonante, do feio ou do híbrido é, na realidade, uma outra inclusão.

Fragmento de artigo escrito pelo antropólogo Roberto DaMatta chamado "Em torno de bichos" publicado no jornal Estado de São Paulo no dia 17 de dezembro de 2014.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira. Orientadora: Rosali Fernandez de Souza, 2015, 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015.

RESUMO

A dissertação tem como tema as expedições científicas realizadas por Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor quando etnólogo da Seção de Estudos – SE - do Serviço de Proteção aos Índios – SPI -, agência indigenista oficial do Estado brasileiro. Com a criação da SE na década de 1940, há uma mudança paradigmática na relação do SPI para com os povos indígenas. Se num primeiro momento a relação era essencialmente assistencialista, num segundo momento há a introdução de pesquisadores com formação acadêmica e a realização de investigações junto a diversos povos indígenas do Brasil. Entre os anos de 1949 e 1951, Darcy Ribeiro realizou duas expedições científicas com o objetivo de retratar o modo de vida e o contexto cultural dos índios Urubu-Kaapor. Em decorrência dessas expedições, os documentos textuais e iconográficos foram objeto da nossa pesquisa. Como referencial teórico, nos apoiamos em diversos pensadores que trataram sobre Fotografia, Classificação e nos próprios escritos de Darcy Ribeiro para subsidiar a identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira, objetivos da presente investigação. Foram identificadas categorias temáticas que puderam apontar os significados das imagens e dos contextos de produção documental realizado. Como resultados principais destacam-se aspectos da valorização da etnicidade dos índios Urubu-Kaapor como também a diversidade étnica-cultural da sociedade brasileira apontada por Darcy Ribeiro. Tanto em seus escritos como também em sua produção imagética, há a construção da identidade cordial estabelecida por meio da ponte imaginária composta em sua produção documental: do mundo dos “brancos” ao universo indígena.

Palavras-chave: Informação; Classificação; Fotografia; Darcy Ribeiro; Urubu-Kaapor.

MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira. Orientadora: Rosali Fernandez de Souza, 2015, 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2015.

ABSTRACT

The dissertation is themed scientific expeditions undertaken by Darcy Ribeiro to Urubu-Kaapor indians when ethnologist of Seção de Estudos - SE – Serviço de Proteção aos Índios - SPI - official indigenous agency of the Brazilian state. With the creation of the SE in the 1940s, there is a paradigm shift in SPI's relationship to indigenous peoples. If at first the relationship was essentially welfare, secondly there is the issue of researchers with academic training and conducting investigations into the various indigenous peoples of Brazil. Between 1949 and 1951, Darcy Ribeiro held two scientific expeditions in order to portray the way of life and the cultural context of the Urubu-Kaapor indians. As a result of these expeditions, textual and iconographic documents were the subject of our research. The theoretical framework in support in several thinkers who treated on Photography, Classification and the writings of Darcy Ribeiro own to support the identification of elements of indigenous culture and Brazilian ethnic and cultural diversity of this research goals. Themes have been identified that could glimpse the meanings of images and documentary production contexts done. As main results, we highlight aspects of the étnic-cultural diversity of brazilian society pointed out by Darcy Ribeiro, both in his writings as well as in their image production in building cordial identity established through the imaginary bridge composed in its document production: the world of " white "to the indigenous universe.

Keywords: Information. Classification; Photography; Darcy Ribeiro; Urubu-Kaapor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Características das Expedições Científicas	44
Mapa 1 – Terra Indígena Alto Turiaçu	46
Série de contato 1 - FOERTHMANN, Heinz. Índia Urubu segurando filho. Maranhão, 1949. 1 tira de contato, p&b, 35mm – notação: spi15655 a spi15660..	50
Contato 1 – RIBEIRO, Darcy. Índia Urubu com adornos. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 contato; p&b, 6x6cm – notação: spia2000.	50
Quadro 2 - Cabeçalho de assuntos - Primeira Expedição Científica de Darcy Ribeiro aos índios Urubu Kaapor (1949)	52
Quadro 3 - Cabeçalhos de assuntos - Segunda Expedição Científica de Darcy Ribeiro aos índios Urubu Kaapor (1951)	53
Figura 1 - Base de dados PHL	57
Fotografia 1 - FOERTHMANN, Heinz. Índia Urubu-Kaapor torrando mandioca. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15259	58
Fotografia 2 - FOERTHMANN, Heinz. Criança Urubu-Kaapor doente. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi14933.	60
Fotografia 3 - FOERTHMANN, Heinz. Índio Urubu carregando criança para o funeral. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 Negativo, p&b, 35mm – notação: spi14960	61
Sequência imagética 1 - FOERTHMANN, Heinz. Criança Urubu em rede, provavelmente com sarampo. Maranhão. Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 tira de negativo, p&b, 35mm – notação: spi14946 – spi14949.	65
Sequência imagética 2 - FOERTHMANN, Heinz. Índio Urubu carregando criança para o funeral. Maranhão. Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 tira de negativo, p&b, 35mm – notação: spi14955 – spi14958	65
Fotografia 4 - RIBEIRO, Darcy. Festa da Nominção. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2527.	66
Fotografia 5 - RIBEIRO, Darcy. Índio Urubu-Kaapor se preparando para a Festa da Nominção. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2549	67

Fotografia 6 - RIBEIRO, Darcy. Índio Urubu-Kaapor preparado para a Festa da Nominção. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2631a	68
Sequência imagética 3 - FOERTHMANN, Heinz. Índio Urubu-Kaapor chamado Anakanpukú. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15809 – spi15822.	72
Ilustração 1 – Colar apito Awa-Tukaniwar	74
Fotografia 7 - FOERTHMANN, Heinz. Oratório. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15882	75
Fotografia 8 - FOERTHMANN, Heinz. Menina negra. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15888.	76
Fotografia 9 - FOERTHMANN, Heinz. Sertanejos na porta de casa. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15878	79
Fotografia 10 - RIBEIRO, Darcy. Vestimenta da festa do Bumba-meu-Boi. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia1795.	82
Fotografia 11 - RIBEIRO, Darcy. Francis Huxley com índios Urubu colocando timbo no rio. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia1694	84
Fotografia 12 - RIBEIRO, Darcy. Darcy Ribeiro com índio Urubu. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2602	87
Fotografia 13 - RIBEIRO, Darcy. Darcy Ribeiro com índia Urubu. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2603	87
Fotografia 14 - RIBEIRO, Darcy. Darcy Ribeiro e índia Urubu com criança. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2604	87
Fotografia 15 - RIBEIRO, Darcy. Darcy Ribeiro com índio Urubu. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2605.	87
Fotografia 16 - RIBEIRO, Darcy. Darcy Ribeiro com índio Urubu. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2605.	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	22
2.1 Geral	22
2.2 Específicos	22
3 REFERENCIAL TEÓRICO	23
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	39
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	99
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	106
ANEXOS	109

1 INTRODUÇÃO

A história de contato entre os povos indígenas e o Estado republicano brasileiro remete ao início do século XX, mais especificamente ao ano de 1910. Neste ano, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais - SPILTN -, que, poucos anos depois, se tornaria somente SPI - Serviço de Proteção aos Índios. Para a execução com sucesso desta empreitada de “pacificar” a relação conflituosa entre indígenas e a sociedade nacional, o Estado Nacional se valeu de diversos recursos probatórios de atuação em áreas indígenas nos locais mais longínquos do país, sendo, um deles, a fotografia.

Dentre os diversos registros fotográficos do Serviço de Proteção aos Índios, há a coleção Darcy Ribeiro. Dos trabalhos realizados, existem os registros das expedições realizadas pelo etnólogo em meados do século XX nas aldeias dos índios Urubu-Kaapor. Esta coleção se destaca pela importância estética e pelos estudos empreendidos acerca deste povo indígena. Há uma especificidade única nos registros realizados quando em comparação com outros trabalhos de natureza semelhante.

Os índios Urubu-Kaapor, ou como se autodenominam somente: Ka`apor¹, possuem uma relação de conflito e violência contra os não-índios desde o século XV (HUXLEY, 1957). A partir do final do século XIX e início do século XX começa um contato mais intermitente entre os dois mundos em questão, o indígena e o dito “civilizado”. A chamada pacificação, ou seja, o contato estabelecido de forma não belicosa para com os índios ocorreu no ano de 1928.

Ainda é interessante notar que apesar da atribuição da denominação Urubu-Kaapor por Darcy Ribeiro, ele próprio tentou estabelecer um tom mais conciliador, colocando em uso um nome que os próprios índios não utilizavam, Urubu, e o auto-intitulado, Kaapor, resultando em Urubu-Kaapor. O próprio etnólogo afirmava sobre a atribuição Urubu “claro que isso é apelido malicioso que infelizmente se divulgou, eles próprios se chamam Kaá-por.” (RIBEIRO, 1951, p.368).

Foram analisados neste trabalho os dois conjuntos fotográficos depositados no Museu do Índio: o acervo fotográfico da Primeira Expedição Científica registrada por

¹ Existe o Boletim do Museu do Índio - nº8 que controla os nomes indígenas autorizados a serem usados. O caso Urubu-Kaapor é curioso, já que Darcy Ribeiro os identificou como na forma citada neste documento, os índios se autoidentificam como Ka`apor, o que significa “pegadas na mata”. Já o termo Urubu foi atribuído no século XIX por inimigos luso-brasileiros dos indígenas e que é o autorizado pelo Boletim do Museu do Índio. Para este documento, será utilizada a nomeação cordial indicada por Darcy Ribeiro.

Heinz Foerthmann, num universo de 1097 itens fotográficos, e da Segunda Expedição Científica registrada por Darcy Ribeiro comendo 986 itens fotográficos. Cabe destacar que ambas as expedições tiveram como mentor intelectual o etnólogo Darcy Ribeiro e que o objetivo principal do trabalho era realizar uma pesquisa etnológica-documental sobre os índios Urubu-Kaapor, índios estes localizados no rio Gurupi, região de divisa do Pará com o Maranhão. Este acervo documental está depositado, indexado e identificado na base de dados do Museu do Índio.

No material coletado pelo referido etnólogo é possível observar uma especificidade nos registros fotográficos, principalmente quando relacionados com outros acervos que retratam a atuação do Serviço de Proteção aos Índios entre os povos indígenas. Como explicita Marcos de Souza Mendes sobre a necessidade de registrar as ações econômicas do Serviço de Proteção aos Índios:

Fiel à orientação do novo chefe da SE, Dr. Herbert Serpa, que previa o registro das atividades econômicas dos postos indígenas, Förthmann ficou limitado às normas de documentação cinematográfica oficial, que o impediu de se desenvolver como artista ligado à etnografia, e como autor, com sua própria interpretação do sertão brasileiro. (MENDES, 2012, p.238).

Portanto, o trabalho realizado por Darcy Ribeiro não se coaduna com os típicos registros realizados pelos servidores do SPI que tinham como principal função assinalar os trabalhos executados nos postos indígenas ou o desenvolvimento de um chamado processo civilizatório em algum povo indígena.

Para a realização da discussão proposta, se faz necessário manter um diálogo da Ciência da Informação com outras áreas do conhecimento, para compreender o fenômeno informacional de registros dos povos indígenas e o depósito da documentação produzida por aparelhos do Estado brasileiro.

Como o próprio fenômeno informacional atravessa fronteiras, podendo se desenvolver de diversas maneiras, perpassando muitos campos, se faz necessária uma discussão ampliada, permitindo deste modo uma melhor compreensão de manifestação tão complexa. Assim,

A existência e necessidade da informação para quase todas as profissões, ciências e culturas, bem como o desenvolvimento de pesquisas sobre a mesma como fenômeno ou processo, é ressaltado por Yuexiao, para quem a informação não é ainda um conceito singular. Ao contrário, caracteriza-se como um conceito controverso e enganoso de variadas definições que se forma por uma série de conceitos heterogêneos com complexos relacionamentos. Consequentemente, para Yuexiao, a ciência da informação

não se constituiria em metaciência ou interdisciplina, porém nome coletivo para todas as ciências lidando com a informação e com seu conceito básico ou maior em seu sistema conceitual. (PINHEIRO e LOUREIRO, 1995, p.5).

Ao se propor a discussão do repositório estatal que retrata os povos indígenas, o problema informacional se coloca com maior complexidade, pois as próprias especificidades culturais dos povos indígenas e os desafios existentes na utilização destes conjuntos documentais necessitam do apoio intelectual de diferentes campos do conhecimento. Somente assim, poderá ser feita a busca desse material com referenciais aproximados da realidade, buscando entender o processo realizado no seio das instituições que elaboraram ações documentais junto aos povos indígenas.

Além disso, é importante nesta parte introdutória do presente trabalho contextualizar fatos históricos e das ações que nortearam a construção da documentação hoje depositada no Museu do Índio.

A criação do Serviço de Proteção aos Índios resultou também em outro fenômeno de importância para os estudos da informação: a acumulação documentária. É por meio do acúmulo documental que se começa efetivamente haver uma prova do Estado da presença dos povos indígenas em solo brasileiro.

Assim, as formações documentárias criadas por meio do poder da escrita ou da imagem tiveram por finalidade controlar e vigiar os corpos de modo mais eficaz. Como afirma Foucault:

O exame faz também a individualidade entrar num campo documentário: Seu resultado é um arquivo inteiro com detalhes e minúcias que se constitui ao nível dos corpos e dos dias. O exame que coloca os indivíduos num campo de vigilância situa-os igualmente numa rede de anotações escritas; compromete-os em toda uma quantidade de documentos que os captam e os fixam. Os procedimentos de exame são acompanhados imediatamente de um sistema de registro intenso e de acumulação documentária. **Um “poder de escrita” é constituído como uma peça essencial nas engrenagens da disciplina. Em muitos pontos, modela-se pelos métodos tradicionais da documentação administrativa.** Mas com técnicas particulares e inovações importantes. Um se referem aos métodos de identificação, de assimilação, ou de descrição. (FOUCAULT, 1999, p.213, grifo nosso).

Com a criação da Seção de Estudos - SE - do SPI em 1942 foi introduzido um novo pensamento sobre a ação do Estado para com os povos indígenas. O próprio pensamento do idealizador do SPI, o Marechal Rondon, havia mudado ao longo do tempo. Se antes o objetivo era assistir e pacificar os povos indígenas, naquele novo contexto, o idealizador da Política Indigenista executada pelo Estado passa a perceber a necessidade de ações mais orientadas, pautadas em princípios científicos:

O pensamento de Rondon havia mudado em relação à política indigenista. As décadas de invasão, ocupação de terras, matança e espoliação dos povos indígenas por fazendeiros e latifundiários fizeram o militar rever seus conceitos e priorizar no CNPI [Conselho Nacional de Proteção aos Índios], os estudos etnológicos como forma de resgatar a vida indígena. (MENDES, 2012, p.234).

A formação do novo pensamento indigenista refletiu na forma de agir do Estado junto aos povos indígenas. A produção de pesquisas de cunho etnológico, no âmbito da SE, resultou não apenas em novos paradigmas de entendimento dos indígenas brasileiros, como também na contratação de técnicos especializados sobre a temática indígena, e, dentre eles, Darcy Ribeiro.

Darcy Ribeiro foi um intelectual brasileiro do século XX que teve uma atuação na vida multifacetada: de etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios, chegando a Ministro de Estado, perseguido pela Ditadura Militar, idealizador de projetos educacionais no Estado do Rio de Janeiro e, por fim, Senador da República. Este pensador foi o responsável pelas expedições empreendidas juntos aos índios cujas fotografias, e demais documentos gerados, foram objeto do estudo aqui realizado.

As pesquisas etnológicas realizadas nas áreas habitadas pelos povos indígenas produziram uma farta documentação de cunho linguístico, imagético, sonoro, fílmico que retrataram o modo de vida dos índios que viviam no país. Assim, havia um processo de resgate do *ethos*² indígena, promovendo a documentação e a disseminação de informações acerca dos indígenas brasileiros.

Ainda, explanando sobre a Seção de Estudos - SE -, é possível afirmar que,

Foram os seus 25 anos de atividades (1942-1967), no Serviço de Proteção aos Índios – SPI (1910-1967), o que destacou a Seção de Estudos, ou SE, como ficou conhecida, entre as seções que integravam esse Serviço. Coube a ela promover as primeiras pesquisas etnográficas, financiar estudos de agentes externos, difundir o conhecimento sobre as populações indígenas tuteladas, organizar a documentação textual, fotográfica, sonora e etnográfica e criar o Museu do Índio. (COUTO, 2011, p.223).

O acervo em análise neste trabalho pertence ao Museu do Índio - MI -, instituição inaugurada de 19 de abril de 1953, inicialmente denominado Dia do Índio Americano, ou simplesmente, Dia do Índio. O Museu do Índio tem por atribuição resguardar as manifestações culturais representativas da história e tradições das populações indígenas brasileiras.

² É um termo genérico, que designa o caráter cultural e social de um grupo ou sociedade. (Dicionário de Ciências Sociais, 1987, p. 433).

O Museu do Índio realizou nas últimas décadas ações pioneiras junto aos povos indígenas. Com a divulgação das culturas indígenas, tem contribuído para cumprir com sua missão original de ser um museu contra o preconceito.

Há também uma atribuição importante do Museu: de ser uma instituição de resgate da memória. Vejamos:

O Museu do Índio, por sua vez, realiza trabalho sistemático de devolução cultural em colaboração com outras instituições afins e organismos que atuam diretamente em áreas indígenas, fornecendo duplicatas de seus documentos. A fotografia, por sua função de memória histórica, tem sido amplamente utilizada. Seu efeito não é somente recuperar o que foi perdido pelo tempo e pela distância, mas também atestar que aquele tempo, espaço, ser ou coisa existiram de fato. (MENEZES, 1989, p.36).

É importante também mencionar em qual contexto foi realizada a reunião da documentação no Museu do Índio. A concepção para uma sistematização dos documentos produzidos pelo SPI e, dentre os quais os da SE, ocorreu em maio de 1976, com a criação do Centro de Documentação Etnológica – CDE - no Museu do Índio. A partir deste momento, há o início da racionalização e concentração dos documentos que estavam dispersos pelo território brasileiro sem tratamento adequado. Ainda é importante destacar a importância futura do CDE para as ações estratégicas da Fundação Nacional do Índio - FUNAI:

Em relação ao futuro do Centro de Documentação Etnológica, seria desejável que as decisões da FUNAI partissem da consideração de que é impossível resolver questões sociais e econômicas tão complexas quanto as dos índios sem o conhecimento e informação em níveis adequados. (MOREIRA NETO, 1979, p.15).

A iniciativa proposta pelos servidores do Museu do Índio em meados dos anos de 1970 resultou na constituição de parte da memória da ação do Estado brasileiro junto aos povos indígenas. A documentação inclusive oferece subsídios em contendas judiciais, como naquela em que o Supremo Tribunal Federal – STF - considerou nulos os títulos de terras localizados em área indígena dos índios Pataxó no sul da Bahia³.

O antropólogo Carlos Araújo Moreira Neto, idealizador da formação do CDE, explicita que a FUNAI naquele momento mostrava desinteresse pela documentação histórica do SPI, o que ele afirmava ser uma “visão imediatista e pouco esclarecida sobre os índios e seus problemas.” (MOREIRA NETO, 1979, p.15).

³ Ação Cível Ordinária 312.

O Museu do Índio com a iniciativa de organizar a documentação histórica que se encontrava sem o devido tratamento documental se coaduna com a própria ideia da formação do Museu do Índio quando da sua criação na década de 50 do século XX. Conforme indica Darcy Ribeiro,

O Museu do Índio foi montado, em todos os seus detalhes, com a ambição de suscitar sentimentos de simpatia pelos índios, de solidariedade para com suas dramáticas dificuldades de acomodação ao mundo estranho que levamos cada vez mais perto de suas aldeias, e de compreensão dos seus comoventes esforços para resolver, a seu modo, os problemas essenciais de tôdas as sociedades humanas. (RIBEIRO, 1962, p.169).

As peculiaridades encontradas em cada um dos povos indígenas e, conseqüentemente, nos acervos culturais depositados no Museu do Índio, representam a diversidade cultural brasileira e a dos próprios povos indígenas. Pela ação realizada hoje na instituição, é possível que muitos povos indígenas possam recontar a sua história, estabelecendo paralelos entre as ações do presente com o passado, construindo assim um futuro melhor para estes povos. Cabe ainda lembrar o grau de atomização existente entre os povos indígenas no país, exigindo uma complexidade na abordagem de tratamento. Assim:

O certo, porém, é que cada uma das dezenas de tribos indígenas que conheci – meia dúzia delas profundamente – é totalmente diferente de todas as outras. Cada qual tem alguma coisa de muito singular a ensinar, tanto sobre ela mesma, para entendê-la, como sobre a natureza humana para nos entendermos. (RIBEIRO, 1990, p.50).

A coleção dos acervos depositados no Museu do Índio também representa uma importante memória da diversidade cultural dos índios brasileiros, pois preserva traços culturais de muitos povos indígenas do país, cumprindo o papel de salvaguardar a memória indígena.

Esta importância ainda se torna maior ao observarmos o etnocídio ocorrido em terras brasileiras aos povos indígenas do Brasil. Isto porque a ação documentária estabelece por meio do suporte físico ou, hodiernamente, pelo suporte eletrônico, o registro das culturas indígenas. O próprio Darcy Ribeiro relata às relações assimétricas entre colonizadores e os povos indígenas:

Esse conflito se dá em todos os níveis, predominantemente no biótico, como uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram mortais para as populações indígenas. No ecológico, pela disputa do território, de suas matas e riquezas para outros usos. No econômico e social, pela escravização do índio, pela mercantilização das relações de produção,

que articulou os novos mundos ao velho mundo europeu como provedores de gêneros exóticos, cativos e ouros. (RIBEIRO, 1995, p.30).

Os arranjos classificatórios do conjunto documental dos acervos indígenas produzidos pelo Estado por meio de sua agência indigenista são de grande magnitude no que diz respeito à visão sobre os índios no século XX. São perspectivas múltiplas diante da diversidade de interesses e conflitos para o presente e futuro dos povos indígenas.

Quando da realização da classificação na organização dos acervos fotográficos do Museu do Índio, há o desdobramento de uma elaboração intelectual intencional com um objetivo específico. Como ensina Piedade (1972, p.1) “classificar é dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças. É dispor os conceitos, segundo as suas semelhanças e diferenças, em certo número metodicamente distribuído.” Portanto, a diferença existente é a marca definida para a distribuição classificatória de um acervo.

Cabe salientar que a formação dos registros reflete determinados momentos históricos e que podem assim formar leituras de outros matizes, como explicitado na passagem abaixo:

As representações utilizadas na recuperação e transferência da informação são pontos de partida de ações sociais. Elas refletem momentos históricos, teorias, paradigmas, ideologias e culturas e, embora se aproximem da realidade, podem ter leituras diversas. O mercado de informações exige que haja uma equivalência formal das representações para que haja um construtor sócio-cultural visando as relações sociais, ou seja, que ocorra num tempo e espaço definidos, num determinado contexto. A representação não deve alterar o objeto representado mas isto torna-se impossível na medida em que a representação é uma leitura do objeto e sofre diversas influências que dificultam a manutenção de parâmetros culturais no intercâmbio representacional. (MIRANDA, 1999, p.68).

A Ciência da Informação tem como objeto de estudo a análise do fenômeno informacional. No entanto, como afirma Aguilar, há poucos estudos sobre populações minoritárias ou discriminadas socialmente:

[...] os povos indígenas não foram considerados desde o começo da Ciência da Informação. Uma de suas especialidades, a biblioteconomia, ou arquivologia, tiveram sempre um enfoque mais amplo, demonstrando ser uma ciência eurocêntrica que procurou estudar as necessidades de informação de setores hegemônicos. (AGUILAR, 2008, p.171).

Ou seja, os trabalhos que tratassem sobre o problema informacional de grupos excluídos do centro do poder, como os povos indígenas, foram relegados. Corroborando com Aguilar, Roberto Cardoso de Oliveira também problematiza a relação assimétrica na discussão da quebra paradigmática entre dominantes e dominados:

Fiquemos aqui com a dificuldade que considero a principal: o comprometimento do diálogo pelas regras do discurso hegemônico; a saber, em se tratando das relações índio e não-índio, a hegemonia das regras institucionalizadas do discurso do polo dominante sobre o polo dominado, do não-índio sobre o índio. (OLIVEIRA, 2000, p.224).

Por conseguinte, o trabalho investiga a documentação imagética e textual referente às comunidades indígenas, no caso das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor, até hoje pouco explorada no âmbito da Ciência da Informação. Com isso, pretendemos contribuir para abertura de possíveis novos caminhos de investigação sobre a produção e uso da informação dos povos indígenas, além da compreensão do contexto de produção documental, a fim de esclarecer a complexidade e o relevante papel do documentalista no tratamento dos registros imagéticos.

Os estudos dos documentos produzidos sobre a temática indígena no Brasil têm ganhado maior importância nos últimos anos. Por exemplo, podemos destacar no âmbito da Comissão Nacional da Verdade (CNV) as pesquisas empreendidas para elucidar os crimes cometidos contra a humanidade realizados pelo Estado brasileiro no século XX. Um Grupo de Trabalho instituído é sobre as populações indígenas e há a previsão da instalação da Comissão Nacional Indígena da Verdade, exclusiva para a investigação das graves violações dos direitos humanos contra os povos indígenas do país.

Tem se criado nos últimos anos no Brasil uma cultura de resgate da memória de povos tradicionalmente excluídos pelas políticas públicas do país e, deste modo, estudos documentários podem sugerir para o futuro novas pesquisas com o intuito de recuperar as informações sobre as culturas indígenas e entender os meandros da produção documental e os desdobramentos produzidos.

Para esta reflexão, se fazem necessárias algumas elucubrações de origem na Memória Social para entendermos a importância do recordar para não repetirmos o passado e avançarmos socialmente. Sobre a questão de memorialização:

A ideia da memória como um armazém é muito antiga, e igualmente tão antiga é a ideia de uma arte que ajude o armazenamento com acuidade, fazendo as opções necessárias mediante rápida percepção das mercadorias acumuladas. O armazém, em todos os textos da *ars memorativa*, é apresentado como bastante amplável. Em lugar das poucas coisas que ali conservamos, é possível conseguir, mediante a Arte, nele acumular uma quantidade imensa de noções. (ROSSI, 2010, p.89-90).

Como Arte, podemos definir como sendo os repositórios que tem por definição salvaguardar e dar acesso aos bens tangíveis que estão sob a proteção do Estado para uso futuro, sendo também utilizada para estudos no campo da Ciência da Informação. Os mesmos repositórios podem estabelecer um uso futuro para a garantia de direitos indígenas que possam estar sendo ameaçados e possivelmente vilipendiados por interesses escusos que afetem diretamente a sobrevivência dos povos em questão.

Neste sentido também, cabe trazer à luz da discussão uma arte da memória, também chamada de *ars memoriae*, a contribuição de Philippe Dubois sobre as capacidades desta chamada arte para a constituição da memória, nascida ainda na Antiguidade Clássica:

Concebida como um conjunto de regras que permitiriam ao orador inscrever com facilidade, na virtualidade de sua memória, tudo o que necessitasse para discorrer com a maior eficácia possível, isto é, concebida como um procedimento artificial de mnemotecnia, pelo qual um conjunto de dados pode ser estocado e ordenado e no qual é possível encontrar instantaneamente um elemento preciso, a arte da memória baseia-se de fato no jogo de duas noções completamente fundamentais, todo o tempo retomadas em todos os tratados: os lugares (*loci*) e as imagens (*imagines*). (DUBOIS, 2011, p.314).

Além da memorialização dos artefatos produzidos quando realizadas as ações documentárias e retomando a discussão da sistematização das informações produzidas, trazemos à luz o debate das informações sobre os povos indígenas. A própria CNV expõe que:

Devido à pouca sistematização sobre esse tipo de violações contra indígenas no Brasil, coube à Comissão Nacional da Verdade trazer o assunto à luz do dia e apontar à sociedade que os índios no Brasil também foram atingidos pela violência do Estado: esta investigação precisa de continuidade para que esses povos participem e sejam beneficiados pelo processo de justiça transicional de desenvolvimento no Brasil. (CNV, 2014, p.200).

Por mais que a documentação produzida junto aos índios Urubu-Kaapor não tenha sido utilizada até o presente momento como parâmetros de investigação de ações cometidas pelo Estado brasileiro contra povos indígenas, a formação dos repositórios imagéticos e a preservação desta documentação podem indicar caminhos para serem trilhados sobre a documentação indígena no Brasil.

Como o próprio documento da CNV sugere, a necessidade de continuidade de investigação documentária se faz mais do que necessário para que sejam reparados resultados de ações empreendidas aos povos indígenas por omissão ou por políticas

errôneas realizadas pelo Estado, como também para a preservação de conquistas que podem, quiçá, estarem ameaçadas.

Alguns critérios de classificação de documentos recolhidos em área indígena produzido ao longo do século XX podem produzir desdobramentos para as ações executadas com o objetivo de minorar os efeitos dos danos produzidos aos índios brasileiros. Deste modo, a máxima “O homem elabora classificações, não as descobre” (LANGRIDGE, 1977, p.15) indica o relevante papel que desempenha o classificador no arranjo dos documentos e na realização de análises.

Ainda há de se considerar que as classificações estão sempre relacionadas a um propósito e que elas são relativizadas quanto ao seu tempo de produção como também aos fatores relacionados ao arranjo realizado:

[...] é óbvio que podemos ter muitas classificações. Não existem portanto nenhuma razão em julgar qualquer classificação como sendo certa ou errada. Ela pode ser apenas mais ou menos adequada para o seu propósito, embora algumas classificações possam servir a mais propósitos do que outras. (LANGRIDGE, 1977, p.17).

A produção desse arranjo deve atender às demandas dos maiores beneficiários dos sistemas de informação que tenham documentos dos povos indígenas: os próprios índios. Deste modo:

A gestão dos documentos e arquivos configura-se, a partir da segunda metade do século XX, como política e instrumento de governança e também de controle social do Estado pela sociedade. Tal não ocorreu, de forma geral, no Brasil e no cenário latino-americano. A ordenação informacional (e não apenas a arquivística) do Estado brasileiro – exceções à parte – ainda é historicamente precária, reflexo de zonas de opacidade informacional, resultante das lacunas de transparência imensas reservas de opacidade na gestão do que é público-estatal. (JARDIM, 2013, p.386-387).

É ainda interessante notar que o problema da classificação era de certa forma também, uma preocupação dos trabalhos da Seção de Estudos do SPI. O problema que se colocava era o que fazer com a documentação que havia sido recolhida nas áreas indígenas. Caso não ocorresse qualquer tipo de tratamento documental quando do seu depósito, provavelmente esta documentação não chegaria aos dias de hoje. Destarte:

Como complemento indispensável de suas pesquisas de campo a Secção de Estudos vem esforçando-se, no correr destes anos, para fazer de sua sede um centro de estudos etnológicos. As coleções de artefatos, os documentários fotográficos e cinematográficos, bem como as gravações das músicas e das línguas indígenas trazidas pelas expedições, são alí elaboradas, **classificadas**

e postas à disposição dos estudiosos que as queiram examinar. (RIBEIRO, 1951, p.369, grifo nosso).

Resplandece na passagem que somente com uma classificação adequada é que se poderia dar acesso aos estoques informacionais obtidos quando da realização das expedições científicas juntos aos povos indígenas em diversos pontos do país. Esta visão também reflete o processo de qualificação e profissionalização que o Estado brasileiro começa a apresentar em seus quadros profissionais, com a contratação de técnicos especializados mais preocupados, por exemplo, com os esquemas classificatórios dos registros coletados.

A presente pesquisa é um exemplo do interesse de investigar sobre a etnia Urubu-Kaapor no contexto da manutenção do acúmulo documentário numa instituição estatal como o Museu do Índio e no contexto histórico da produção de documentos produzidos. Refletir sobre esta relação dialética, ou até mesmo conflitante, de atentados aos territórios indígenas e até mesmo a seguridade física dos índios, o fomento de expedições científicas financiadas pelo Estado, assim como a salvaguarda da documentação originária quando da realização de atividades de registro e classificação documentária, permitirá melhor entender o caráter paradoxal das próprias ações documentárias que ora são elementos de controle social, ora são instrumentalizados pelos próprios indígenas para conquistar e/ou assegurar direitos.

A seguir, serão apresentados os objetivos da pesquisa, a discussão teórica do tema fundamentada nos cânones da Ciência da Informação e de outros marcos teóricos relevantes, os procedimentos metodológicos adotados e a análise dos dados: o acervo iconográfico advindo das expedições científicas aos índios Urubu-Kaapor e na eleição de categorias temáticas representativas do acervo que evidencie características de valorização da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira. Por fim, as considerações finais advindas da pesquisa realizada.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral:

A pesquisa tem como objetivo geral:

- Investigar o acervo fotográfico e textual das expedições científicas realizadas pelo etnólogo Darcy Ribeiro nos anos de 1949 e 1951 na região dos índios Urubu-Kaapor, depositado no Museu do Índio, buscando identificar alguns elementos distintivos das duas expedições científicas e de valorização da etnicidade dos povos indígenas e da diversidade étnica-cultural brasileira.

2.2 Específicos:

A pesquisa tem como objetivos específicos:

- Identificar dados sócio-culturais dos índios que habitam a região do rio Gurupi, na divisa dos Estados do Pará com o Maranhão, buscando subsidiar a contextualização das fotografias originárias das expedições científicas realizadas aos índios Urubu-Kaapor;
- Analisar o acervo fotográfico originário das duas expedições científicas realizadas buscando eleger categorias temáticas relevantes de natureza cultural e étnica dos índios Urubu-Kaapor e da diversidade étnica-cultural brasileira.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A dissertação teve por objetivo compreender o contexto de produção documental produzido quando das Expedições Científicas aos índios Urubu-Kaapor entre os anos de 1949 e 1951, no acervo depositado no Museu do Índio.

O trabalho procurou estabelecer um paralelo entre a finalidade do registro fotográfico realizado em regiões habitadas por povos indígenas e o contexto de produção documentário, quando das expedições científicas realizadas com a participação de Darcy Ribeiro. Este trabalho buscou refletir sobre a dinâmica documental efetuada na realização do registro, a salvaguarda e a disponibilização de acervos da temática indígena depositados no Museu do Índio.

Os modelos de validação documentária para a salvaguarda de documentos que remontam um momento da vida dos índios Urubu-Kaapor quando da expedição efetuada por Darcy Ribeiro foram observadas considerando que, como indica Fernandes (2011), o acolhimento de um acervo numa instituição ocorre num momento de contrato entre as partes interessadas na salvaguarda do acervo. Mesmo existindo a presumida supremacia do Estado quando da escolha daquilo que deverá ser preservado, os atores sociais registrados em algum momento provocaram a ação estatal para a realização do registro e seu acolhimento para finalidades futuras. Como afirma a própria autora:

Há um entrecruzamento de práticas documentárias e ações de informação, herdadas, e mantidas sempre em negociações, por uma diversidade de agenciamentos, que, ao fim, e ao cabo, fazem com que reconheçamos algo como documento ou como informação. Isto nos indica um único circuito de produção e de reprodução das “realidades” documentais e informacionais. Uma vez que tais “realidades” são aceitas, sejam como provas, comprovantes, evidências, aquilo que transforma estruturas, unidades de conhecimento, produção de sentido, ou outras definições que possamos para elas encontrar, podem-se examinar as práticas documentárias e as ações de informação enquanto políticas difusas e seus efeitos na construção da memória. (FERNANDES, 2011, p.220-221).

A formação dos repositórios institucionais do Museu do Índio vem no bojo de uma mudança no modelo de tratamento para com os povos indígenas, se colocando a serviço da chamada causa indígena. Assim, o depósito de registros imagéticos/textuais sobre os índios brasileiros representam a preservação de expressões da etnicidade indígena e da recuperação do patrimônio histórico-cultural desses povos.

Uma primeira problematização a ser considerada diz respeito à finalidade do registro fotográfico realizado pelas expedições científicas entre os índios Urubu-Kaapor. Importante explorar que com o tratamento técnico do acervo imagético, ocorreu também a necessidade da efetivação de um modelo classificatório na qual se produziu um discurso na classificação do acervo organizado pelo Museu do Índio.

Um importante marco teórico é o pensador Derek Langridge, que vai discutir a classificação em sistemas de recuperação da informação. Como afirma Souza na apresentação do trabalho de Langridge,

A função que a classificação desempenha na organização do conhecimento é das mais importantes, mesmo imprescindível; concorre efetivamente para que sistemas de recuperação da informação alcancem seu principal objetivo: satisfazer as necessidades de informação e documentação de seus usuários. (SOUZA, 1977, p.3).

A própria atividade de classificar consiste num ato de escolha daquele que define uma política documentária num determinado universo circunscrito. Piedade ensina que,

Há tantas possibilidades de classificar quantas forem as semelhanças e diferenças existentes entre os objetos ou as ideias a classificar. [...]. Existem tantas classificações quantas forem as características possíveis de serem empregadas como base da divisão. (PIEADADE, 1977, p.14).

Importante ser destacado também que há classificações realizadas tanto no registro documentário textual quanto no ordenamento das imagens das expedições feitas aos povos indígenas. Como expõe Landridge, a escolha de uma classificação está sempre relacionada a um propósito:

[...] é óbvio que podemos ter muitas classificações. Não existe portanto nenhuma razão em julgar qualquer classificação como sendo certa ou errada. Ela pode ser apenas mais ou menos adequada para o seu propósito, embora algumas classificações possam servir a mais propósitos do que outras. (LANGRIDGE, 1977, p.17).

Outro ponto a ser refletido em nosso estudo no que tange ao aspecto classificatório diz respeito à importância que a classificação tem para os estudos antropológicos. Como indicar Bowker e Star:

Por toda esta importância, classificações e padrões ocupam um lugar peculiar em estudos de ordem social. Antropólogos têm estudado a classificação como um dispositivo de compreender as culturas dos outros - categorias tal como o cru e o cozido tem sido pistas para o núcleo de princípios organizadores para

entendimentos ocidentais coloniais de cultura "primitiva".⁴ (BOWKER e STAR, 1999, p.3, tradução nossa).

Mesmo os estudos realizados por cientistas sociais e antropólogos, quanto ao caráter, por exemplo, da integração dos povos indígenas ao mundo dos brancos, ou a relação dicotômica entre “selvagem” e “civilizado”, requer um requinte no entendimento classificatório. O próprio processo imagético-documental realizado por Darcy Ribeiro também necessita do entendimento do que o próprio etnólogo entendia como relevante para a construção dos registros e uma posterior classificação do que pode ser entendido como digno de ser preservado.

A pesquisadora Olga Pombo apresenta contribuições quanto à classificação de acervos documentais. No texto “Da Classificação dos Seres a Classificação dos Saberes”, a autora aborda uma série de questões de importância para a compreensão dos contextos classificatórios, como também da ontologia do próprio processo de classificar. Citando Apostel, Pombo indica que há cinco características gerais de toda classificação geral:

1) cada classificação tem por detrás um determinado mecanismo classificador que executa, melhor ou pior, as operações necessárias à classificação, 2) cada classificação persegue uma mais ou menos sistemática multiplicidade de fins que, em última análise, vão determinar a sua estrutura, 3) cada classificação exerce-se sobre um domínio da realidade cujas estruturas internas tornam mais ou menos fácil as operações necessárias à classificação, 4) cada classificação constroi-se no contexto das classificações precedentes do mesmo domínio, ou seja, há uma inexorável historicidade das classificações ao longo da qual os domínios classificados podem ser modificados, as divisões podem ser completadas, novos critérios de classificação podem ser acrescentados, 5) para cada classificação existe um produto externo da actividade classificadora que se apresenta como uma árvore genealógica mais ou menos regular, isto é, toda a classificação supõe uma dupla operação: o estabelecimento de equivalências entre classes do espaço classificatório global; o estabelecimento de hierarquias entre subclasses no interior das classes previamente estabelecidas. (APOSTEL apud POMBO, 2008, p.4).

É possível refletir sobre a concepção de que a formação classificatória no contexto da Ciência da Informação ocorre em diversos tipos de classificação. Assim, desde produção fotográfica dos anos de 1940/1950, como a obtida por Darcy Ribeiro, assim como a formação de instrumentos de inteligência artificial no século XXI, se faz necessário o desenvolvimento de bases teóricas de cunho classificacionistas com o

⁴ For all this importance, classifications and standards occupy a peculiar place in studies of social order. Anthropologists have studied classification as a device understanding the cultures of others – categories such as the raw and the cooked have been clues to the core organizing principles for colonial Western understandings of “primitive” culture.

intuito de melhor organizar o conhecimento e os demais elementos de gestão informacional/conhecimento. Por conseguinte: “As novas tecnologias de informação são inúteis sem os meios de localizar, filtrar, organizar e resumir os seus produtos.” (LUCAS, 1996, p.60).

Um pensador da Ciência da Informação que realiza importantes discussões no campo da documentação é Borko. Para este autor, a documentação tem o papel de desenvolver mecanismos de acesso a estoques informacionais. Porém, estes repositórios devem estar circunscritos para uma clientela específica, informação esta que será disponibilizada mediante instrumentos documentários específicos de classificação, tais como tesouros e vocabulários controlados. O autor parte da questão básica sobre o conceito de Documentação:

O que é então a documentação? Documentação é um dos muitos componentes aplicados da ciência da informação. A Documentação está preocupada com a aquisição, armazenamento, repositórios e disseminação de informação documental registrado, principalmente de modo formal e em literatura de periódico. Devido à natureza da coleção e dos requisitos dos usuários, a documentação tende a enfatizar o uso de equipamentos de processamento de dados, reprografia e microformas como as técnicas de tratamento da informação.⁵ (BORKO, 1968, p.5, tradução nossa).

Borko naquele momento destacava as mais avançadas tecnologias documentárias, como a reprografia e a utilização de microfilmes. Nos dias de hoje, é possível citar o uso das bases de dados que representam o acesso remoto a diversas informações. A Documentação, enfim, tem a responsabilidade não apenas de enfatizar, mas desenvolver novos meios de representação documentária no contexto das recentes tecnologias de informação.

Como também relatado por Campos (2003), se faz necessário num primeiro momento rastrear o universo temático de um esquema de classificação. Deste momento em diante, o pesquisador poderá estabelecer o corte que será realizado no universo de assuntos representados.

Outro fator também de destaque é a complexidade da arte de classificar. Assim:

⁵ What then is documentation? Documentation is one of many applied components of information science. Documentation is concerned with acquiring, storing, retrieving and disseminating recorded documentary information, primarily in the form of report and journal literature. Because of the nature of the collection and the user's requirements, documentations has tended to emphasize the use of data processing equipment, reprography and microforms as techniques of information handling.

[...] a tarefa da classificação é mapear o universo multidimensional dos assuntos ao longo de sua atividade [...] Vimos quão tortuosa é a tarefa de terminar e priorizar uma escala de relações preferidas entre todas as idéias isoladas e entre todos os assuntos. [...]. Há muitas relações vizinhas imediatas entre os assuntos. Tendo fixado um destes assuntos na primeira posição da linha, devemos decidir qual será seu vizinho imediato, qual seu vizinho de transferência dois, e assim sucessivamente. Podemos perder noites de sono e ainda não estarmos perto de uma solução firme. Se não formos estudantes sérios de classificação podemos desistir dizendo 'a classificação é impossível'. Para uns poucos, a classificação é mesmo marcada por um absurdo lógico. Esta é a medida da magnitude do mapeamento do Universo de Assuntos Multidimensionais ao longo da atividade que é a classificação. (RANGANATHAN apud CAMPOS, 2003, p.159).

Após a breve apresentação do desafio da classificação por Ranganathan, podemos supor como para o pesquisador, que adentra pela seara da classificação, fica evidente a dificuldade de criar metodologias que possam abarcar todo o conjunto documental em estudo. Ao se tratar de documentação de cunho etnológico, o problema se torna de maior magnitude, pois o acervo está imbuído de componente emocional e outros fatores que nos levam a pensar na importância do trabalho indigenista e dos desdobramentos que tais ações podem acarretar para o futuro dos povos indígenas.

Outro ponto que merece ser discutido é que a formação dos acervos do Museu do Índio vem no caminho da institucionalização das Ciências Sociais no Brasil e da demanda por informação de pesquisadores da temática indígena. Le Coadic comenta:

As atividades científicas e técnicas são o manancial de onde fluem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem, só se concretizam, mediante essas informações. A informação é a seiva da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. (LE COADIC, 2004, p.26).

Os critérios de construção e validação de documentos na Ciência da Informação são discutidas por González de Gómez (2007). No âmbito do conceito de regime de informação, fica entendido como a constituição de uma rede de atores que negociam os seus interesses para gerar, capturar, organizar, fazer circular, vender e disseminar informações.

González de Gómez também destaca o paradoxo do conhecimento, quando esta produção pode se formar de modo alienado do seu produtor e outro sendo realizado de maneira dialética, entre registrador e registrado:

Nesta perspectiva, por uma espécie de paradoxo, se fala do conhecimento de duas maneiras opostas: (a) o conhecimento é visto como o objeto de um observador que pode saber e observar independentemente do produtor, por

isso, então, o conhecimento é de ordem objetivado e objetivo. (b) O conhecimento é considerado como a construção de um metaconhecedor intencional e ativo que pode objetivar, modelar ou gerir um processo de conhecimento de outros conhecedores, assim como intervir sobre o observado e a observação.⁶ (GONZALÉZ DE GOMEZ, 2007, p.10, tradução nossa).

Portanto, no contexto da presente investigação coloca-se a seguinte questão: seria a formação da imagem de um índio registrado possivelmente de forma idealizada por Darcy Ribeiro entre os Urubu-Kaapor com o objetivo de valorizar a etnicidade indígena? É possível identificar uma ação intencional em colocar ou retirar em evidência certos aspectos étnicos daquele povo indígena registrado ou da própria diversidade étnica-cultural brasileira?

É importante ressaltar que quando se trata do registro documental indígena realizado pelo Estado brasileiro nos anos 1940, a mediação realizada entre o pesquisador e o pesquisado era muito assimétrica por meio da execução do chamado poder tutelar:

O poder tutelar constituir-se-a através de mecanismos a um tempo de governo de populações/(di)visão de povos e territorialização de espaços dispersos à administração, inserindo-os em um sistema hierarquizado e codificado em uma lei de pertencimento restritivo à comunidade política nacional. O processo de superposição de códigos e referenciais nativos ou não-nacionais àqueles disseminados pela administração, é produto do funcionamento de aparelhos de governo que criam/vulgarizam significados, através de uma rede de unidades de ação concebida para ter acesso a todo o espaço definido como território nacional. (LIMA, 1992, p.52).

A concepção de poder tutelar executado pelo Estado brasileiro por meio do Serviço de Proteção aos Índios indica uma importante parcela de autonomia dos agentes estatais envolvidos na construção dos registros documentários, como no caso da produção dos registros fotográficos realizados entre os índios Urubu-Kaapor. Hodiernamente, há uma dinâmica mais negociada quando do trabalho etnológico/documental. Esta ação é verificada a partir das iniciativas existentes, por exemplo, nos Programas de Documentação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO que demandam necessariamente da

⁶ En esta perspectiva, por una espécie de paradoja, se habla del conocimiento de dos maneras contrapuestas: (a) el conocimiento es visto como objeto de un observador que puede conocerlo y observarlo independientemente de su productor, así, entonces, el conocimiento es del orden de lo objetivado y objetivo. (b) El conocimiento es considerado como la construcción de un metaconocedor intencional y activo que puede objetivar, modelar o gestionar un proceso de conocimiento de otros conocedores, así como intervenir sobre lo observado y la observación.

presença de indígenas no registro documental e no posterior processamento técnico destes conjuntos documentários.

O Museu do Índio tem realizado desde os anos de 1980 ações documentais em parceria com os povos indígenas, além de um Programa estabelecido em parceria com a UNESCO, chamado de Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas – PROGDOC. Assim:

O uso pelos indígenas de meios audiovisuais como recurso tanto para a reabilitação cultural quanto para o enfrentamento político, é um fenômeno recente mas que já revela seus frutos. Assistimos no Brasil ao nascimento de uma nova linguagem visual, condicionada pelo modo particular dos realizadores índios de verem a si mesmos e ao meio que os cerca – reapropriação tecnológica inédita por povos que têm sofrido duramente os efeitos da modernização do seu “modus vivendi”. (MENEZES, 1989, p.35).

Na construção dos registros documentários em repositórios institucionais, no contexto de salvaguarda por parte do Estado brasileiro, é observada uma ação organizada, numa rede articulada e negociada entre os diversos atores em questão. Como afirma Fernandes,

Isto significa que o Estado, mesmo que colocasse ao seu encargo a condução de uma política de preservação de memória informacional/documentária, teria de lidar não com uma massa de informações e documentos sem direção, esperando que alguém lhe forneça um rumo, mas com uma rede articulada, de interesses diversos e negociados, que desenvolveu meios estabilizados e estabilizadores de produção, validação, captura, incorporação, circulação e comercialização de documentos e/ou informações. Daí, o exame de estoques e fluxos de documentos e informações, tenha em vista o desenvolvimento de instrumentos, tenha em vista uma meta de política de memória ou informação, que passasse ao largo do quadro já dado de forças constituintes e mantenedoras de documentos e de informações, teria sua eficácia comprometida. (FERNANDES, 2011, p.210).

Deste modo, fica estabelecida uma relação de disputa entre o Estado e os agentes envolvidos no processo de documentação, da hegemonia de quem conduzirá o processo de perenidade dos registros a serem efetuados e posteriormente salvaguardados numa instituição de memória. Por projeto hegemônico, é entendida à luz de Antônio Gramsci, explanado por Moraes:

Para Antonio Gramsci, o conceito de hegemonia caracteriza a liderança cultural-ideológica de uma classe sobre as outras. As formas históricas da hegemonia nem sempre são as mesmas e variam conforme a natureza das forças sociais que a exercem. Os mundos imaginários funcionam como matéria espiritual para se alcançar um consenso reordenador das relações sociais, consequentemente orientado para a transformação. (MORAES, 1997, p.97).

Ao abordarmos os acervos fotográficos para tratamento documental, o problema da identificação imagética aparece com maior magnitude. Não há, por excelência, a identificação imagética com o produtor, principalmente num processo de descontextualização. A pesquisa imagética do contexto e da produção do material se faz mais necessária do que, por exemplo, com acervos textuais, como relatórios de pesquisas. Como ilustra Lasmar,

Há que esclarecer que, independentemente do método adotado, o trabalho de arranjo documental pressupõe toda uma atividade intelectual de busca de informações sobre o acervo, de maneira a permitir um profundo conhecimento sobre a instituição que o gerou. No caso de acervos imagéticos, essa busca de informação é ainda mais premente, uma vez que as imagens, por si só, não identificam as funções que as contextualizam. (LASMAR, 2011, p.32).

As instituições depositárias de acervos imagéticos, como explicitada por Lasmar, devem possuir por meio de seus técnicos um método de trabalho que na formação da coleção fotográfica tenham a contextualização da produção documentária, como também a identificação dos acervos a serem inseridos. Isto porque uma coleta não planejada acarretará na perda das informações originárias. Deste modo,

As instituições que guardam este tipo de documentação devem perceber que, à medida que esta se distancia da época em que foi produzida, mais difíceis as possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas, e portanto menos úteis serão ao conhecimento, justamente por não terem sido estudadas convenientemente desde o momento em que passaram a integrar as coleções. (KOSSOY, 2012, p.31).

As imagens representam elementos dispersos quando não contextualizados em acervos arquivísticos que possuem uma lógica própria. Inserido num contexto específico, o acervo imagético ganha vida, não se resumindo ao prazer estético para o observador da imagem. A fotografia possui valor probatório, sendo importante para os povos indígenas comprovarem alguns elementos em contendas judiciais, por exemplo, aqueles que envolvem a memorialidade e preservação de suas terras.

Lacerda também possui um entendimento sobre a necessidade da referência do documento fotográfico:

Outro ponto importante a ser destacado refere-se à existência ou não de referência verbal que acompanhe o documento fotográfico. Para que sejam articulados imagem e significado, ancorados na função do documento a partir do conhecimento do seu contexto de criação, há que estabelecer a data e o local de produção documental (que podem diferenciar-se da data e do local da cena retratada), as razões da produção, além dos conteúdos de assunto da imagem (local, data e assunto da cena retratada). Esses elementos podem ou não estar presentes nos registros fotográficos devendo, se necessário, ser

buscados fora do documento. Alguns deles podem vir inscritos no verso da fotografia, na emulsão fotográfica ou em outras fontes de informação anexas, mas outros certamente só poderão ser determinados mediante pesquisa. (LACERDA, 2012, p.293).

Mais do que a representação da realidade, a imagem fotográfica é o início para a compreensão do passado e de uma dada realidade social circunscrita, já que há outros desdobramentos a serem realizados, para além da análise imagética. As fotografias possuem indícios do que seria a realidade naquele determinado contexto histórico de produção, todavia as formações de novas unidades estão para além do que apresentado aos nossos olhos. Como ensina o intelectual francês:

Por essas qualidades da imagem indicial, o que se destaca é finalmente a dimensão essencialmente *pragmática* da fotografia (por oposição à *semântica*): está na lógica dessas concepções considerar que as fotografias propriamente ditas quase não têm significados nelas mesmas: seu sentido lhes é exterior, é essencialmente determinado por sua relação efetiva com o seu objeto e com sua situação de enunciação. (DUBOIS, 2011, p.52).

Ainda discutindo o elemento probatório, é necessário verificar de qual olhar estamos falando e para quem é esta fala. Mais do que transmitir uma possível verdade por meio da imagem, se faz necessário compreender o enfoque da produção documentária. Logo:

É preciso que apuremos nossos instintos e reflexões para percebermos, como nos mostra Foucault, que, no fundo da prática científica, existe o seguinte discurso: nem tudo é verdadeiro, mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que, no entanto, está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar as boas perspectivas, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar. (PINHEIRO ; LOUREIRO, 1995, p.16).

Outra questão a ser compreendida à luz da Ciência da Informação é a forma como ocorreu a organização do acervo Urubu-Kaapor nas duas expedições realizadas nos anos de 1949 e 1951 e qual foi o objetivo do registro realizado por Darcy Ribeiro. Importante mencionar que a pesquisa aqui realizada se utilizou da ideia de fertilização cruzada:

Foskett, em 1973, deixa claro, ao se referir à ciência da informação, a sua natureza interdisciplinar como 'fertilização cruzada' de ideias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos novos meios de comunicação e aquelas ciências como psicologia e linguística, que, em suas formas modernas, tem a ver diretamente com todos os problemas da comunicação – a transferência do conhecimento organizado. (PINHEIRO e LOUREIRO, 1995, p.3).

A contribuição da Ciência da Informação foi trazer novos elementos disciplinares para que sejam desenvolvidas pesquisas relevantes no campo informacional. Isto significou a utilização de diversos referenciais teóricos para que se realize uma pesquisa com profundidade e elementos mais esclarecedores do objeto de estudo em questão.

Também é importante destacar a interdisciplinaridade para os estudos da Ciência da Informação como elemento ainda não sedimentado na formulação teórica que tenha por base os estudos informacionais. Portanto:

Finalmente, se considerarmos como marco científico da Ciência da Informação a sua primeira formulação conceitual, em 1961/62, ainda que indícios de seu nascimento datem do final do século 19 e, ainda, que esta nova área seria, por sua natureza, uma interciência, não é possível ainda vislumbrar, nessa “galaxia de disciplinas”, tanto no seu núcleo como nos seus contornos, onde tudo está em movimento, nem sua conformação epistêmica, nem seus horizontes, embora se anunciem em profusas irradiações. (PINHEIRO, 2009, p.111).

O fato da Ciência da Informação se utilizar para o entendimento do seu objeto de pesquisa a contribuição de outras áreas do conhecimento, não significa que esta ciência esteja distante de rigorosos métodos científicos de análise. Neste sentido:

Por outro lado, se ainda é dependente de teorias de outras ciências, justifica-se por ser relativamente jovem e, mais que isso, pela própria relação que mantém com algumas disciplinas que compõem as ciências sociais, por sua vez, também dependentes de teorias, mas nem por isto negadas como ciências. (GARCIA, 2002, p.64).

Ao trabalhar no campo da Ciência da Informação, é possível transpor barreiras disciplinares, utilizando marcos teóricos de outras áreas, como da Antropologia. Por exemplo, ao problematizar os distintos olhares num arranjo específico abordado por Clifford Geertz. Assim, fica estabelecido um paralelo da sua “piscadela” com o registro realizado por uma câmera fotográfica em área indígena:

Vamos considerar, diz ele, dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Num deles, esse é um tique involuntário; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos; observando os dois sozinhos, como se fosse uma câmara, numa observação “fenomenalista”, ninguém poderia dizer qual delas seria um tique nervoso ou uma piscadela ou, na verdade, se ambas eram piscadelas ou tiques nervosos. No entanto, embora não retratável, a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda. O piscador está se comunicando e, de fato, comunicando de uma forma precisa e especial: (1) deliberadamente, (2) a alguém em particular, (3) transmitindo uma mensagem particular, (4) de acordo com um código socialmente estabelecido e (5) sem o conhecimento

dos demais companheiros. Conforme salienta Ryle, o piscador executou duas ações — contrair a pálpebra e piscar — enquanto o que tem um tique nervoso apenas executou uma — contraiu a pálpebra. Contrair as pálpebras de propósito, quando existe um código público no qual agir assim significa um sinal conspiratório, é piscar. É tudo que há a respeito: uma partícula de comportamento, um sinal de cultura – voilá – um gesto. (GEERTZ, 2008, p.5).

Assim como há uma sutil diferença entre um tique involuntário e uma piscadela conspiratória, há também uma delicada distinção entre os olhares produzidos por fotógrafos que desejavam, dentre outros objetivos, retratar a temática indígena por diferentes abordagens. Assim como numa piscadela, uma determinada perspectiva poderá produzir um efeito que exalte ou não a cultura indígena.

Um autor que discute sobre os tipos de informação que possuem representatividade é Saracevic, como destacam Pinheiro e Loureiro:

E qual o significado, o sentido de informação na ciência da informação? Quem elabora melhor o conceito, dentro dessa área, é Saracevic, em trabalho de capital importância sobre relevância, conceito ao qual informação está associada. Saracevic distingue informação e informação relevante, esta última relacionada a mecanismos de comunicação seletiva e à orientação aos usuários de sistemas de recuperação da informação. A efetividade da comunicação do conhecimento se dá, segundo Saracevic, na medida de sua transmissão de um arquivo ao outro, ocasionando mudanças. Portanto, relevância é a medida de tais mudanças, e a ciência da informação, ao lado da lógica e da filosofia, apresenta-se como disciplina essencial no território dos estudos e reflexões sobre relevância e, conseqüentemente, informação. (PINHEIRO ; LOUREIRO, 1995, p.6-7).

Outro ponto acerca da idiosincrasia daquele que produz sobre a temática indígena é quanto ao registro realizado. Isto porque nos registros obtidos é de se supor que os fotógrafos coloquem uma intencionalidade implícita, revelando o que estes profissionais desejavam ter como visão dos povos indígenas. As fotografias, que são documentos probatórios da presença de indígenas em regiões distintas do país, não deixam de ser também evidências de outros olhares, por parte dos fotógrafos, quando da captura desses indivíduos. Como explicita Kossoy:

As possibilidades de o fotógrafo interferir na imagem – e portanto na configuração própria do assunto no contexto da realidade – existem desde a invenção da fotografia. Dramatizando ou valorizando esteticamente os cenários, deformando a aparência de seus retratados, alterando o realismo físico da natureza e das coisas, omitindo ou introduzindo detalhes, o fotógrafo sempre manipulou seus temas de alguma forma. [...]. Entre o assunto e sua representação ocorrem uma sucessão de interferências ao nível da expressão que alteram a informação primeira. (KOSSOY, 2009, p.30).

A própria produção fotográfica realizada quando do trabalho do etnólogo em campo, como aquela realizada por Darcy Ribeiro, pode ser entendida como a compreensão social daquilo que gostaria que fosse representado num determinado contexto de interpretação histórica em relação ao produto final. Deste modo:

Nessa perspectiva, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido, pautado sobre códigos convencionalizados culturalmente. É uma mensagem, que se processa através do tempo, cujas unidades constituintes são culturais, mas assumem funções sógnicas diferenciadas, de acordo tanto com o contexto no qual a mensagem é veiculada, quanto com o local que ocupam no interior da própria mensagem. Estabelecem-se, assim, não apenas uma relação sintagmática, à medida em que veicula um significado organizado, segundo as regras da produção de sentido nas linguagens não-verbais, mas também uma relação paradigmática, pois a representação final é sempre uma escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis. (MAUAD, 1996, p.7).

Ao abordar a problemática do registro documental, é possível supor que quando da realização da inscrição imagética, não há necessariamente a passagem perene do registro para a formação/coleção documentária, já que necessita passar por procedimentos documentários para esse intuito. Como escreve a pensadora francesa Briet,

Uma estrela é documento? Um seixo rolado por uma torrente é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Mas são documentos fotografias e catálogos de estrelas, as pedras do museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos no jardim zoológico.⁷ (BRIET, 1951, p.7, tradução nossa).

Assim como somente uma fotografia num catálogo é um documento, apenas uma fotografia de uma expedição científica aos povos indígenas indexada numa base de dados pode ser considerada um documento. O registro sem o desdobramento documentário não poderá produzir novos produtos, como também se perderá o elemento mais fundamental, que é a transformação do registro em documento.

Por desdobramento documentário entende-se serem práticas institucionalizadas calcadas no campo da Documentação para que possam serem criados repositórios, coleções ou demais arranjos documentais organizados de forma racionalizada e que possam ser recuperados no tempo futuro.

⁷ Une étoile est-elle un document? Un galet roulé par torrent est-il un document? Un animal vivant est-il un document? Non. Mais sont des documents lês photographies et lês catalogues d'étoiles, les pierres d'un musée de minéralogie, les animaux catalogues et exposés dans Zoo.

Na formação das coleções iconográficas há uma intencionalidade do fotógrafo, assim como também do indigenista que está em campo realizando trabalhos juntos aos povos indígenas. O próprio Darcy Ribeiro estabelece uma crítica quanto há uma possível neutralidade no engajamento do trabalho indigenista em campo:

A atitude humanística de muitos etnólogos que percorreram o interior do país parece contradizer essas afirmações; mas a verdade é que a ciência antropológica da época, não considerava como tarefa sua a produção de soluções para os problemas sociais dos povos que estudava. Cultivava, ao contrário, uma atitude de alheamento para tudo quanto pudesse parecer cogitação prática ou preocupação assistencial. (RIBEIRO, 1962, p.27).

O pesquisador Michel Duchein (1982, p.1) afirma que o princípio fundamental que estabelece o arquivo é o respeito aos fundos. Na dinâmica desta pesquisa, é considerado *a priori* que este princípio foi preservado, já que o então Serviço de Registro Audiovisual – SRAV, atual Núcleo de Biblioteca e Arquivo – NUBARQ do Museu do Índio, constituiu o acervo institucional buscando parâmetros científicos a fim de construir um estoque informacional para salvaguardar e disseminar os acervos depositados na instituição.

Importante também salientar que a migração do acesso à informação para o ambiente *web* não significa uma simplificação do propósito posto para o acervo e no arranjo classificatório a ser realizado. Souza explica que,

Como sabemos, o aumento exponencial da literatura por um lado e a diversidade de demandas de informação por outro, incentivou e, até mesmo, provocou ao longo do tempo o desenvolvimento de estudos e pesquisas no campo da organização do conhecimento e da representação da informação. Instrumentos, métodos e técnicas de tratamento da informação se proliferaram. Atualmente, com a introdução das novas tecnologias de comunicação e informação, o problema do tratamento da informação, em sua essência continua o mesmo. O que passa a ser diferente são as novas dimensões das atividades coleta, arquivamento, busca e acesso à informação/conhecimento. Continuam a ter especial interesse o desenvolvimento de instrumentos, métodos e técnicas direcionadas a solucionar os aspectos cognitivos, operacionais e práticos de tratamento da informação. (SOUZA, 2000, p.3).

Quanto à classificação originária do acervo depositado no Museu do Índio, podem ser consideradas duas linhas de raciocínio para explicar o arranjo realizado na instituição:

- 1) A classificação foi realizada de forma natural, a partir dos fatos que foram se sucedendo cronologicamente quando do registro documental. Para se chegar

a esta conclusão, foi necessário um estudo pormenorizado dos diários de campo de Darcy Ribeiro realizado quando das expedições científicas. Importante também explicitar que há uma numeração sequencial em ordem crescente dados aos negativos, sendo que da primeira expedição está em formato 35 mm e da segunda expedição em 6x6 cm, ambos em suporte nitrato;

- 2) Outra linha de raciocínio da pesquisa classificatória do acervo Urubu-Kaapor é uma classificação atribuída tardiamente. É possível supor que um técnico documentalista chamado João Domingos Lamônica, fotógrafo de Rondon que trabalhou no Museu do Índio por mais de 40 anos, tenha realizado num dado momento uma classificação que atendesse o relato de Darcy Ribeiro em seus diários de campo. Até mesmo porque, não há somente os negativos já mencionados, como também há o espelhamento realizado nos contatos em folhas organizadas, trabalho com característica típica do “Seu Lamônica”, como era carinhosamente chamado pelos servidores do Museu do Índio.

Foi possível observar que a classificação realizada no acervo sobre os índios Urubu-Kaapor se coaduna com as duas hipóteses, pois encontramos o acervo arranjado de forma cronológica, como apontada na primeira hipótese, assim como na segunda hipótese é apoiada pela nota de rodapé (n.11) escrita por Mendes quando explica sobre a organização do acervo do Museu do Índio:

O antigo arquivo fotográfico do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, **quando organizado por João Domingos Lamônica**, era constituído por fichas de contato de negativos 6x6 e por pastas de contatos de negativos 35 mm, chamadas de Filmoteca 35 mm. Nas pastas, as fotografias eram referenciadas pelo título de “Filme” e pela numeração individual em um espelho fotográfico. Por exemplo: Terena, filme nº9, fotos de 287 a 317. Cada “filme” continha cerca de 36 fotografias e um resumo do assunto registrado. (MENDES, 2012, p.250, grifo nosso).

Uma pesquisadora que aborda o entendimento da representação da imagem e o seu significado é Johanna Smit. A reflexão do estatuto da imagem fotográfica para a documentação e os níveis de análise da imagem, composto por pré-iconográfico, iconográfico e iconológico são importantes para a compreensão das matizes do ente imagético como as produções realizadas por Heinz Foerthmann e Darcy Ribeiro.

Outra questão pertinente diz respeito ao estudo empreendido pela Ciência da Informação, que traz elementos de diversas áreas da ciência para entender o fenômeno informacional. Como indica Morin, ao problematizar a questão da especialização:

Além disso, a hiperespecialização dos saberes disciplinares reduziu a migalhas o saber científico (que só pode ser unificado em níveis de elevada e abstrata formalização), sobretudo nas ciências antropológicas, que tem todos os vícios da sobreespecialização sem ter suas vantagens. Assim, todos os conceitos molares que abrangem várias disciplinas estão esmagados ou lacerados entre essas disciplinas e não são reconstituídos pelas tentativas interdisciplinares. Torna-se impossível pensar cientificamente o indivíduo, o homem, a sociedade. Alguns cientistas acabaram por crer que sua incapacidade para pensar esses conceitos provava que as idéias de indivíduo, homem e vida eram ingênuas e ilusórias, e promulgaram sua liquidação. Então, como conceber a responsabilidade do homem em relação ao homem quando já não há homem nem sociedade? (MORIN, 2005, p.119).

Para problematizar o papel da ciência no mundo contemporâneo e o desdobrar das limitações do recorte metodológico científico da grande especialização existente nos dias de hoje, a pesquisa se apoiou mais uma vez no pensamento de Edgar Morin, sobre a responsabilidade do cientista para com o seu objeto. Em se tratando de povos indígenas, este dito objeto tem voz ativa, vida e sentimento:

Ora, a ciência, a concepção “clássica” que ainda reina em nossos dias, separa por princípio fato e valor, ou seja, elimina do seu meio toda a competência ética e baseia seu postulado de objetividade na eliminação do sujeito do conhecimento científico. Não fornece nenhum meio de conhecimento para o saber o que é um “sujeito”. (MORIN, 2005, p.117).

O acervo pesquisado sobre os índios Urubu-Kaapor problematizou aquilo que Morin crítica, ou seja, a não participação do sujeito na história. Assim como documentalistas e bibliotecários são agentes do seu tempo, com todas as idiosincrasias a serem presenciadas, também os povos indígenas devem ser postos em destaque, recuperando estas parcelas como vozes atuantes e vivas em arquivos fotográficos de instituições, como a existente no Museu do Índio.

Outro ponto importante diz respeito ao olhar focado para com os povos indígenas. Faz-se necessário que o objeto de estudo seja pesquisado isento de preconceitos ou ideias pré-concebidas que denotem uma relação de assimetria para com o objeto de estudo. A escrita do etnógrafo Malinowski ilustra o enunciado:

O bom treinamento teórico e a familiaridade com os mais recentes resultados científicos não são equivalentes a estar carregado de idéias preconcebidas. Se um indivíduo inicia uma pesquisa com a determinação de provar certas hipóteses, se não é capaz de mudar constantemente seus pontos de vista e de

rejeitá-los sem relutância, sob a pressão da evidência, é desnecessário dizer que seu trabalho será inútil. (MALINOWSKI, 1984, p.45).

Por fim, trabalhar com povos indígenas é um exercício permanente de compreensão, entendimento e relativização para com o outro. Não sendo assim, como indica Malinowski, não adiantaria a mais alta elaboração intelectual que resulte numa objetivação de concepções pré-estabelecidas. Portanto, o presente trabalho é um exercício de relativismo cultural, permitindo mergulhar na cultura do outro por meio das lentes de Heinz Foerthmann e Darcy Ribeiro.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizou a investigação do arranjo classificatório no que diz respeito à temática indígena e aos repositórios constituídos no Museu do Índio, mais especificamente, os produzidos por Darcy Ribeiro no âmbito das expedições científicas junto aos índios Urubu-Kaapor. O acervo foi analisado à luz de diferentes abordagens a fim de permitir uma maior aproximação com a realidade representada nas fotografias e no entendimento do objeto de estudo.

Algumas fontes primárias foram elementares para o entendimento da produção documentária produzida junto aos índios Urubu-Kaapor. O primeiro a ser destacado é o chamado “Diários Índios” de Darcy Ribeiro quando das expedições científicas realizadas aos índios Urubu-Kaapor. Assim:

Fato curioso diz respeito à edição de Diários índios, em 1996. Berta [Ribeiro, mulher de Darcy Ribeiro] havia guardado todas as cartas que Darcy lhe enviara, entre 1949 e 1951, quando ele fez duas expedições para aldeias dos índios Urubu-Kaapor. Além disso, os cadernos de campo que Darcy escreveu durante essas viagens e que lhe eram enviados para que, no Rio, ela os datilografasse, também haviam sido preservados. O livro foi o resultado da edição dos cadernos e das cartas, material mantido por Berta por mais de quarenta anos. (HEYMANN, 2012, p.273).

Portanto, uma leitura acurada dos diários produzidos pelo Darcy Ribeiro para a sua amada, Berta Ribeiro, em área indígena, foi de grande importância para a compreensão do panorama de construção imagética e os revezes passados com os índios em estudo.

Ainda cabe destacar a importância que o próprio Darcy Ribeiro coloca ao falar sobre os diários de campo produzidos quando da viagem empreendida aos índios Urubu-Kaapor:

Então, em certo momento, tive a percepção de o que devia fazer era publicar meus diários. Eu escrevia mais ou menos bem dia por dia durante os dois anos, entre 49 e 50, que vivi entre os kaapor. Esses diários todos são volumes e volumes de manuscritos que minha mulher tinha datilografado. Estavam acessíveis. [...]. Realmente, terminei com a convicção de que melhor que destrinchar tudo aquilo, para fazer uma coisa teórica, descritível, era entregar os próprios fatos. No livro, digo ao leitor: ponha a mão na minha mão, venha, vamos andar milhares de quilômetros, para percorrer dezenas de aldeias dos índios Kaapor. [...]. É matéria bruta, é matéria prima que eu podia trabalhar com ela e que cada leitor trabalhe, cada teórico trabalhe, buscando os fatos que ele queira. (COELHO, 1997, p.49-50).

Outro documento relevante para o estudo aqui empreendido foi o Relatório de pesquisa 1949/1950 do etnólogo Darcy Ribeiro (Anexo 1) encaminhado ao Chefe de

Seção de Estudos, o professor Herbert Serpa. O relatório esclarecia, dentre outras realizações da viagem, os contextos de produção documental existentes. Esta documentação é referente à Primeira Expedição Científica.

Outro relatório de destaque que singulariza a região de pesquisa realizada entre os índios do rio Gurupi é intitulado “Quarenta anos de atividades do Serviço de Proteção aos Índios no Vale do Gurupi” (Anexo 2) que relatava a ação do SPI na região, além de análises propositivas a serem adotadas pela agência indigenista.

No que tange a Segunda Expedição Científica, Darcy Ribeiro realizou uma conferência no auditório do Ministério da Cultura em 23 de abril de 1951, por ocasião de comemoração da Semana do Índio chamada “Atividades Científicas da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios” que além da expedição científica mencionada, também abarcava outras informações, como o papel da Seção de Estudos e informações de cunho etnológico sobre os índios Urubu-Kaapor.

Quanto aos trabalhos de análise das fotografias produzidas nas duas expedições científicas, o estudo foi facilitado por dois motivos:

- 1) Toda a documentação imagética a ser pesquisada se encontra disponibilizada em ambiente *web*, mais especificamente, as fotografias estão indexadas item a item na base de dados *on-line* do Museu do Índio;
- 2) O arranjo realizado no ambiente virtual da base de dados do Museu do Índio respeita o arranjo feito quando da organização física do acervo, sendo um espelho da classificação dada.

Outro ponto a ser destacado é que a documentação textual do Serviço de Proteção aos Índios, que reflete a atuação do Estado junto aos povos indígenas entre os anos de 1910 a 1967, ano este de extinção do SPI, dando lugar a FUNAI, se encontra atualmente num processo de digitalização e foi um elemento importante para a compreensão do contexto da pesquisa. Esta documentação possui aproximadamente 800 mil documentos, ou seja, 106 metros lineares, que estará disponível em alta resolução numa base de dados. Cabe também destacar que a documentação pertinente a estes índios, inscrita na Inspetoria Regional 2 - IR2 - já foi arranjada e microfilmada nos fins dos anos 1970, início dos anos 1980 sob a coordenação do antropólogo Carlos Araújo Moreira Neto e orientação técnica da bibliotecária-documentalista Clara Galvão.

Por fim, é interessante notar que o próprio Darcy Ribeiro na introdução de seus “Diários Índios” já nos informava da livre interpretação que poderia ter quando da imersão do seu material bruto que estava sendo publicado naquele momento. Isto porque:

Não procure aqui teorizações. Este é o material bruto original de que elas são feitas. O importante, a meu juízo, é apresentar estes fatos brutos para que possam ser interpretados e não encondê-los atrás de construções cerebrinas. (RIBEIRO, 1996, p.12).

Ou seja, o próprio Darcy Ribeiro reconhecia que a documentação iconográfica produzida quando da realização das expedições científicas realizadas aos índios Urubu-Kaapor um dia seria objeto de estudo por pesquisadores interessados pela temática indígena e informacional.

Haveria, nas palavras de Darcy Ribeiro, uma ação interpretativa do material bruto obtido em terra indígena e que necessitaria de uma livre interpretação dos dados obtidos em campo. Quem pode atribuir significados para as ações empreendidas em meados do século XX são os agentes históricos da memória presente, o que é de agora em diante analisado sob o olhar do autor do presente trabalho.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O presente trabalho analisa de forma exploratória o acervo documental imagético das expedições científicas realizadas e idealizadas por Darcy Ribeiro nos anos de 1949 e 1951. O conjunto de fotografias produzidas possui ao todo 2083 itens fotográficos de negativos em suporte acetato nos formatos 35 mm e 6x6 cm, todos devidamente identificados e indexados na base de dados do Museu do Índio: a Primeira Expedição Científica resultou em 1097 itens fotográficos e a Segunda Expedição Científica o total de 986 registros imagéticos.

Para realização da empreitada científica, Darcy Ribeiro informa que a Seção de Estudos do SPI estava lançando um ambicioso trabalho de estudos etnológicos, sendo que o estudo dos índios Urubu-Kaapor deveria acontecer num primeiro momento em 1949 e depois mais duas viagens de cinco meses, uma em 1952 e outra em 1953, sendo que a última acabou não acontecendo. (RIBEIRO, 1951, p.369).

É importante também entendermos o porquê da escolha de Darcy Ribeiro em estudar os índios Urubu-Kaapor e que também foi o alvo da nossa escolha como acervo da pesquisa. Darcy Ribeiro elenca alguns motivos para a seleção do povo indígena:

- 1) Linguístico: os índios Urubu-Kaapor falavam o dialeto Tupi, que era também falado pelos índios Tupinambá que estavam radicados no litoral brasileiro. Estudar estes índios permitiria realizar estudos linguísticos, se afastando dos estudos históricos realizados por viajantes do período colonial brasileiro;
- 2) Cultura material: os índios naquele momento continuavam conservando a cultura desde a pacificação ocorrida em 1928. Assim, era possível entender os aspectos culturais produzidos pelos índios que, Darcy Ribeiro entendia, como sendo muito aproximado do que os índios Tupinambá possuíam quando do contato com os portugueses na costa brasileira, ou seja, autênticos;
- 3) Diversidade étnica: além da presença dos índios Urubu-Kaapor, na região destes índios havia mais duas etnias: os Tembé e os Timbira. Assim, numa mesma localidade seria possível estudar uma etnia com pequenos traços de aculturação, no caso os índios Urubu-Kaapor, e as outras duas etnias já, segundo Darcy Ribeiro, profundamente aculturadas.

Ainda neste contexto da motivação pela pesquisa junto aos índios Urubu-Kaapor, é possível invocar a concepção neoevolucionista que o antropólogo Darcy Ribeiro tinha sobre as sociedades humanas, numa perspectiva do materialismo histórico na qual se filiava o intelectual em questão. Logo:

A multiplicidade das formas de produção num mesmo território é característica assim das chamadas sociedades incorporadas nas quais a lógica a presidir as diferentes formas de organização do trabalho é a sua exploração mais eficiente. Por isso, a totalidade da estrutura do subdesenvolvimento não pode ser rompida senão através da gestação de uma sociedade capaz de se acelerar evolutivamente para se incorporar autonomamente às sociedades futuras. Mas, cabe precisar o neoevolucionismo de Darcy Ribeiro tendo por referência sua declarada filiação ao materialismo histórico e dialético. Para ele, pensar evolutivamente a realidade social não implica necessariamente o evolucionismo dos pensadores clássicos dessa tradição no século 19. (RIBEIRO, 2009, p.58).

Darcy Ribeiro, como intelectual engajado do seu tempo e ciente das necessidades históricas quanto à temática indígena, sabia que o conhecimento acerca dos povos indígenas poderia provocar de algum modo a melhoria de vida dessa parcela da população da sociedade brasileira, talvez influenciado pelo pensamento de Marechal Rondon na maturidade. A documentação dos índios brasileiros, além de fazer parte da própria missão da Seção de Estudos do SPI, poderia representar num tempo futuro o entendimento dos problemas enfrentados pelos povos indígenas na modernidade:

Seu estudo, portanto, nos poderá proporcionar um conhecimento mais profundo de nossas populações indígenas e talvez a oportunidade de elucidar certos problemas de nossa Etnologia que as fontes primárias dos primeiros séculos não esclarecem suficientemente. (RIBEIRO, 1951, p.368).

Darcy Ribeiro relata como encontrou os índios para a realização dos estudos a serem empreendidos e os problemas em decorrência dos contatos interétnicos dos povos indígenas com a sociedade envolvente:

Encontrei-os em suas aldeias, vinte anos depois da pacificação, em que vivem tempos terríveis de transformações e de epidemias que dizimaram sua população. Então, só falavam sua língua original e conservavam seus costumes tradicionais. Viam a civilização com horror e com encantamento. Horror pelas doenças com que os contaminava. Talvez até positivamente, pensavam. Encantados por tudo que temos de bugigandas para ofertas. Desde ferramentas úteis até espelhos, miçangas, panos e mil coisas mais. Eles, que foram persuadidos a aceitar a paz e o convívio com a civilização através de anos de contínuo suborno com tudo que se tinha a oferecer-lhe, agora, pacificados, têm que andar a pé mais de mil quilômetros para conseguir uma calça, uma faca ou um colar. (RIBEIRO, 2010, p.74-75).

Portanto, apesar do esforço que o etnólogo teve para alcançar um grupo indígena com as características originais, a realidade que foi encontrada era distinta, já que os Urubu-Kaapor tinham um contato perene com o mundo dos brancos, como também uma admiração pelos seus utensílios. Cabe também destacar os esforços para a realização da expedição:

Para realizá-lo mobilizaram-se todos os recursos de que dispomos; pela primeira vez iríamos juntos ao sertão todos os técnicos da S.E.: o etnólogo, com o encargo de estudar exaustivamente a cultura material, a organização social e a vida religiosa do indígena escolhido; o linguísta, que registraria o vocabulário e levantaria a gramática do seu idioma; e um cinematografista que, sob a orientação do etnólogo, documentaria pelo filme, pela fotografia e pelo disco, tôdas as manifestações culturais suscetíveis desses tipos de registro. (RIBEIRO, 1951, p.367-368).

Em suma, a expedição primeira saiu do Estado do Pará e foi formada por Darcy Ribeiro, o etnólogo do grupo, Heinz Foerthmann, fotógrafo e pelo linguísta Max Boudin. Além da demora por questões orçamentárias para se chegar à localidade dos índios Urubu-Kaapor, também havia o problema da epidemia de sarampo que estava grassando naquela localidade.

Já na segunda expedição temos algumas especificidades. A primeira é que Darcy Ribeiro seria o único técnico especializado da SE a viajar. Quem o acompanharia seria o sertanista João Carvalho junto com o doutorando de Oxford chamado Francis Huxley. O início da expedição foi pelo Estado do Maranhão.

Vejamos o quadro abaixo que sintetiza os dados informativos das viagens científicas realizadas:

Quadro 1 – Características das Expedições Científicas.	
Primeira Expedição - 1949	Segunda Expedição - 1951
Tempo de duração: 5 meses;	Tempo de duração: 3 meses;
Recorte cronológico: nov.1949 – abr. 1950;	Recorte cronológico: ago.1951 – nov. 1951;
Início da expedição: Estado do Pará;	Início da expedição: Estado do Maranhão;

Servidores do SPI envolvidos: Darcy Ribeiro, Heinz Foerthmann e Max Boudin;	Servidores do SPI envolvidos: Darcy Ribeiro e João Carvalho;
Situação sanitária e socioeconômica: péssima - epidemia de sarampo e desestruturação das relações socioeconômicas;	Situação sanitária e socioeconômica: melhor – realização de Festa de Nominação;
Registros fotográficos obtidos: 1097 itens.	Registros fotográficos obtidos: 986 itens.

Ao observarmos o quadro acima, podemos extrair algumas importantes características distintivas das expedições científicas realizadas. Primeiro, há um pequeno lapso temporal da primeira expedição para a segunda expedição. Devido à diferença do caminho percorrido quando da Segunda Expedição Científica, que parte do Estado do Maranhão, há o surgimento de uma produção iconográfica específica, como a festividade popular do Bumba-meu-boi, que será analisada mais adiante.

Temos também a diferença dos registros realizados. Enquanto na Primeira Expedição Científica temos como fotógrafo a figura de Heinz Foerthmann, já na Segunda Expedição Científica, há a presença como idealizador das construções fotográficas, o etnólogo Darcy Ribeiro.

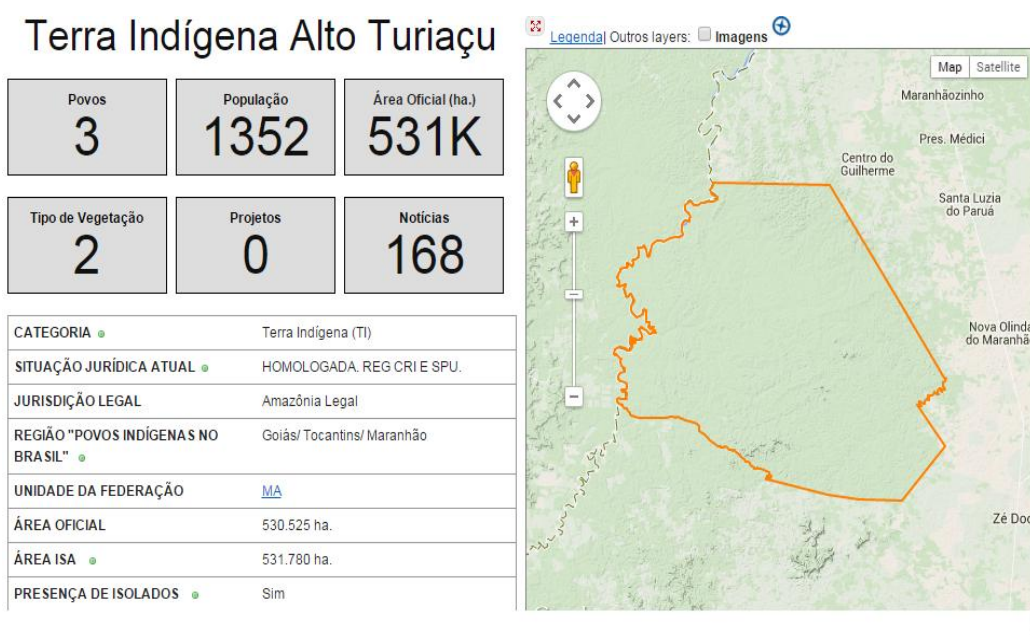
A situação sanitária e socioeconômica são muito distintas: enquanto na expedição do ano de 1949 temos os índios flagelados, na segunda expedição, os índios Urubu-Kaapor estavam num estado bem melhor, com o registro da realização de festividades, como a Festa da Nominação.

A análise das fotografias realizadas nas expedições científicas consistiu na formação de categorias temáticas a partir da indexação por assunto no repositório do Museu do Índio buscando representar o contexto de produção executado por Darcy Ribeiro.

Também é importante destacar o contexto da pesquisa empreendida por Darcy Ribeiro. Os índios Urubu-Kaapor vivem há aproximadamente 300 anos na região do rio Gurupi, divisa territorial entre o Estado do Pará e do Maranhão. Sua pacificação, processo perene de relações amistosas entre índios e não índios promovido pelo Estado brasileiro, ocorreu no ano de 1928 e atualmente sua população é de aproximadamente 900 indígenas. Esta relação realizada pelo Estado para melhorar as relações com os índios arredios em estudo acabaram resultando em dois fenômenos: a disseminação de epidemias, dentre os quais o sarampo, e o ataque sistemático dos índios Urubu-Kaapor àqueles que adentravam o seu território em busca de bens com valor no mercado, como madeira e ouro. Portanto:

Já no final do século passado [século XIX], os Kaapor, vitimados por várias epidemias, tinham-se retirado do lado maranhense e atacavam esporadicamente as frentes extrativistas (garimpeiros e madeireiros em particular) situadas entre os Rios Gurupi e Turiaçu. Darcy Ribeiro retratou, com base em uma documentação de primeira mão, a história da “pacificação” que se seguiu. Iniciada em 1911 pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios), ela havia de se concretizar somente em dezembro de 1928, ameaçada, no entanto, logo depois (1929), pela morte violenta do capataz Benedito Jesus de Araújo no Posto “Pedro Dantas”, atual Posto Indígena de Canindé. (SAMAIN, 1984/85, p.246).

Para contextualizar a região atual de habitação dos índios Urubu-Kaapor, trazemos abaixo os dados e a localização da Terra Indígena Alto Turiaçu:



Mapa 1 – Terra Indígena Alto Turiaçu
Fonte: Organização Não Governamental Instituto Socioambiental - ISA

Os dados analisados revelam que há três povos que habitam a região: os Timbirá, os Avá-Guajá, ainda isolados, e os próprios índios Urubu-Kaapor. Também temos a proximidade dos índios Tembé que habitam a margem paraense do rio Gurupi, vivendo na Terra Indígena Alto Rio Guamá. A população da região em tela retomou o crescimento desde os anos de 1970. Vejamos alguns dados importantes sobre a terra indígena em questão:

A Terra Indígena Alto Turiaçu, território habitado pelos Ka'apor, foi demarcada com uma superfície de 530.524 hectares. É formada por aproximadamente dezesseis grupos locais, em uma área circunscrita em sete municípios situados em duas sub-regiões do Maranhão: Gurupi e Pindaré. A área constitui um vasto território ocupado por esse grupo étnico que, por fatores específicos do grupo e externos a ele, levam as unidades familiares a realizar mudanças ou deslocamentos permanentes dentro do território, entre eles, pela constituição de laços de casamento; por conflitos internos entre grupos familiares; devido às situações de conflitos com invasores no território; pela busca de alimentação (caça e pesca em períodos ou estações do ano diferentes); procura por recursos naturais que garantam a sobrevivência do grupo, tais como a coleta de frutos e de sementes, entre outros fatores. (ANDRADE, 2009, [p.70]).

A Terra Indígena Alto Turiaçu, apesar dos problemas enfrentados em virtude da ação de madeireiros, fazendeiros e demais agentes exógenos que acabam gerando preocupação aos índios Urubu-Kaapor, é uma garantia de sobrevivência para os indígenas.

Há importantes distinções quando da realização dos trabalhos em campo produzido por Darcy Ribeiro e sua equipe. A título de exemplo, é possível expor que na Primeira Expedição Científica há um quadro grave da composição social dos índios Urubu-Kaapor. Vejamos o relato de Darcy Ribeiro sobre os índios Urubu-Kaapor:

As outras aldeias estão também atacadas pela epidemia. Talvez seja o fim dos Urubus ou, ao menos, um golpe tão sério que a resistência que acaso oponham à submissão e degenerescência será destruída. O posto não tem nenhum recurso para atender-los e, se não estivéssemos aqui, provavelmente nem se lembrariam de apelar para a Inspeção, pedindo providências urgentes. Os veriam morrer, lamentando muito, mas de braços cruzados. (RIBEIRO, 1996, p.80-81).

Este relato reproduz o clima que o etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios encontrou ao adentrar as terras dos índios Urubu-Kaapor quando da primeira viagem. Também está contido no discurso produzido por Darcy Ribeiro a omissão do Estado para com esses índios. Medidas simples, de vacinação contra doenças, como o sarampo,

poderiam ter sido realizadas, porém nada fez o SPI para impedir o avanço da doença entre os índios. (RIBEIRO, 1996, p.81).

Um dos mais desastrosos acontecimentos quando do contato das populações indígenas com a sociedade nacional envolvente é a disseminação de epidemias. Os povos indígenas num primeiro contato não possuem resistência a doenças relativamente simples para a dita civilização, como a gripe e o sarampo. Portanto:

Mesmo sem guerras, as epidemias vinham com frequência e duravam bastante. Uma delas durou de 1743 a 1750 em todo o Amazonas. O poder das epidemias é ainda maior quando elas surgem em ocasiões de escassez em que aumentam as dificuldades para se obter alimentos, apressando a morte dos doentes por inanição aguda. Darcy Ribeiro nos dá um testemunho desse processo, ao presenciar uma epidemia de sarampo entre os índios Kaapor [Urubu], em 1949. (GOMES, 1988, p.52).

É importante ainda ressaltar que durante a atuação do SPI, que se configurou em boa parte do século XX, a instituição teve que muitas vezes contrariar interesses de grandes conglomerados econômicos, como também questões de logística, para acessar localidades de difícil acesso. Como afirma Darcy Ribeiro:

A realização prática dessa política [indigenista] apresentava uma série de problemas, a começar pelas dificuldades de acesso às regiões habitadas por grupos indígenas, pela variedade de línguas e tradições culturais; pela diversidade de ambientes e condições de vida e, sobretudo, pelas desconfianças que séculos de amargas experiências com civilizados haviam deixado em cada grupo indígena. A esses obstáculos se juntaram outros, ainda mais difíceis de vencer: os provenientes dos interesses escusos que o SPI teria de contrariar, para garantir ao índio a posse das terras que lhes pertenciam e que haviam sido usurpadas; para impedir sua escravização e para impor respeito à família indígena. (RIBEIRO, 1979, p.142).

Foi feita a análise do material iconográfico coletado por Darcy Ribeiro por meio da formação de categorias temáticas representativas dos contextos cultural e étnico-cultural encontrados pelo etnólogo. Essas categorias foram eleitas em base das fotografias por temas representativos do conjunto documental coletado e depositado no Museu do Índio e que revelassem: a valorização da etnicidade dos povos indígenas e da diversidade étnica-cultural brasileira.

Para a formação das categorias temáticas, como o sertanejo e os negros registrados por Darcy Ribeiro, se faz necessário também a realização da pesquisa de cunho iconológico, a fim de compreender o conteúdo imagético. A pesquisadora Johanna Smit indica a dificuldade da associação da imagem real para o conteúdo do registro imagético:

A associação entre a imagem e o real está de tal forma incorporado na leitura da imagem, que a percepção da imagem se torna difícil e demanda um certo treinamento. Consequentemente, na medida em que a dissociação entre a imagem e o real é difícil, é igualmente problemática a distinção entre o que seja descrição e interpretação, uma vez que a descrição da imagem, pela operação de tradução do código icônico para o código verbal, cria condições para sua interpretação. (SMIT, 1989, p.104).

Toda produção imagética não apenas traduz uma interpretação do olhar daquele que está realizando o registro fotográfico, como também representa uma parcialidade do contexto global de produção. As formações imagéticas compõem sobre um mosaico no qual devemos nos debruçar para entendermos o contexto de produção e a classificação efetuada quando da posterior organização dos suportes de registro imagético após a salvaguarda numa instituição de memória, como o Museu do Índio. Neste sentido:

De facto, qualquer vestígio, seja uma imagem ou uma relíquia, é uma ruína no sentido em que é sempre e necessariamente uma parte de algo e que este carácter de parcialidade depende, na grande maioria dos casos, de circunstâncias concomitantes, depende do acaso. Toda a imagem é parcial porque mostra apenas um aspecto do que representa, um único ponto de vista escolhido, segundo critérios que as mais das vezes não são os nossos, se é que não nos aparecem mesmo como sendo inteiramente obscuros. (POMIAN, 2000, p.512).

A produção imagético-documental produzida por Heinz Foerthmann, Darcy Ribeiro ou qualquer outro na condição de fotógrafo, nos leva a refletir que o ato fotográfico depende de uma série de circunstâncias e que será sempre um único ponto de vista escolhido, dentre o leque de opções de enquadramento, contexto e iluminação, por exemplo. Assim, na análise aqui empreendida, não podemos tomar como dado a apreensão dos registros imagéticos, já que as fotografias são interpretações realizadas no momento do registro por parte daquele que detinha o poder da máquina fotográfica e também interpretativa é a ação do pesquisador que procura entender o contexto de produção iconográfica realizada.

Quanto ao estado de conservação do acervo em estudo, são negativos em 35 mm, referentes à Primeira Expedição Científica, e 6x6 cm, referente à Segunda Expedição Científica, ambas em suporte acetato e que se encontram em invólucros individualizados, numa reserva técnica climatizada e com controle permanente de temperatura e umidade. O acervo em estudo se encontra atualmente no Núcleo de Biblioteca e Arquivo – NUBARQ – do Museu do Índio. O estado de conservação é

bom. Abaixo, exemplos dos contatos das duas expedições científicas com dados descritos elaborados por documentalistas do Museu do Índio:

Primeira Expedição Científica – contatos 35mm:



Série de contato 1 - FOERTHMANN, Heinz. **Índia Urubu segurando filho.** Maranhão, 1949. 1 tira de contato, p&b, 35mm – notação: spi15655 a spi15660.

Segunda Expedição Científica – contato 6x6cm:



Contato 1 – RIBEIRO, Darcy. **Índia Urubu com adornos.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 contato, p&b, 6x6cm – notação: spia2000.

Antes de iniciarmos propriamente a descrição das categorias temáticas elegidas no conjunto documentário, cabe discutir o caráter único da fotografia num contexto de objeto da Arquivologia e deslindar o papel da imagem num contexto de produção documentária.

Quando da formação do registro imagético de Darcy Ribeiro produzido durante as expedições científicas aos índios Urubu-Kaapor, o princípio da proveniência é reestabelecido, pois a publicação dos “Diários Índios” contextualiza a produção imagética com as anotações em campo realizado pelo autor. Quanto à discussão do valor informativo da imagem, observamos:

As fotografias têm sido sistematicamente organizadas de acordo com o valor informativo do conteúdo da imagem em detrimento de seu valor de prova e do registro da ação documental que as originou, além de serem consideradas, em muitos casos, peças únicas, descritas individualmente, mesmo quando pertencentes a conjuntos documentais mais amplos, em descompasso com os próprios fundamentos da arquivística, que preconizam tanto a manutenção dos vínculos documentais quanto a importância vital da preservação da proveniência dos registros. (LACERDA, 2012, p.285).

No que tange ao acervo em estudo, o valor de prova não está em prejuízo, já que a produção documental realizada pelo etnólogo tem o papel não apenas de provar a presença de indígenas numa localidade do território brasileiro, como também ser probatório das ações realizadas por um servidor do Estado, a fim de prestar contas de suas atividades (Anexos 1 e 2).

Outra marca relevante a ser também destacada diz respeito às novas formações e (re) utilizações das fotografias fora do seu contexto de produção. Isto porque, as produções originais, quando da produção imagética documentária, são realizadas de outra natureza quando, por exemplo, utilizadas na reprodução em livro. Portanto:

Em arquivo, a possibilidade de significado é "liberada" das contingências reais de uso. Mas essa liberação é também uma perda, uma abstração da complexidade e riqueza de uso, uma perda de contexto. Assim, a especificidade das utilizações "originais" e significados que ele pode evitar e até fez invisível, quando as fotografias são selecionados a partir de um arquivo e reproduzidas em um livro. (de forma inversa, as fotografias podem sair dos livros e entrar em arquivos, com uma perda similar da especificidade). Então novos significados podem vir a suplantar os antigos, como o arquivo que serve como uma espécie de "câmara de compensação" de significado.⁸ (SEKULA, [1999?], p.444-445, tradução nossa).

Os significados e ressignificados existentes dependem do suporte em que aparece o documento imagético. Em suporte negativo, papel ou em uma publicação periódica, depende da funcionalidade do documento se adequar para a atribuição quando usado fora do contexto originário produzido. Assim “Nas fotografias, o aspecto externo, a articulação interna e o conteúdo do registro não necessariamente apontam para as funções ou ações a partir das quais esses se originaram [...]” (LACERDA, 2012, p.292).

⁸ In an archive, the possibility of meaning is "liberated" from the actual contingencies of use. But this liberation is also a loss, an abstraction from the complexity and richness of use, a loss of context. Thus the specificity of "original" uses and meanings can be avoided and even made invisible, when photographs are selected from an archive and reproduced in a book. (In reverse fashion, photographs can be removed from books and entered into archives, with a similar loss of specificity.) So new meanings come to supplant old ones, with the archive serving as a kind of 'clearing house' of meaning.

Abaixo, vejamos os quadros que compõem os cabeçalhos de assunto das duas expedições científicas realizadas por Darcy Ribeiro obtido quando da análise das fotografias:

Quadro 2 - Cabeçalhos de assuntos - Primeira Expedição Científica de Darcy Ribeiro aos índios Urubu Kaapor (1949):	
Cabeçalhos de assuntos	Itens
Aldeia dos índios Urubu-Kaapor	28
Animal de estimação	42
Canindé - vilarejo	18
Carro de boi	5
Casa de alvenaria	11
Casa de mandioca dos índios Urubu-Kaapor	6
Casa de taipa	16
Casa indígena Urubu-Kaapor	44
Casa indígena Urubu-Kaapor em construção	9
Casa ripa de madeira	20
Casal Urubu-Kaapor com filhos	10
Corpo enrolado para ser enterrado	24
Criança (s) indígena (s) Urubu-Kaapor em rede	35
Criança (s) indígena (s) Urubu-Kaapor	158
Criança indígena Urubu-Kaapor doente em rede	4
Criança indígena Urubu-Kaapor doente sendo carregada	3
Criança negra	6
Darcy Ribeiro com índios Urubu-Kaapor	4
Enterro	25
Equipamento para filmagem	4
Estaca de madeira para secar couro	4
Família indígena Urubu-Kaapor em habitação	31
Igreja	11
Indígena Urubu-Kaapor carregando corpo	10
Indígena Urubu-Kaapor	132
Indígena Urubu-Kaapor carregando criança morta	14
Indígena Urubu-Kaapor colhendo mandioca	8
Indígena Urubu-Kaapor com arco e flecha	36
Indígena Urubu-Kaapor com caça	14
Indígena Urubu-Kaapor com criança indígena doente	7
Indígena Urubu-Kaapor com criança no colo	43
Indígena Urubu-Kaapor confeccionando flecha	14
Indígena Urubu-Kaapor conversando com funcionário do SPI	2
Indígena Urubu-Kaapor em canoa	7
Indígena Urubu-Kaapor em rede	56
Indígena Urubu-Kaapor fumando	11
Indígena Urubu-Kaapor na mata	21
Indígena Urubu-Kaapor na rede com filho morto no colo	2

Índigenas Urubu- Kaapor confeccionando tipiti (artesanato indígena)	33
Índigenas Urubu-Kaapor trabalhando (serrando madeira e capinando)	17
Oratório	2
Paisagem	11
Posto indígena Pedro Dantas	8
Preparo de alimento por família indígena Urubu-Kaapor	101
Preparo para plantação	5
Rua do Posto Indígena Pedro Dantas	4
Sertanejo	15
Sertanejos na porta de casa	6
TOTAL	1097 ITENS

Quadro 3 – Cabeçalhos de assunto - Segunda Expedição Científica de Darcy Ribeiro aos índios Urubu Kaapor (1951):	
Cabeçalhos de assunto	Itens
Adornos plumários	2
Aldeia indígena Urubu-Kaapor	5
Alimento	3
Animais de estimação	5
Armação mecânica	6
Cais do porto	1
Campo para plantação	2
Casa indígena Urubu-Kaapor	101
Casa indígena Urubu-Kaapor em construção	8
Casa indígena Urubu-Kaapor preparada para Festa da Nominação	3
Casa regional de pau-a-pique	1
Chefe indígena Urubu-Kaapor	1
Cidade de Alcântara no Estado do Maranhão	6
Cidade de São Luis no Estado do Maranhão	2
Construção para animal de estimação dos índios Urubu-Kaapor	4
Cozinheiro da expedição fazendo comida	3
Criança indígena Urubu-Kaapor com animal	2
Crianças indígenas Tembé	2
Crianças indígenas Tembé e Urubu-Kaapor	1
Crianças indígenas Urubu-Kaapor	60
Crianças indígenas Urubu-Kaapor com arco e flecha	2
Crianças regionais	4
Darcy Ribeiro	14
Darcy Ribeiro com índio (s) Urubu-Kaapor	9
Darcy Ribeiro e João Carvalho com índios Urubu-Kaapor	1

Embarcação	6
Festa da Nominaco	83
Festividade de Bumba-meu-boi	20
Francis Huxley com indios Urubu-Kaapor colocando timbo no rio	4
Igreja da cidade de São José do Ribamar no Estado do Maranhão	4
Igreja em São Bento	1
Indigena Temb interprete de Darcy Ribeiro	2
Indigena Temb tocando flauta	2
Indigena Temb trabalhando	2
Indigena Urubu-Kaapor amamentando animal	2
Indigena Urubu-Kaapor bebendo chib	3
Indigena Urubu-Kaapor com animal	15
Indigena Urubu-Kaapor com armadilha para pegar passarinho	1
Indigena Urubu-Kaapor com caça	17
Indigena Urubu-Kaapor com jamaxim	23
Indigena Urubu-Kaapor confeccionando artesanato	23
Indigena Urubu-Kaapor confeccionando flecha	3
Indigena Urubu-Kaapor dançando	1
Indigena Urubu-Kaapor e sertanejos	1
Indigena Urubu-Kaapor em armazém	2
Indigena Urubu-Kaapor em canoas	4
Indigena Urubu-Kaapor em paisagem	21
Indigena Urubu-Kaapor em redes	43
Indigena Urubu-Kaapor pescando	8
Indigena Urubu-Kaapor preparando alimento	32
Indigena Urubu-Kaapor preparando bebida	1
Indigena Urubu-Kaapor preparando casa da Festa da Nominaco	4
Indigena Urubu-Kaapor preparando forno	9
Indigena Urubu-Kaapor tecendo	18
Indigena Urubu-Kaapor tocando flauta	2
Indigena Urubu-Kaapor trabalhando com facão	7
Indigena Urubu-Kaapor brincando com animal de estimao	1
Indigenas Temb	5
Indigenas Urubu-Kaapor	188
Indigenas Urubu-Kaapor com arco e flecha	11
Indigenas Urubu-Kaapor com criança no colo	13
Indigenas Urubu-Kaapor com pintura corporal e adornos	15
Indigenas Urubu-Kaapor cozinhando	36
Max Bodin indo embora	13
Mulheres e homens regionais	9
Mulheres regionais fazendo rede	8
Paisagem	8
Preparativo para a Festa da Nominaco	19
Resto de caça	5

Rio Gurupi	16
Sertanista João Carvalho	13
Sertanista João Carvalho com indígena Urubu-Kaapor	5
Tecido indígena	9
TOTAL	986 ITENS

Ao observarmos os cabeçalhos de assuntos nos quadros acima, é possível verificar que há pontos de convergência e de divergência quanto à construção dos assuntos extraídos dos conteúdos imagéticos. Por exemplo, como convergência temos o registro da aldeia e dos índios Urubu-Kaapor. Já como divergência temos a existência de indígenas adoentados na Primeira Expedição Científica e a incidência maior do registro de Darcy Ribeiro em familiaridade com os indígenas na Segunda Expedição Científica. A título de exemplo, enquanto na primeira expedição Darcy Ribeiro é retratado somente 4 (quatro) vezes, na segunda expedição ele é retratado 24 (vinte e quatro) vezes. São aventadas duas hipóteses para a maior presença do etnólogo na Segunda Expedição Científica:

- 1) Os índios estavam numa situação melhor e Darcy Ribeiro se encontrava num estado de maior familiaridade com os índios Urubu-Kaapor, já que perfazia a Segunda Expedição Científica. Importante também mencionar que na segunda expedição o fotógrafo era o próprio Darcy Ribeiro, enquanto na Primeira Expedição quem havia realizado o trabalho foi Heinz Foerthmann;
- 2) Implicitamente, Darcy Ribeiro não queria apenas retratar a realidade diária dos índios na aldeia, mas também mostrar o quanto era possível aproximar os dois universos: o mundo dos brancos ao mundo dos índios. Esses retratos revelam um processo de ruptura com toda uma estrutura das ações do SPI até a formação dos quadros técnicos da SE com a profissionalização e racionalização do serviço público federal, por meio de um componente científico.

A própria implementação do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) criado por Getúlio Vargas no chamado Estado Novo (1937-1945) foi a responsável pela profissionalização da máquina pública, aqui caracterizada pela presença de técnicos especializados na Seção de Estudos do SPI.

As ações de cunho científico executadas pela Seção de Estudos contemplariam ações documentárias com o intuito de registrar os povos indígenas e isso resultaria em um aperfeiçoamento na formação dos métodos assistenciais que o SPI estava desenvolvendo naquele momento. Os estudos empreendidos apenas poderiam ser realizados com a formação de um capital humano qualificado e num processo de racionalização do Estado quanto à temática indígena.

Também é interessante notar que na proposta de Darcy Ribeiro, como demonstrado em seu registro documentário, era diferente do que o preconizado pelos idealizadores do SPI. Como afirma o próprio Darcy Ribeiro:

O programa dos fundadores do S.P.I. previa a transformação dos índios em lavradores, sua completa e pronta assimilação. A atitude de Rondon e da equipe que ele forjou, composta de jovens oficiais, quase todos imbuídos dos ideais positivistas, era, de um lado, revolucionária, mas como sempre acontece, também romântica. (RIBEIRO, 1962, p.133).

Assim, a Política Indigenista brasileira era marcada por uma visão linear, mecanicista e autoritária, na qual o Estado poderia determinar de que forma os índios deveriam viver e como seria o desenvolver destes povos. Assim há uma “continuidade na ideologia indigenista do Estado na qual ‘ser índio’ era uma situação passageira de ‘estar índio.’” (ROCHA, 2003, p.242).

As construções das categorias temáticas partiram de construções intelectuais que pudessem de certa forma representar o contexto da produção imagética das expedições científicas. É possível notar que a construção nas quais estão inseridas as mesmas fazem parte de um construto intelectual artificial com o objetivo de subsidiar os argumentos do porquê dos registros e dos desdobramentos documentários feitos. Assim:

Na verdade, nada nos parece mais “natural”, óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos. Elas constituem os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no inforto do inominável, da ausência de “idades” ou “geografias”. Só elas nos permitem orientar-nos no mundo à nossa volta, estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente. (POMBO, p.1, 1998).

Interessante também notar que as formações construídas a partir das fotografias registradas quando da realização das expedições científicas são formulações em pontos estáveis que rotinizam certa constância das fotografias executadas. Os também chamados quadros mentais corroborariam para comprovar a hipótese de que os registros


documentários fariam parte de um contexto mais amplo de preservação das culturas indígenas, além de demonstrar a diversidade étnica-cultural brasileira.

Ainda sobre o estudo acerca das fotografias de nosso objeto de trabalho, é importante mencionar que toda descrição é discricionária e, de certo modo, reducionista. Como aborda Johanna Smit:

A descrição de uma imagem nunca é completa [...] e que não se trata de uma questão de nível de especificidade. Senão, vejamos. Quem trabalha com imagens sabe que poderá se defrontar com um usuário procurando um rosto de velha, com cabelos grisalhos, presos, de óculos e muitas rugas. A velhinha precisa usar um colar clássico e trajar um vestido igualmente clássico, verde de preferencia. A foto deve mostrar a velhinha meio de lado e esta deve transmitir uma impressão positiva. A tristeza da velhice não pode aparecer. Muito bem. Supondo que a fototeca encontre uma foto que corresponda perfeitamente à pergunta formulada, ainda é bastante provável que esta não seja aprovada, porque: a gola do vestido não agradou; os cabelos estão muito ralos; o sorriso é meio triste... (SMIT, 1989, p.100).

O exemplo é interessante no sentido de corroborar com a descrição realizada quando da indexação das imagens das expedições científicas por Darcy Ribeiro. Ou seja, toda a extração de conteúdo imagético não é conclusiva por natureza, ficando a cargo do pesquisador a livre apreensão dos dados apresentados. A figura 1 apresenta, o exemplo da identificação imagética realizada pelo Museu do Índio quando da indexação na base de dados da instituição:

Documentos audiovisuais e iconográficos
BR MI SPI DA SE URU 1647-2633 / SPIa1892
Selecionar [1] Status



Darcy Ribeiro com índio Urubu. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm.

Fundo/Série/Subsérie: Serviço de Proteção aos Índios / Documento Audiovisual / Seção de Estudos / Urubu

Nível de descrição: Item

Condições de acesso: Acesso livre através das reproduções dos documentos fotográficos disponíveis na Internet

Condições de reprodução: Autorizada de acordo com as normas e procedimentos adotados pelo Museu do Índio

Estado de conservação: Os negativos fotográficos são em acetato e o estado de conservação é regular

Âmbito e conteúdo: Legenda da foto: "Darcy Ribeiro com o capitão Mirá, índio Urubu"

Notas: Darcy Ribeiro realizou duas viagens entre os índio Urubu-Kaapor, projeto que inicialmente previa 3 etapas (1949, 1950 e 1951). Devido a problemas, as duas primeiras ocorreram em 1949, contando com a participação do linguista francês Max Boudin e do cinegrafista alemão Heinz Foerthmann. Dos contatos, além de inúmeros registros fotográficos produzidos (Dóssie fotográfico "Pesquisa etnológica sobre os Urubu", SPI14875 a SPI15979), foi realizado um documentário, filmado por Foerthmann, intitulado Os "Índios Urubus: a vida diária numa aldeia indígena da floresta tropical"(BR MI SPI DA SE FI 32). A segunda expedição ocorreu em 1951. Este dóssie é composto pelos registros desta segunda viagem, realizada apenas por Darcy Ribeiro.

Referências bibliográficas: RIBEIRO, Darcy. Diários índios: os Urubus-Kaapor. Darcy Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Assunto pessoa / entidade: Mirá, índio Urubu. Ribeiro, Darcy

Segunda viagem de Darcy Ribeiro

Índio com Darcy Ribeiro

Palavras-chave: INSPECTORIA REGIONAL 3; POSTO INDIGENA DE ATRACAO GONCALVES DIAS; URUBU.

Figura 1 - Base de dados PHL

A discussão proposta neste trabalho é focada na cultura indígena e na diversidade étnica-cultural brasileira num entendimento do contexto de produção documentário e das expedições científicas.

Fazem também parte destes conjuntos eleitos, duas imagens que merecem destaque pela dinâmica da própria expedição: a presença do pesquisador Francis Huxley, que respalda a realização da Segunda Expedição Científica, dando maior visibilidade aos índios Urubu-Kaapor, e do próprio Darcy Ribeiro, na fotografia simbolizando a cordialidade do homem branco do encontro com o universo indígena.

1. Alimentação



Fotografia 1 - FOERTHMANN, Heinz. **Índia Urubu Kaapor torrando mandioca**. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15259

Uma das principais características que podemos explicar quanto à temática indígena é a sua alimentação. Foerthmann por meio desse registro retrata a importância da alimentação para os índios. No registro do fotógrafo, é possível observar o forno de farinha sendo utilizado pelo indígena que é um tipo de técnica de cozimento do tronco Tupi, donde advêm os índios Urubu-Kaapor. Observamos a explanação sobre as técnicas agrícolas:

Embora as técnicas agrícolas sejam mais ou menos as mesmas entre os vários grupos tribais brasileiros, mesmo assim as sociedades indígenas diferem no que toca à agricultura. Em primeiro lugar, nem todas dão a mesma importância às atividades agrícolas, algumas possuindo roças razoavelmente grandes, como sói ocorrer com os índios do tronco Tupí, e outras, plantações

bem pequenas, tal como se vê entre os Timbira ou os Xavante. Em segundo lugar, diferem na ênfase que dão a certas espécies cultivadas. Assim, enquanto a agricultura dos Tupí dá mais importância ao plantio do milho e da mandioca, os Jê Setentrionais e Centrais cuidaram mais do plantio da batata-doce e do inhame, pelo menos no passado. (MELATTI, 1980, p.53).

Quando o fotógrafo coloca sua objetiva para registrar uma sequência de eventos cronológicos quaisquer, ele está implicitamente querendo mostrar alguma forma ou tipo de especificidade quando da intencionalidade do registro. No caso em questão, as culturas indígenas possuem dinâmica própria no uso da terra e esse uso diverso é apresentado no registro realizado pelo fotógrafo da expedição, Heinz Foerthmann.

O processo de alimentação retratado pelo fotógrafo é o preparo da mandioca, sendo o tipo de alimento mais consumido pela maioria dos povos indígenas. Portanto,

[...] a base da alimentação indígena é mesmo a mandioca, predominando o cultivo da mandioca brava – assim chamada porque esta espécie possui um veneno mortal. Para retirá-lo, há dois processos: ou deixam a mandioca depois de descascada dentro da água até apodrecer, para depois socá-la; ou, depois de lavada, colocam-na em uma esteira de buriti onde será ralada e espremida para que se elimine da polpa o sumo venenoso. (OLIVEIRA, 1990, p.61).

Na região de localização dos índios Urubu-Kaapor, não se encontrava fartura de caça, outra base alimentar indígena rica em proteína. Deste modo, Darcy Ribeiro retrata que:

A pobreza das caças é realmente espantosa. Em toda a viagem vimos somente alguns bandos de cigana, uma bela ave de bico serrilhado, mansas porque ninguém suporta a catíng (pitiú) de sua carne e não as perseguem. Um casal de lontras também nos serviu de alvo a uns cem metros de distância. Felizmente escaparam, podem bem ser das últimas e alguma semente deve ficar. Nem jacarés vimos, só uns pobres calangos. Mas a peçonha não faltou, mataram-se três cobras, uma delas vermelha e belíssima. Os célebres mutuns, que Mota tanto prometeu, não deram o ar de sua graça. Só um apareceu e foi para a panela aliviar-nos de uma dieta de peixe seco meio ardido e feijão com carne de porco passada. (RIBEIRO, 1996, p.69).

Frente à vulnerabilidade social em que se encontravam os índios Urubu-Kaapor, a expedição científica retratou uma relevante característica cultural étnica que evidencia o tipo de cozimento realizado nas áreas indígenas brasileiras.

2. Doença

Uma das principais marcas da Primeira Expedição Científica diz respeito ao estado de calamidade em que se encontravam os índios Urubu-Kaapor. Havia uma forte

epidemia de sarampo que assolava os índios, além da fome endêmica na região. Sobre o assunto, Darcy Ribeiro escreve às vésperas do Natal de 1949:

Novas notícias das aldeias: a epidemia continua grassando. Num dos grupos já morreram quatro mulheres. No outro, dois homens. A nova foi trazida por um casal da aldeia do Serapião, que chegou hoje à procura de brindes. São os pedaços de ferro que trouxemos de Belém para pontas de flechas que começam a entusiasmar o pessoal. (RIBEIRO, 1996, p.83).

Em diversas passagens, o etnólogo relata as graves consequências que traria tanto para a expedição, quanto do ponto de vista humanitário, uma grave epidemia de sarampo para os índios. Os recursos eram poucos e os expedicionários poucos podiam fazer frente a um problema tão amplo.

Vejamos a imagem abaixo:



Fotografia 2 -
FOERTHMANN,
Heinz. **Criança
Urubu Kaapor
doente**. Maranhão:
Serviço de Proteção
aos Índios. 1949. 1
negativo de acetato;
p&b, 35mm – notação:
spi14933.

Na fotografia, visualizamos uma indígena carregando a criança já vitimada pelo sarampo. Em virtude da baixa imunidade dos povos indígenas frente a doenças não típicas, dentre as quais o sarampo, o óbito acaba sendo muito alto. Soma-se a isso o fato dos poucos recursos que os servidores do Serviço de Proteção aos Índios possuíam para atender às demandas hospitalares dos índios. Por fim, cabe citar a fome como um dos principais problemas que assolavam os povos indígenas da região. Assim,

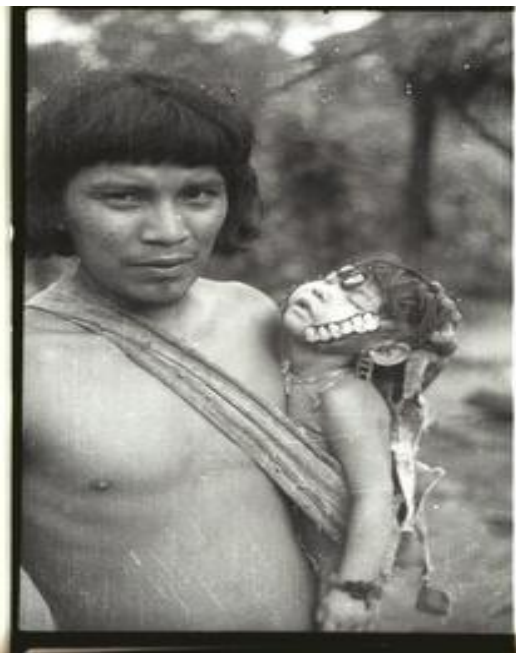
A fome constitui um fenômeno de mais extrema variabilidade. No emaranhado e policromo desenho da fome universal, podemos surpreender os mais variados matizes; desde os mais negros e impressionantes, da fome total, da completa inanição, transformando suas vítimas em verdadeiros

espectros vivos, até os mais discretos das fomes ocultas e específicas, atuando sorrateiramente, quase sem sinais aparentes. (CASTRO, 1951, p.40).

Portanto, o grave problema sócio-sanitário na qual passavam os índios Urubu-Kaapor muito era em virtude da fome. As pressões exercidas pela fronteira agrícola, somada ao intermitente contato com os regatões gerou tal grau de vulnerabilidade social que a fome se tornou muito presente na região. Como afirma Castro, a fome assume diversas variáveis e a incidência nessa região foi alta, já que provocou a morte de mulheres e homens, crianças e adultos. Como afirma Darcy Ribeiro:

O certo é que não sabemos nos aproximar de outros povos sem destruí-los. Nossa civilização ocidental, cristã e européia, tão destruidora e igualmente má para si própria, cria um tipo de sociedade que só tem podido viver e prosperar à custa de milhões de vidas escravizadas e anuladas. O preço de nosso adiantamento técnico e mercantil tem sido a dignidade do próprio homem; uma organização social que é uma máquina de criar párias. Isso é o que temos tido. Essa é a obra do homem branco. (RIBEIRO, 1996, p.98).

O etnólogo nesta passagem acima é crítico ao que encontrou quando da Primeira Expedição Científica: fome, doença e exploração do homem branco aos povos indígenas. Portanto, Darcy Ribeiro faz um desabafo à situação calamitosa encontrada na região do Maranhão sem qualquer repercussão. A visibilidade desse problema que passou a existir a partir do seu trabalho documental colocou os Urubu-Kaapor como índios a serem preservados e a terem as suas terras demarcadas pelo Estado brasileiro anos mais tarde. A seguir, outra ilustração imagética desse contexto em estudo:



Fotografia 3 - FOERTHMANN, Heinz.
Índio Urubu carregando criança para o funeral. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 Negativo, p&b, 35mm – notação: spi14960.

Na fotografia de Heinz Foerthmann, é possível observar a perplexidade do pai junto ao seu filho morto, quando os índios Urubu-Kaapor foram assolados pelo sarampo. A imagem, apesar de triste, transparece a afetividade paterna e impotência do ser humano frente a adversidades, como a infestação dos índios por epidemia de sarampo.

O desafio imagético é buscar compreender o que o fotógrafo naquele momento quis captar com aquele registro. Isto porque:

Nessa circunstância, o desafio do pesquisador é o de compreender o quase monopólio do imaginário, na fotografia documentado pelo fotógrafo que o fez, os momentos, as circunstâncias, os dias e as horas, o encontro e o desencontro [...]. (MARTINS, 2009, p.22).

As motivações que levaram o fotógrafo a realizar o registro da imagem por meio da utilização da máquina fotográfica são implícitas, já que os possíveis motivos são múltiplos e diversos tanto da intenção de quem posou para a fotografia, quanto do fotógrafo que tem o poder naquele instante de captar aquele momento.

Igualmente, as fotografias também podem ser utilizadas como fonte de denúncia ou como elemento probatório de um dado acontecimento. O registro de indígenas doentes ou em estado de vulnerabilidade social são documentos da prova de algum problema que tenha ocorrido naquela dada localidade: seja pela omissão do Estado para com os povos indígenas, seja pela invasão do “mundo civilizado” ao mundo dos índios, ou por quaisquer outros motivos. Assim:

A fotografia fornece provas. Determinada coisa de que ouvimos falar, mas que nos suscita dúvidas, parece-nos comprovada quando dela vemos uma fotografia. Uma das variantes da utilidade da câmera fotográfica está em que seu registro denúncia. (SONTAG, 1981, p.5).

Além do processo de enfermidade que afetavam os indígenas, o contato intermitente com os brancos se realizou por processos violentos e quase foram dizimados, tamanha alarvaria realizada com o objetivo muitas vezes de atender a interesses econômicos. Assim:

Três anos mais tarde foi criado o posto de vigilância de Turiaçu, para impedir os conflitos entre índios e o pessoal da linha telegráfica de ligação entre São Luís e Belém do Pará, que atravessava o território tribal. Êstes se haviam especializado nas chacinas dos Urubus. Um certo João Grande, agente da linha, perseguia atrozmente os índios, organizando expedições contra suas aldeias e espetando as cabeças das vítimas, homens, mulheres e crianças nos

postes telegráficos, como advertência para que os índios não cortassem mais a linha. Os relatórios do S.P.I. da época, mencionavam ataques atribuídos ora a índios Urubus, ora a Timbira que, provindos do rio Caru, também se infiltraram na área, sem que pudessem ser precisamente identificados uns e outros. (RIBEIRO, 1962, p.84).

A doença para os povos indígenas ainda trazia a mortandade da população indígena que o Serviço de Proteção aos Índios deveria erradicar. Assim:

As doenças eram encaradas pelo Serviço [SPI] como vetor principal de decréscimo da população indígena. Contudo, o atendimento médico restringia-se a viagens esporádicas de equipe médica contratada pelo SPI, alguns postos contavam com atendimento permanente de enfermeiros, que em geral tratava-se da esposa do chefe que havia freqüentado algum curso de curta duração que lhe habilitava para procedimentos mais simples. Em alguns casos graves os índios eram levados a hospitais em cidades próximas aos postos. É importante lembrar que o número de hospitais ainda nos anos 40 e 50 era escasso no Brasil. (OLIVEIRA, 2012, p.194).

Os problemas defrontados por Darcy Ribeiro, Max Bodin e Heinz Foerthmann eram muito sérios. Como aborda Oliveira, os próprios mecanismos do Estado no quesito saúde não estavam preparados para atender a demanda de doença de localidades com baixa, ou nenhuma assistência médica, além das especificidades inerentes às culturas indígenas. Vejamos mais um relato da situação:

Há sete pocilgas dessas, vinte e pouca pessoas morrendo dentro, no meio daquela umidade da mata, ouvindo tossidos, gemidos, peidos, escarros de todos os lados. Já morreram três, só um homem e uma mulher restam fortes, mas mesmo estes, já atacados, começam a tossir. Nunca vi nada horrível. Não têm o que comer, porque ninguém pode ir à roça buscar mandioca e torrã-la, nem caçar, nem pescar, nem catar frutos, nem nada. Ninguém pode nem mesmo buscar água. Vi uma mãe pressionando uma menininha para que fosse longe buscar uma latinha d'água. O fedor é insuportável, porque todos se sujam nas próprias redes. Alguns estão tão quietos no fundo delas que temo até que estejam mortos. (RIBEIRO, 1996, p.108)

A entrada em campo por Darcy Ribeiro na Segunda Expedição Científica se deu de forma diferente. Enquanto na primeira odisséia foi realizada a saída por Belém do Pará, ocorrendo diversos entreveros, já nesta empreitada foi realizada partindo do rio Pindaré, no centro do Maranhão. O único servidor do SPI que o acompanharia seria João Carvalho e outros indígenas que serviriam de auxiliares, como, por exemplo, intérpretes.

Darcy Ribeiro também pretendia dar continuidade a pesquisa para prosseguir os estudos empreendidos na Primeira Expedição Científica.

Quanto a mim, pretendo prosseguir os estudos iniciados em 1949/50, quando estive seis meses nesta região. Não tenho nenhum problema particular a focalizar porque meu propósito é obter um conhecimento profundo da cultura e do sistema social kaapor e, para isso, deverei estudar detidamente todos os aspectos de sua vida. Meu propósito real é observar neles, em suas formas de conduta, o que terá ficado dos antigos Tupinambá que ocupavam a costa brasileira em 1500 e que mais fortemente se imprimiram em nós. (RIBEIRO, 1996, p. 301).

O etnólogo brasileiro acreditava que os índios que habitavam às margens do rio Gurupi eram os mesmos índios que haviam entrado em contato com os portugueses logo quando da chegada do mundo dos brancos no hoje chamado Brasil. Assim, Darcy Ribeiro poderia compreender melhor de que forma os índios se relacionavam naquele tempo e compreender o modo de vida desses índios. Não apenas compreender, como identificar aspectos étnicos e culturais considerados mais preservados frente ao forte contato empreendido pelos chamados civilizados junto aos indígenas que estavam localizados na região Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil.

Mais do que uma ação documentária, os registros obtidos por Darcy Ribeiro representam um respeito à diversidade, pluralidade e formação da miscigenação identitária brasileira. Como nos diz o jurista paulista:

O respeito à dignidade da pessoa humana deve abrangê-la em todas as suas dimensões: em cada indivíduo, com a sua característica irredutível de unicidade; em cada grupo social; no interior dos povos politicamente organizados; em cada povo ou nação independente, nas relações internacionais; na reunião de todos os povos do mundo numa unidade política suprema em construção. É igualmente da verdade, da justiça e do amor. Estes, por sua vez, desdobram-se especificam-se nos princípios de liberdade, igualdade, segurança e solidariedade. (COMPARATO, 2006, p.520).

Numa relação societária como a brasileira na qual ocorreram muitas disputas étnicas por conta da posse do território, a começar pela colonização portuguesa no século XV, as ações empreendidas em favor de minorias sociais que possam por ventura viver de forma melhor, se faz necessárias iniciativas para que se possa garantir a essas parcelas uma estrutura de vida mais equanime e digna dentro da estrutura social brasileira.

Até mesmo a dimensão documentária, a que estamos tratando neste momento, se faz muito importante. Isso porque o ato de registrar e os chamados desdobramentos documentários podem resultar em novas configurações políticas e sociais para os povos retratados. A formação iconográfica dos índios Urubu-Kaapor conseguiu possibilitar

anos mais tarde não só o reconhecimento, como também possivelmente a demarcação de suas terras.

A seguir, sobre o mesmo assunto, é importante destacar exemplos da dimensão documentária do contexto classificatório do acervo Urubu-Kaapor em negativos:



Sequência imagética 1 - FOERTHMANN, Heinz. **Criança Urubu em rede, provavelmente com sarampo.** Maranhão. Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 tira de negativo, p&b, 35mm – notação: spi14946 – spi14949.

Esta imagem de uma criança doente de sarampo apresenta uma linearidade das imagens demonstradas. Observados num primeiro momento, as fotografias parecem serem as mesmas. Porém, observadas de forma pormenorizadas, é possível verificar que é uma sequência com diferentes detalhes em cada uma delas, mostrando a riqueza de sentido para cada uma das fotografias produzidas. Uma pista para entender este chamado contexto classificatório é a notação atribuída. Para estes fotogramas, foram atribuídos os seguintes números: spi14946 – spi14949. Numa forma numérica e crescente, os registros documentários parecem contar uma história. A seguir, mais uma sequência:



Sequência imagética 2 - FOERTHMANN, Heinz. **Índio Urubu carregando criança para o funeral.** Maranhão. Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 tira de negativo, p&b, 35mm – notação: spi14955-spi14958.

O interessante desta sequência imagética é a notação atribuída a este pequeno conjunto ilustrativo: spi14955 - spi14958. Apesar de haver um espaço de apenas 6

fotogramas quando da imagem da criança doente (esta lacuna existe no meio físico e digital), é possível observar uma linearidade temporal já que a narrativa imagética cronológica se impõe, da criança doente na rede, para o pai carregando a mesma criança morta em seus braços.

3. Festa da Nominção



Fotografia 4 - RIBEIRO, Darcy. **Festa da Nominção.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2527.

A Fotografia 4 registra a etnicidade dos povos indígenas, particularmente dos índios Urubu-Kaapor quando da realização da chamada Festa da Nominção, característica única de memorialidade de povos indígenas que habitaram o litoral brasileiro, como dos índios Tupinambá.

As próprias fotografias possuem por natureza um conteúdo multidisciplinar, já que o entendimento do que está inscrito no suporte imagético depende de muitas bases de interpretações teóricas no sentido de compreender o conteúdo presente. Na verdade, como exemplo, a fotografia de um índio Urubu-Kaapor numa Festa da Nominção é apenas um ponto de partida para um maior entendimento das formações que se realizaram quando do registro documental e do contexto não apenas de produção imagética, como também daquela presente entre o próprio povo indígena. Deste modo:

Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica, além, obviamente, da própria história da fotografia. As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (KOSSOY, 2009, p.21).

O desejo de registrar a plasticidade dos índios Urubu-Kaapor está presente no relatório de pesquisa referente à Primeira Expedição Científica (Anexo 1). Vejamos esta passagem do relatório de Darcy Ribeiro:

O documentário fotográfico foi mais rico, porém, também ele sofreu as condições de vida dos índios e o clima adverso, por isto nem foi possível fazer um documentário em cores de seus adornos plumários. (RIBEIRO, fot. 01272).

Os registros realizados quando da Festa da Nominação são representativos do conteúdo que o intelectual retratou de asseverar a diversidade, a pluralidade, conjugados com a riqueza da cultura material dos índios Urubu-Kaapor.



Fotografia 5 - RIBEIRO, Darcy. **Índio Urubu-Kaapor se preparando para a Festa da Nominação.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2549.

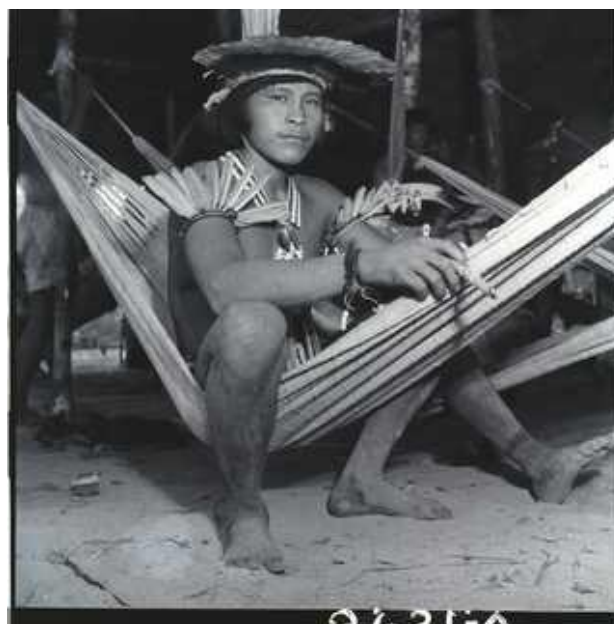
Na Fotografia 5, podemos observar um índio Urubu-Kaapor sendo pintado por sua mulher para participar da Festa da Nomação, assim descrita por Darcy Ribeiro:

A cerimônia mais positiva na sua cultura é a de nomeação das crianças. Trata-se essencialmente de uma afirmação da fertilidade Kaapor e da reafirmação dos laços exogâmicos entre os agrupamentos residenciais que propiciam a sobrevivência e o crescimento da população. Tendo sobrevivido ao nascimento e ao período de restrição alimentar e isolamento de seus pais, conhecido como resguardo, a criança é candidata a receber um nome. Normalmente isto é feito quando a criança já é capaz de se virar e engatinhar por conta própria, mas pode chegar a ocorrer até um ano ou mais depois do seu nascimento. Esta cerimônia não é individual, como o é o ritual da puberdade feminina, mas, ao contrário, veementemente coletiva. Várias crianças dentro da faixa etária de 1 ano ou mais recebem nomes de uma só vez. Como cada criança tem que ter padrinhos (*ipai-anhang*) assim como seus próprios pais presentes, a cerimônia envolve a maior festa grupal na sociedade. (RIBEIRO, 1996, p.58).

Darcy Ribeiro em seu diário de campo atribui importância a cerimônia e relata algumas passagens da festa. Vejamos:

A festa rodou ordenada, louca e ritual ontem, a noite toda, hoje de madrugada e de manhã, e ainda rola em todos nós, tontos da bebedeira sem fim. O cauim de mandioca, que nos primeiros goles me parecia ingrátível, foi se amaciando e adoçando, até que comecei a ter sede dele. Maravilha. (RIBEIRO, 1996, p.595).

Vejamos abaixo mais uma fotografia emblemática da riqueza material dos índios Urubu-Kaapor, na figura do índio Kosó adornado para Festa da Nomação realizada na aldeia onde é possível observar adornos plumários, categoria temática abordada em sequência:



Fotografia 6 - RIBEIRO, Darcy. **Índio Urubu-Kaapor preparado para a Festa da Nomação.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2631a.

Darcy Ribeiro teve preocupação ao retratar os índios Urubu-Kaapor a riqueza da arte plumária tão conhecida atualmente entre esses índios. Logo na introdução do seu livro com Berta Ribeiro chamado “Arte plumária dos índios Kaapor”, maior produto das expedições realizadas pelo etnólogo, ele expõe a importância dessa imagem para o imaginário coletivo sobre os povos indígenas, como para a auto-representação que os próprios índios possuem:

Tôda a copiosa documentação iconográfica que se vem acumulando desde o século da descoberta, os representa assim, invariavelmente envoltos em mantos de plumas ou profusamente adornados com enfeites de penas. É provável que esta imagem esteja muito próxima da que os índios fazem de si mesmos. Ao menos os que são objeto deste estudo, têm de si própria como idealização mais alta, a de figuras engalanadas com uma parafernália de penas mulcores [sic]. (RIBEIRO, 1957, p.1).

Deste modo, a produção fotográfica produzida em área indígena quando da realização das expedições científicas começaram a produzir seus primeiros frutos: a realização de estudos pormenorizados sobre a cultura material do povo em questão, estabelecendo um processo de maior visibilidade para os índios e, conseqüentemente, melhorias das condições de vida dos índios Urubu-Kaapor.

A presente discussão também nos remete às concepções da constituição da formação da memória e da identidade na formação de um povo ou na concepção da sua própria imaginação do que o representa. Importante lembrar que os povos indígenas têm por característica a formação de uma forte memória oral, muito explorado por Darcy Ribeiro quando da formação das árvores genealógicas dos índios Urubu-Kaapor:

Outra façanha de que me orgulho é ter colhido as mais vastas genealogias de que tenho notícia. Pense só, você aí sozinho, de quantas avós seus você se lembra e dos quais possa dizer alguma coisa. Por exemplo, onde nasceu, onde morreu e de que morreu. Um de meus informantes me ditou ma genealogia que cobre oito gerações e que recua no tempo até 1800, pelo menos. Além disso, me deu toda a parentela de descendentes daquelas primeiras avós, que soma 1171 pessoas. Não é fantástico? (RIBEIRO, 1996, p.10).

Até a chegada do suporte com o objetivo de se chegar a uma relação de perenidade com o conhecimento produzido, os indígenas tinham uma urgência no relato oral com o intuito de não cair no esquecimento às linhagens familiares ou demais contos

que pudessem constituir o povo em questão. A seleção inclusive do que deva ser conservado se torna mais fácil em grupos com forte tradição oral (CANDAU, 2012) em comparação às sociedades de tradição escrita que necessitam selecionar qual conhecimento deverá ser preservado nos lugares de memória, como bibliotecas e museus.

Na verdade, o contato intermitente que os povos indígenas começou a configurar, no caso dos Urubu-Kaapor, a partir do ano de 1928, numa mudança substancial na relação com a sua cultura e na forma de preservá-la. Quando expedições científicas começaram a realizar trabalhos de campo, estudos etnográficos e registros imagéticos não se fazem mais tanta a necessidade da existência de guardiões da memória, como no caso relatado por Darcy Ribeiro. A formação da memória começa a se realizar por formações de arquivos físicos, como os memorializados quando da salvaguarda realizada no Museu do Índio.

No caso da fotografia, a forma em si já se torna mais contundente na formação de estoques de informação para a manutenção da memória de povos indígenas num tempo circunscrito:

É provável que a invenção da fotografia tenha favorecido a construção e manutenção da memória de certos dados factuais – acontecimentos históricos, catástrofes -, mas também fatos familiares, oferecendo, simultaneamente, a possibilidade de manipulação dessa memória. De uma maneira geral, todos os traços que têm por vocação “fixar” o passado (lugares, escritos, comemorações, monumentos etc.) contribuem para a manutenção e transmissão da lembrança de dados factuais: estamos, assim, em presença de “passados formalizados”, que vão limitar as possibilidades de interpretação do passado e que, por essa razão, podem ser constitutivos de uma memória “educada”, ou mesmo “institucional”, e, portanto, compartilhada. (CANDAU, 2012, p.117-118).

É possível inferir que na construção da memória documental do povo indígena em questão, há uma institucionalização do registro, por meio da salvaguarda numa instituição do Estado brasileiro, no caso o Museu do Índio, e por meio do olhar do fotógrafo, seja por Heinz Foerthmann, seja por Darcy Ribeiro. Há uma espécie de reducionismo da espontaneidade das formações culturais quando na fixação da temporalidade em suportes estáveis de informação, como a fotografia.

A formação iconográfica além de ser fabricada com uma determinada finalidade num contexto específico, formará uma representação única daquilo que podemos chamar de uma visão estrita do espectro multifacetado das culturas humanas. Ainda mais quando há uma relação assimétrica de quem produz o documento, no caso, o

Estado por meio de servidores qualificados na obtenção das imagens e os índios, que naquele momento, não participavam ativamente na construção do conhecimento.

Por isso que por mais que o registro imagético fixe no tempo a construção de uma dada realidade, não compreendendo o dinamismo e as demais formas diversas e plurais que uma cultura possa conter, se faz necessário, mesmo de forma ensaística, a participação ativa dos povos indígenas para o seu próprio registro documentário. Assim, podemos encontrar um modelo um pouco mais aproximado da realidade as quais os circundam, não sendo apenas uma interpretação do olhar do outro.

Um debate que não podemos nos furtar quando observamos a formação dos repositórios fotográficos diz respeito à importância do desenvolvimento da fotografia no século XX. Ora, se no início do século passado tínhamos, por exemplo, as chapas de vidros produzidas pela Comissão Rondon para o registro de outra expedição, porém de outra natureza, como a realizada pelo Marechal Rondon, no tempo de Darcy Ribeiro já tínhamos suportes para registros fotográficos mais ágéis e simples de serem operados.

Caso não houvesse uma maior sofisticação da tecnologia, com certeza ficaria muito comprometido o registro desses povos e os desdobramentos documentários a serem realizados após as ações executadas. Assim:

Essa primeira constatação, reforçada no decurso dos anos, provém, de fato, de outra, mais ampla, que se refere ao destino das imagens em geral em nossa sociedade. É banal falar de “civilização da imagem”, mas essa expressão revela bem o sentimento generalizado de se viver em um mundo onde as imagens são cada vez mais numerosas, mas também cada vez mais diversificadas e mais intercambiáveis. (AUMONT, 2011, p.8).

A expressão civilização da imagem por mais que não seja a mais adequada, como assinalado por Aumont, sugere que há uma explosão imagética, como também tivemos uma explosão documental formulada por Paul Otlet na década de 1930. Vejamos a fala do pensador francês:

Sua massa enorme, acumulada desde o passado, que aumenta a cada dia, cada hora, com novas unidades em números desconcertantes, até mesmo enlouquecedor. Deles como da língua, pode-se dizer que podem ser a pior e a melhor das coisas. Deles como da água que tomba do céu, pode-se dizer que podem provocar a inundação diluviana ou se espalhar em benfazeja irrigação.⁹ (OTLET, 1934, p.4, tradução nossa).

⁹ Leur masse enorme, accumulee dans le passe, s'accroit chaque jour, chaque heure, d'unites nouvelles en nombre deconcertant, parfois affolant. D'eux comme de la Langue, On peut dire qu'ils peuvent etre la pire et la meilleure des choses. D'eux comme de l'eau tombee du ciel, on peut dire qu'ils peuvent provoquer l'inondation et le deluge on s'epandre en irrigation bienfaisante.

De certa maneira, as expedições científicas empreendidas pelo etnólogo Darcy Ribeiro foram beneficiadas pela evolução tecnológica das câmeras fotográficas, podendo realizar inclusive imagens em sequência que pudessem retratar pequenas mudanças no posar, como podemos ver na sequência abaixo realizadas quando da realização da Primeira Expedição Científica:



Sequência imagética 3 - FOERTHMANN, HEINZ. **Índio Urubu-Kaapor chamado Anakanpukú**. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15809 – spi15822.

No caso em questão, o classificador seleciona as imagens como forma de provar uma ideia, como de uma determinada etnicidade para Darcy Ribeiro, como de um índio integrado ao mundo dos brancos, percebido em outras coleções fotográficas do Museu do Índio. Assim como a classificação, a produção fotográfica também é realizada para uma determinada motivação. Como indica Aumont (2011, p.78): “A produção de imagens jamais é gratuita e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos.”

Se os custos de transporte e orçamentários fossem tão altos e com problemas estruturais de arrecadação e orçamento do Estado, não poderiam ser realizadas tantas fotografias para retratar apenas um único índio. Se naquele tempo, utilizando negativos em suporte nitrato se realizou aproximadamente 1000 fotografias para cada expedição, imaginem nos dias de hoje, com a emergência das câmeras digitais, quantas fotografias seriam realizadas.

E mesmo com o avanço tecnológico presente quando da realização das expedições científicas por Darcy Ribeiro, ocorreram percalços quando do retorno da área indígena devido às dificuldades inerentes a localidade. Portanto (Anexo 1):

Quando quisemos regressar, outra dificuldade apresentou-se: o caminho pelo qual atingimos a aldeia com toda a carga que a documentação cinematográfica exigia, estava fechado pelas águas. Enormes trechos foram inundados pelos igarapés e um trabalhador que mandámos ir adiante, para ver como estava a estrada, teve de andar centenas de metros com água pelos ombros, às vezes até nadando. Era impossível nessas condições, voltar á pé com uma carga tão suscetível de alterar-se com a humidade. (RIBEIRO, fot. 01273).

Podemos imaginar a tamanha dimensão que se tomou a formação da chamada explosão imagética por meio das novas tecnologias de apreensão do registro fotográfico que Darcy Ribeiro acabou sendo beneficiado em meados do século XX e que esse incremento tecnológico resultou no importante registro feito sobre os índios Urubu-Kaapor.

4. Arte Plumária

Outra importante manifestação que ocorre quando das pesquisas empreendidas por Darcy Ribeiro diz respeito às artes plumárias. Um dos principais elementos distintivos da etnicidade dos índios Urubu-Kaapor diz respeito à cultura material desse povo. A beleza plástica do material encontrado entre os índios e o depósito desses artefatos de plumária no Museu do Índio representa um elemento único na formação da cultura material dos povos indígenas.

Como explica o próprio Darcy Ribeiro:

Entretanto, é na plumária que encontramos a atividade mais eminentemente artística dos nossos índios, aquela em que revelam os mais elaborados impulsos estéticos e mais vigorosas características de criação própria e singular. E é natural que assim seja, porque a plumagem dos pássaros com sua variedade de formas e riqueza de colorido, constitui o material mais precioso e mais acabado, por assim dizer, que a natureza oferece aos índios para exprimirem-se artisticamente. O seu maior interesse estético, por outro lado, está voltado para o embelezamento do próprio corpo. Da combinação daqueles recursos e desta tendência, resultaria a elaboração de uma técnica requintada que, associando penas e plumas a diversos outros materiais, permitiria criar obras de arte capazes de competir em beleza com os mesmos pássaros. (RIBEIRO, 1957, p.12).



Ilustração 1 – **Colar apito Awa Tukaniwar**
 Fonte: *Arte plumária dos índios Kaapor*.
 Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1957.

O próprio Darcy Ribeiro relata o quanto ficou encantado com o encontro da arte plumária produzida pelos índios Urubu-Kaapor e a fascinação por sua beleza:

O que mais me fascinou entre os Kaapor foi a beleza incomparável de seus adornos plumários. Colecionando penas e plumas, selecionadas pela forma e pela cor, os Kaapor compõem com elas coroas flexíveis como a asa de um pássaro, penachos que se abrem, se fecham e até esvoaçam, como a cauda de uma ave. Fazem multíssimos adornos mais, todos belíssimos. Adornados com eles, os Kaapor se dão um pouco a beleza mais bela da sua floresta: a passarada. (RIBEIRO, 1990, p.55).

O exemplo do colar-apito é emblemático no que tange a produção documentária da expedição científica, como também de própria cultura material dos índios Urubu-Kaapor. Representação única desses índios, os adornos plumários compõem a característica mais representativa da cultura material do grupo indígena.

5. Oratório



Fotografia 7 - FOERTHMANN,
Heinz. **Oratório**. Maranhão:
Serviço de Proteção aos Índios.
1949. 1 negativo de acetato; p&b,
35mm – notação: spi15882.

Partindo da ideia de que durante a expedição científica Darcy Ribeiro estava preocupado em retratar a diversidade cultural encontrada quando da realização da viagem, um ponto de vista imagético apresentado é a fotografia do oratório. Não sendo uma representação típica dos povos indígenas, mas sim de povos sertanejos de origem católica que residiam próximo as populações indígenas, é possível ainda inferir a existência de certo sincretismo entre algumas típicas representações das culturas indígenas e dos habitantes circundantes a esses povos. Darcy Ribeiro relata como encontrou o oratório acima “Aí encontramos uma preciosidade para juntar às imagens de madeira e marfim conseguidas em São Luís e muito melhor. Um magnífico oratório, muito antigo, sem entalhes, pintado no estilo dos altares jesuíticos.” (RIBEIRO, 1996, p.304).

Ainda do ponto de vista da memória, podemos considerar que tanto os mitos quanto aspectos culturais diversos, como a presença de um oratório, nos fazem lembrar da necessidade da permanência dos lugares de memória para mantermos vivas as lembranças dos antepassados e dos demais aspectos étnicos. Assim,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa o varreria. São bastiões que os quais se escoram. (NORA, 1993, p.13).

Quando da abordagem da Festa da Nominção na Segunda Expedição Científica também ocorre nessa perspectiva da reificação da memória por meio de ritos que possam caracterizar e lembrar a etnicidade dos povos indígenas e permitir assim uma revalorização da etnicidade indígena.

6. Negros

Um elemento muito presente nos registros realizados quando da realização das expedições científicas por Darcy Ribeiro diz respeito à diversidade étnica-cultural da sociedade brasileira. Por exemplo, podemos observar abaixo a presença de negros na região dos índios Urubu-Kaapor. Vejamos:



Fotografia 8 -
FOERTHMANN, Heinz.
Menina negra. Maranhão:
Serviço de Proteção aos
Índios. 1949. 1 negativo de
acetato; p&b, 35mm –
notação: spi15888.

Conforme informa Darcy Ribeiro em seu diário de campo sobre a situação dos negros que habitavam o interior do Maranhão:

Somente depois da libertação dos escravos os últimos quilombolas deixaram a mata para morar em Itamoary ou em Camiranga, chefiados pelo negro Tibério, ou mesmo para voltar ao Maranhão. Anos depois, apareceu Guilherme Linde, que se apossou de suas terras, os manteve sob regime de trabalho forçado, sob a vigia de uma capangagem que mantinha os negros aterrorizados. Antes da libertação, quando viviam escondidos nas matas, os negros mantiveram contato com os regatões do rio, dando fala em certos pontos. (RIBEIRO, 1996, p.46).

A ocupação de negros na região de transição da Amazônia brasileira remete aos tempos do Brasil Colônia, na qual os negros foram utilizados de forma massiva pelos grandes engenhos de açúcar do Nordeste brasileiro. A luta pela libertação da condição aviltante escrava fez com que muitos negros se refugassem para a região onde existissem indígenas.

Havia naquela região uma relação muito próxima entre índios Urubu-Kaapor e negros, a ponto das técnicas de sobrevivência realizadas pelos primeiros houvessem sido adotados pelos segundos. Assim (Anexo 1):

Nos dois dias que passamos na comunidade negra de Camiranga onde vivem os remanescentes de quilombos maranhenses reunidos depois da libertação da escravatura, pudemos observar como também estes negros, embora tendo um intenso convívio comunal que já vem dos quilombos, tiveram de aprender as técnicas indígenas para sobreviver na floresta tropical. Até nas manifestações religiosas em que os afrobrasileiros se mostram tão conservadores, encontramos no Gurupí uns sincretismos para o qual contribuiu mais o indígena que o católico; ao envez das macumbas, dos pais de santo, o que deparamos sempre foram pagelanças em que pagés negros cantavam e invocavam, como os índios, crenças bem aborígenes. (RIBEIRO, fot. 01267).

Para além da etnicidade dos índios Urubu-Kaapor, há um elemento sincrético daquela região do país, que reverbera para a formação da própria identidade nacional brasileira. Realizando um paralelo entre a cultura indígena e a negra, Darcy Ribeiro afirma que:

O espantoso é que os índios como os pretos, postos nesse engenho deculturativo, consigam permanecer humanos. Só o conseguem, porém, mediante um esforço inaudito de auto-reconstrução no fluxo do seu processo de desfazimento. Não têm outra saída, entretanto, uma vez que da condição de escravo só se sai pela porta da morte ou da fuga. Portas estreitas, pelas quais, entretanto, muitos índios e muitos negros saíram; seja pela fuga voluntária do suicídio, que era muito freqüente, ou da fuga, mais freqüente ainda, que era tão temerária porque quase sempre resultava mortal. Todo negro alentava no peito uma ilusão de fuga, era suficientemente audaz para, tendo uma oportunidade, fugir, sendo por isso supervisionado durante sete a

dez anos de vida ativa no trabalho. Seu destino era morrer de estafa, que era sua morte natural. Uma vez desgastado, podia até ser alforriado por imprestável, para que o senhor não tivesse que alimentar um negro inútil. (RIBEIRO, 1995, p.118).

Os negros e os índios estabeleceram, de algum modo, táticas de sobrevivência frente à violência dos donos da terra, colonos portugueses, regatões e outros que por ventura quisessem se aventurar em território brasileiro com o objetivo de enriquecer subtraindo as riquezas das terras do país.

Na região do hoje chamado Estado do Maranhão, foi muito utilizada à mão-de-obra escrava com o objetivo de atender às demandas do mercado externo por produtos produzidos na colônia portuguesa. Portanto, a escravidão não atingiu somente os negros vindos da África, como também aos povos indígenas. Assim:

Desde o início da colonização do Maranhão, a maioria dos índios subjugados, seja por tropa de guerra, seja por persuasão de missionários, com ou sem força militar, que não fossem declarados escravos, eram trazidos para viver em aldeias perto de povoados e fazendas dos colonizadores. Essas aldeias eram chamadas de repartição porque os índios que lá viviam podiam ser repartidos por cotas entre os fazendeiros ou oficiais do governo para trabalhar em tarefas variadas. Os índios eram considerados livres, mas não tinham comando sobre sua vida, e especialmente sobre sua força de trabalho. (GOMES, 2002, p.148-149).

Ao relatar sobre a situação dos índios na Era Colonial brasileira, Gomes informa que os índios Tenetehara, também chamados de Guajajara (pertencentes ao mesmo tronco linguístico dos índios Urubu-Kaapor) passaram por processos de escravidão e que, Darcy Ribeiro, nos ilucida sobre as desventuras destes povos na mata pela resistência para conseguir a liberdade. Outra fonte que demonstra a diversidade naquela região do rio Gurupi diz respeito à presença de sertanejos.

7. Sertanejos



Fotografia 9 - FOERTHMANN, Heinz. **Sertanejos na porta de casa.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1949. 1 negativo de acetato; p&b, 35mm – notação: spi15878.

Além da expressiva presença de índios na região do rio Gurupi, também podemos observar a presença de sertanejos, ou seja, habitantes da localidade que não são identificados como indígenas ou negros. Os sertanejos muitas vezes também são chamados de caboclos. Vejamos:

O único bicho que se multiplicou do rio foi gente, principalmente negros fugidos da escravidão, que foi numerosa no Maranhão, e concentrados em vários quilombos, que acabaram se juntando aqui como a mão-de-obra das explorações de ouro. Há também boa quantidade de caboclos. São mulatos e mestiços paridos principalmente por mulheres indígenas retiradas das aldeias e fecundadas por brancos e negros. **Seus filhos nasceram soltos, deserdados da cultura índia e da negra, misturando elementos das duas com a européia.** Comportando-se como a praga que realmente somos, arrasaram com a fauna das barrancas do Gurupi. Lá pra dentro, na mata, deve haver muita onça, anta, veado, paca e outras caças, além da passarinhada mais bonita desse mundo. (RIBEIRO, 1996, p.70, grifo nosso).

Esta passagem acima revela a mestiçagem existente na localidade habitada pelos indígenas, mestiçagem esta característica da sociedade brasileira e se faz necessário

ressaltar o alto grau de vulnerabilidade social em que se encontrava esse estrato da sociedade brasileira.

Nas pesquisas de cunho antropológico que Darcy Ribeiro empreendeu ao longo dos anos, o etnólogo teve a preocupação de estudar como o sertanejo foi um importante componente da sociedade brasileira. Ao relatar sobre o chamado Brasil Sertanejo, Darcy Ribeiro invoca que:

Conformou, também, um tipo particular de população com subcultura própria, a sertaneja, marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade pensada ao messianismo. (RIBEIRO, 1995, p.340).

Para um melhor entendimento dessa composição híbrida da sociedade brasileira relatada por Darcy Ribeiro, podemos nos apoiar também na interpretação do sociólogo Gilberto Freyre:

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população branca quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura [...]. (FREYRE, 1977, p.5).

De antemão, destacamos que a formação da concepção da relação amistosa entre portugueses e negros (as), vista de forma afetuosa na relação assimétrica estabelecida quando da colonização portuguesa por Gilberto Freyre, é contestada pelo próprio Darcy Ribeiro, que atribuiu a interpretação da miscigenação brasileira pelo sociólogo pernambucano como uma certa bizarrice de interpretação sociológica. Vejamos:

Gilberto Freyre (1954) se enlanguece, descrevendo a atração que exercia a mulher morena sobre o português, inspirada nas lendas da moira encantada e até nas reminiscências de uma admiração lusitana à superioridade cultural e técnica dos seus antigos amos árabes. Essas observações podem até ser verdadeiras e são, seguramente, atrativas como bizarrices. Ocorre, porém, que são totalmente desnecessárias para explicar um intercuro sexual que sempre se deu no mundo inteiro, onde quer que o europeu deparasse com gente de cor em ausência de mulheres brancas. [...]. Ainda assim, eles se mesclaram por longo tempo, gerando uma vasta camada mestiça que continuou até que a população branca se homogeneizasse pela composição equilibrada de homens e mulheres, criando um ambiente cultural e moral capaz de operar como barreira ao intercuro. (RIBEIRO, 1995, p.237).

Na verdade, a formação da sociedade brasileira possui por excelência a miscigenação e a forma híbrida entre os diferentes atores sociais que estão em interação na formação do Brasil contemporâneo. Darcy Ribeiro ao retratar a viagem realizada pela região dos índios Urubu-Kaapor demonstra essa diversidade e de que forma ocorreu na região do Maranhão. Como afirma Bomfim,

O português, menos refractário á fusão do que outros povos, juntou-se francamente, em sangue e costumes, aos indígenas. Aproveitou-os, tentou escravizá-los, e cruzou com eles, o que não fizeram outros, principalmente os franceses. O português foi o mais humano dos colonizadores, porque foi o que mais cruzou. Essa observação tem de ser fixada para achar a definição do tipo racial e das formas sociais peculiares ás gentes brasileiras. O Índio é para a Nação Brasileira um factor essencialmente importante, quase decisivo. A nossa nacionalidade foi a que primeiro se pronunciou na America, por ter sido o Brasil o território onde melhor se misturaram em feliz combinação os indígenas com os colonizadores. E isso se explica porque, ao contrario do que sucedeu na Asia e na Africa, aqui o índio contribui fundamentalmente com o seu sentimento de autonomia e fortaleza para a afirmação dessas qualidades nacionaes. (BOMFIM, 1940, p.9-10).

Apesar dessa ode de Manoel Bomfim sobre a formação da sociedade brasileira por meio da contribuição da colonização portuguesa, Darcy Ribeiro se coloca de forma mais crítica quanto à formação da sociedade brasileira. Isso porque o último acredita que fomos veementemente agredidos pelos portugueses em nossa constituição e na formação do Brasil contemporâneo:

O espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada, como falsa, “democracia racial”, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais. O mais grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizam num *modus vivendi* que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos. (RIBEIRO, 1995, p.24).

Ainda nesse sentido, cabe destacar que há uma especificidade cultural dos chamados sertanejos frente à cultura indígena. Em alguns momentos, eles podem inclusive se influenciar mutuamente, porém no que diz respeito às formações culturais, há construções específicas. Assim,

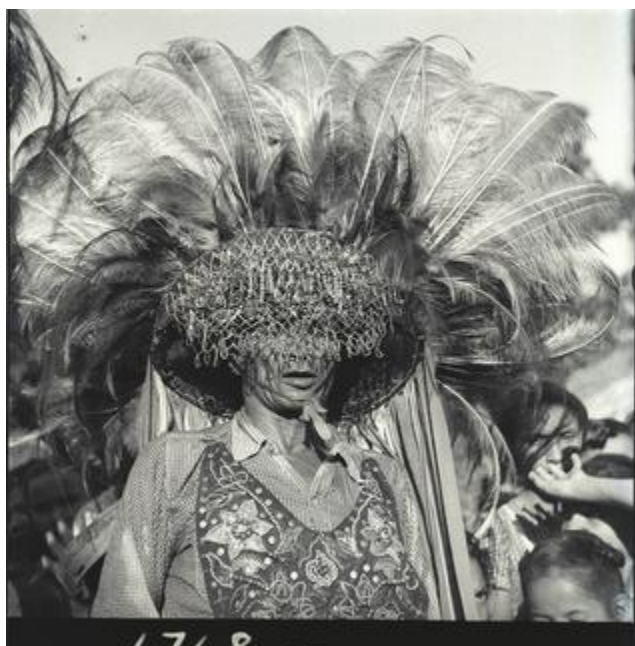
Os índios tribais que ainda hoje existem na Amazônia estão localizados no alto dos rios, em áreas distantes e de acesso difícil. Em sua maioria, não participam, senão esporadicamente da vida social local ou nacional, e vivem sob a tutela de uma instituição federal, o Serviço de Proteção aos Índios. A cultura dessas sociedades tribais dificilmente influenciará, no sentido de contribuir com elementos novos, o modo de vida do caboclo, principalmente porque seus traços culturais mais passíveis de adaptação já de há muito foram assimilados pelo mestiço luso índio, que os tomou de culturas indígenas hoje extintas. (GALVÃO, 1976, p.128).

8. Festa do Bumba-meu-boi

Quando da análise iconográfica da Segunda Expedição Científica realizada por Darcy Ribeiro, encontramos alguns aspectos distintos quando da análise da Primeira Expedição, como já abordado. Por exemplo, além da presença de Francis Huxley, que está discutida mais a frente, há também a presença de aspectos de cultura popular.

Darcy Ribeiro quando da exposição sobre a festividade tradicional ocorrida no Maranhão se preocupa em relatar que há uma forte relação entre a festividade popular que é um tipo de culto que nos remete a época do império. Assim:

A festa é muito interessante. Não imaginava que se tratasse de uma forma local das Festas de Coroação do Imperador ou da Imperatriz. Mas é essencialmente isso. É incrível como esses negros, mais que ninguém, cultuam o nosso Império escravista, que caiu com a Abolição. (RIBEIRO, 1996, p.59).



Fotografia 10 - RIBEIRO, Darcy. **Vestimenta da festa do Bumba-meu-Boi.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia1795.

A Fotografia 10 revela típica vestimenta da festa popular realizada no Maranhão, que em tese não teria qualquer relação com o objetivo de Darcy Ribeiro em documentar os índios Urubu-Kaapor. Porém, o objetivo das expedições de Darcy Ribeiro era mais

amplo: atribuir valor ao seu registro documental para retratar a diversidade étnica-cultural da sociedade brasileira. Darcy Ribeiro em seu relato de campo destaca a ornamentação do Bumba-meu-Boi:

Depois da Caixa, tivemos o Bumba-meu-Boi. Custou-nos muito dinheiro, mas saiu um boi como Camiranga nunca tinha visto, de tão rico e bem ornado, embora não interferíssemos senão com o dinheiro. A armação na forma de carcaça de boi, com cabeça e até chifre muito bem arranjado, foi coberta com cetim azul claro, com uma larga franja vermelha. Dentro dela um dançador fez mil piruetas, tentou chifrar meio mundo e mugia como um touro brincalhão. (RIBEIRO, 1996, p.60).

Assim como parece natural um etnólogo no poder da máquina fotográfica realizar registros de índios na área indígena, poderia também pensar que seria aparentemente lógico o registro de cultura popular, no caso o Bumba-meu-Boi, para melhor entendimento do prisma da cultura brasileira.

Num primeiro momento, os documentos fotográficos produzidos quando das expedições científicas foram realizados como elemento de prova do trabalho, conforme relatórios de serviço produzidos no âmbito da administração pública federal (Anexos 1 e 2). Porém, após o seu período probatório, quando afastados da sua motivação original, os registros imagéticos se tornam suportes da memória coletiva para utilização futura.

A importância então desses registros ganham amplitude, já que a formação dessa coleção suscita a reificação dos atores em jogo, sendo eles pesquisadores, indigenistas, os próprios indígenas ou quaisquer outros personagens que por ventura tenham sido registrados quando da passagem da expedição pelo interior da Amazônia Oriental brasileira.

Ou seja, hoje qualquer indivíduo com acesso a internet pode ter acesso a documentação imagética produzida nos anos 1940/1950 e observar a presença de aspectos de cultura material não mais realizados ou, quiçá, a presença de algum ente querido numa festa popular pelo interior do Maranhão.

9. Francis Huxley



Fotografia 11 - RIBEIRO, Darcy. **Francis Huxley com índios Urubu colocando timbo no rio.**

Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia1694.

Como já indicado, há uma mudança substancial na configuração de agentes que participariam da expedição científica no ano de 1951. Sobre a composição para a realização da Segunda Expedição Científica, Darcy Ribeiro relata que:

Levo comigo, como companheiro de pesquisa, Francis Huxley, bolsista do Itamaraty, doutorando em Oxford. É antropólogo social, num sentido bem inglês, está particularmente interessado nos grupos tupis e pretende estudar mais detidamente o sistema de parentesco dos Kaapor. (RIBEIRO, 1996, p.301).

Ao nos debruçarmos na pesquisa realizada pelo próprio Francis Huxley sobre os índios Urubu-Kaapor, é possível verificar a gratidão do pesquisador inglês por Darcy Ribeiro:

Quando encontrei Darcy Ribeiro estava ele de partida, pela segunda vez, para a tribo de índios chamados urubus, como parte desse programa de antropologia. Tais índios – disse-me êle – falam um dialeto tupi; parece que praticaram canibalismo ritual em tempos não remotos – foram pacificados há uns 25 anos – e muitos de seus costumes e mitos revelam grandes semelhanças com os dos antigos tupinambás. Quando soube que esta era justamente a espécie de tribo que eu mais desejava conhecer, imediatamente convidou-me a acompanhá-lo em sua próxima viagem. Foi um gesto de

grande bondade, gesto que sómente outro antropologista pode entender perfeitamente, pois todos os que trabalham com uma tribo, dificilmente podem evitar certo sentimento de “propriedade”, e pensam nela com a “sua” tribo. (HUXLEY, 1963, p.13).

Apesar da generosidade de Darcy Ribeiro para a pesquisa de Francis Huxley, a ida a campo do agente do SPI com um pesquisador de uma importante instituição educacional inglesa trouxe maior legitimidade e visibilidade às pesquisas empreendidas pelo intelectual brasileiro. A ação orientada mais uma vez deu visibilidade aos índios, permitindo assim um trabalho documental mais refinado e que pudesse trazer maiores dividendos para todos: Estado brasileiro, na figura do Darcy Ribeiro, Francis Huxley, como doutorando da Universidade de Oxford e os maiores interessados: os índios Urubu-Kaapor. Como produto do convite realizado por Darcy Ribeiro, há o livro publicado de Huxley: “Selvagens amáveis”.

Outro fato também inusitado é a afirmativa por parte de Darcy Ribeiro que os índios Urubu-Kaapor são diretamente descendentes dos índios Tupinambá. Vejamos a perspectiva do sociólogo Florestan Fernandes quanto à existência de Tupinambás em território brasileiro:

Doutro lado, ainda não se descobriu algum documento que permita afirmar que os Tupinambá do Rio de Janeiro são os povoadores do Maranhão e do Pará. [...]. Praticamente, parece-me impossível provar que os Tupinambá do Maranhão e do Pará eram provenientes, em sua totalidade ou maioria, do <trópico de Capricórnio> ou seja do Rio de Janeiro. (FERNANDES, 1989, p.41).

A iniciativa de Darcy Ribeiro em imputar aos índios Urubu-Kaapor como os herdeiros naturais da condição Tupinambá os colocam automaticamente numa situação privilegiada de documentação, quando da realização das expedições científicas, quanto também da formação de uma indianidade mais próxima da original. Por exemplo, quanto à demarcação da terra indígena Urubu-Kaapor há hoje um marco legal na qual o Estado brasileiro tem por dever institucional defender o território indígena. Assim:

Simultaneamente, seu território foi demarcado. É uma fração da área que dominavam, mas lhes dá alguma segurança no cipoal de leis no mundo dos brancos. Vivem cercados por fazendas com gado e com gente que eles ainda olham com suspeita, querendo aproximar-se, e que os vêem com desconfiança. (RIBEIRO, 1996, p.12).

Há na literatura algumas informações no sentido de que os índios da etnia Tupinambá fugiram para o norte do país, mais especificamente para o Pará e o

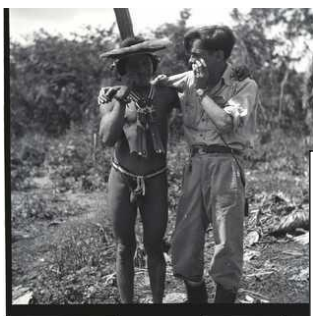
Maranhão. No entanto, nada nos faz induzir quais seriam os índios remanescentes daquele tempo colonial. Arthur Ramos informa que:

A chegada do colonizador branco produziu graves perturbações na vida dos índios. Para escapar ao massacre, fugiram para o interior ou começaram a grande migração histórica em direção ao norte, seguindo a orla costeira, migração que enche os primeiros séculos da colonização. Os Caeté e Tupinambá fogem dos portugueses em direção ao Maranhão e ao Pará. (RAMOS, 1971, p.87).

Na fotografia em discussão, há o retrato do pesquisador Francis Huxley colocando timbó no rio com os índios Urubu-Kaapor tendo como objetivo apanhar peixes com maior facilidade. Darcy Ribeiro conta um fato pitoresco ocorrido com o pesquisador inglês:

O apelido que os índios arranjaram para ele [Francis Huxley] pegou que foi uma beleza. Em cada aldeia que chegamos, ele já é aguardado como o cunhado comprido, Saépuku. Os índios até parecem admirar-se ao vê-lo, já não de seu tamanho avantajado, mas do exagero de suas próprias imaginações, que o terão pintado com pernas e braços gigantescos. Mas não há mal que não venha para o bem, como dizia vovó. Huxley, que nos primeiros dias se desgostava vigorosamente desse nome, acabou acostumando-se com ele e, eu creio, vai acabar gostando. Outro dia me disse que já tem título para seu livro a publicar na Inglaterra. Será: *Long man in Maranhão*, ou seja, em língua de gente, Saépuku no Maranhão. (RIBEIRO, 1996, p.382).

10. O Homem Cordial



Fotografia 12 - RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro com índio Urubu**. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2602.



Fotografia 13 - RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro com índia Urubu**. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2603.



Fotografia 14 - RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro e índia Urubu com criança**. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm. – notação: spia2604.



Fotografia 15 - RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro com índio Urubu**. Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm. – notação: spia2605.

As imagens demonstram Darcy Ribeiro em momentos de familiaridade e proximidade com os índios Urubu-Kaapor. Verifica-se que as imagens possuem uma

temática comum, a cordialidade entre brancos e índios e uma classificação numérica, sequencial e crescente: spia2602 a spia2605.

Além da existência de certa familiaridade entre o universo dos brancos e dos indígenas, há a reflexão de quanto de interferência foi realizada quando do posar e do registro da imagem, da pose idealizada por Darcy Ribeiro daquilo que se desejava mostrar ou transmitir. Destarte:

Do mesmo modo que, comumente, o fotografado, especialmente se fotografado por um estranho, apruma-se, faz pose ou até se veste “apropriadamente” para posar. Para que a fotografia como registro visual de sua pessoa, ainda que corresponda ao que é, não venha a ser um documento do que nem sempre quer ser. Sobretudo, o uso de um equipamento de identificação, como o chama Goffman, que é o vestuário (e é a maquiagem) específico e diverso do equipamento cotidiano, para ser fotografado, expressa uma consciência de que a fotografia é interação e reciprocidade com o fotógrafo e com quem mais vier a vê-la num marco extracotidiano. [...]. Portanto, esse cuidado na apresentação pessoal do fotografado é também uma racionalização vestimental com o objetivo de fazer-se entender pelo “leitor” da fotografia e preventivamente evitar que a vestimenta própria de um certo código de decoro induza a leitura da foto segundo uma pauta de entendimento que entre em conflito com aquilo que o fotografado entende ser como pessoa e quer dar a ver. (MARTINS, 2009, p.14-15).

Darcy Ribeiro no momento da realização das fotografias junto dos indígenas não teve qualquer preocupação em trazer uma estética civilizatória junto aos índios ou como um procedimento de amenização do chamado caráter “selvagem” dos Urubu-Kaapor. A ideia era trazer elementos que pudessem retratá-los como eles eram, da forma mais natural possível.

É possível ainda inferir que o “mundo civilizado” fica mais em evidência quando observamos Darcy Ribeiro vestido como um típico homem ocidental, não optando por ficar semelhante à vestimenta dos índios Urubu-Kaapor. A formação identitária por meio da vestimenta se faz contundente ao observarmos as diferenças dos modos não apenas de se vestir, como de agir do etnólogo ao se deixar tocar pelo índio Urubu-Kaapor, como se este estivesse supreso pelo “civilizado” possuir pelos no corpo, no caso, o protuberante bigode de Darcy Ribeiro.



Fotografia 16 - RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro com índio Urubu.** Maranhão: Serviço de Proteção aos Índios. 1951. 1 negativo de acetato; p&b, 6x6cm – notação: spia2605.

A fotografia produzida por Darcy Ribeiro retrata a relação cordial e de amizade com os índios. As fotografias de Darcy Ribeiro quando analisados no conjunto produzido na realização da Segunda Expedição Científica, é possível verificar não apenas um ambiente mais favorável, já que os Urubu-Kaapor não estavam mais atingidos por doenças e pela fome, mas também pela relação de respeito e proximidade existente entre ambos os mundos: o dos brancos, representado pelo etnólogo; e o indígena, retrato pelos índios Urubu-Kaapor.

Sendo uma fotografia representativa da Segunda Expedição Científica e do estágio de maturação que vinha passando Darcy Ribeiro em seu trabalho como etnólogo, temos um exemplo das mudanças do intelectual em virtude das experiências vividas:

Aos poucos, com a acumulação das experiências e vivências, os índios me foram desasnando, fazendo-me ver que eles eram gente. Gente capaz de dor, de tristeza, de amor, de gozo, de desengano, de vergonha. Gente que sofria a dor suprema de ser índio num mundo hostil, mas ainda assim guardava no peito um louco orgulho de si mesmos como índios. Gente muito capaz que nós de compor existências livres e solidárias. (RIBEIRO, 1997, p.155).

Um dos principais conceitos elaborados pelo sociólogo Sérgio Buarque de Holanda para entender a formação da sociedade brasileira é a cordialidade do homem

brasileiro, por meio do tipo ideal construído chamado homem cordial. Quando observamos Darcy Ribeiro abraçado aos índios Urubu-Kaapor, nada mais emblemático do que um abraço fraterno como simbologia do cordial homem branco para com os povos indígenas.

Vejamos a fala do sociólogo sobre a relação cordial, que constitui uma característica peculiar da formação da sociedade brasileira:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definitivo do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados ao meio rural e patriarcal. (HOLANDA, 2008, p.146-147).

Portanto, o item fotográfico em discussão nos remete a ideia de hospitalidade e generosidade que está inscrita no conceito de homem cordial. A cordialidade que permeia a vida social brasileira está também colocada na dinâmica de Darcy Ribeiro com o índio Urubu-Kaapor.

Também há uma magnitude no ato de compreender as imagens do conjunto imagético produzido pelo etnólogo. Faz-se necessário a compreensão do real entendimento da construção das imagens e o porquê da forma do registro realizado. Como indica Panofsky (1979, p.51) “É óbvio que uma análise iconográfica correta pressupõe uma identificação exata dos motivos.” Ou seja, a mensagem da obra fotográfica é o mais importante para a compreensão do construto teórico de Darcy Ribeiro, como da própria coleção e arranjo dos acervos fotográficos em estudo. Nesse sentido também, é possível afirmar que:

A análise iconográfica, no caso da representação fotográfica situa-se a meio caminho da busca do significado do conteúdo; ver, descrever e constatar não é o suficiente. É este o momento de uma incursão em profundidade na cena representada, que só será possível se o fragmento visual foi compreendido em sua interioridade. Para tanto, é necessário, a par de conhecimentos sólidos acerca do momento histórico retratado, uma reflexão centrada no conteúdo, porém, num plano além daquele que é dado ver apenas pelo verismo iconográfico. É este o estágio mais profundo da investigação, cujos limites não são cristalinamente definidos. Não raro o pesquisador se surpreende refletindo neste plano pós-iconográfico, buscando os elos para a compreensão da vida que foi. (KOSSOY, 1989, p.65).

Ainda é possível inferir que a imagem possui um significado intrínseco ou de conteúdo, conforme sugerido por Panofsky (1979, p.52). Isso porque uma determinada

obra possui de forma subjacente algumas atitudes básicas que revelam a postura do criador para a sua obra. Logo, a relação amistosa entre Darcy Ribeiro e o índio Urubu-Kaapor pode ser entendida como uma relação mediada entre o fotógrafo e o fotografado.

Ao analisarmos a imagem produzida por Darcy Ribeiro, é perceptível a construção do intelectual numa visão integracionista da civilização brasileira. A sociedade brasileira possui uma importante particularidade no que tange a construção social, que difere muito de outras civilizações da própria América. Como diz o próprio Darcy Ribeiro:

Mais que uma simples etnia, porém, o Brasil é uma etnia nacional, um povo-nação, assentado num território próprio e enquadrado dentro de um mesmo Estado para nele viver seu destino. Ao contrário da Espanha, da Europa, ou da Guatemala, na América, por exemplo, que são sociedades multiétnicas regidas por Estados unitários e, por isso mesmo, dilaceradas por conflitos interétnicos, os brasileiros se integram em uma única etnia nacional, constituindo assim um só povo incorporado em uma nação unificada, num Estado uni-étnico. A única exceção são as múltiplas microetnias tribais, tão impoderáveis que sua existência não afeta o destino nacional. (RIBEIRO, 1995, p.22).

É sabido que a singularidade positiva da chamada civilização brasileira não significa uma formação sem conflitos ou não construtora de contendas em várias parcelas da sociedade no interior do Estado. As próprias elites constituídas no seio da sociedade do Brasil construíram para a nação concepções exógenas que representasse a criatividade cultural brasileira. Como afirma Darcy Ribeiro em outro texto (1980, p.146) “Esta inautenticidade responde, no plano cultural, a um fator causal e a uma carência.”

Outro ponto de problematização importante é que naquele momento, havia um acentuado decréscimo populacional dos indígenas no Brasil. Quando é realizada a leitura das imagens produzidas nas expedições com forte conteúdo plástico, ressaltando não a força de trabalho dos índios e os esforços do Estado para com estas populações, como atendimento à saúde ou a construção de moradia, mas uma visão quase que idealizada, demonstrada na cultura material e simbólica dos indígenas, fica a questão a ser discutida: o conteúdo exibido foi realizado de forma proposital, com o objetivo de valorizar certa etnicidade, ou o olhar de Darcy Ribeiro transbordou de tal modo que acabou fomentando desdobramentos documentários importantes, quando anos mais tarde tivemos a demarcação das terras dos índios que ocupam a margem maranhense do

rio Gurupi e a garantia da proteção por parte do Estado brasileiro por meio de sua agência indigenista: a Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As expedições científicas realizadas por Darcy Ribeiro foram representativas no que diz respeito à formação de uma coleção de importância histórica para os estudiosos da temática indígena, como também para aqueles que têm interesse na preservação da sua própria história: os índios Urubu-Kaapor.

A realização das expedições ocorreu em dois momentos distintos: na Primeira Expedição Científica, encontramos um estado de penúria dos índios, assolados pelo sarampo, gerando mortandade. A formação da coleção neste momento é diferente da encontrada na Segunda Expedição Científica por dois motivos: os índios estavam fragilizados, necessitando que tivessem maiores cuidados ao entrar nas aldeias e o registro das imagens não foi realizado por Darcy Ribeiro, mas sim pelo fotógrafo Heinz Foerthmann. Já na Segunda Expedição Científica havia um melhor estado sanitário e socioeconômico dos índios Urubu-Kaapor e o fotógrafo era Darcy Ribeiro.

O registro que Darcy Ribeiro manteve para com os povos indígenas é diferente daquele imaginado por Heinz Foerthmann. O primeiro possuía, talvez pela própria formação universitária, uma relação de proximidade com os índios, tendo caracterizado um grau de familiaridade que o último não teve.

A classificação realizada no bojo das formações iconográficas depositadas no Museu do Índio nos remete à ideia de uma narrativa cronológica de um diário de campo, tendo o próprio Darcy Ribeiro publicado ainda em vida, sua última publicação, a odisseia pelo Maranhão no território dos índios Urubu-Kaapor.

Por mais que Darcy Ribeiro tivesse o cuidado de publicar o seu diário de campo, ajudando em muito a compreensão do trabalho executado enquanto servidor da Seção de Estudos do SPI, a preservação deste material no âmbito do Museu do Índio foi fundamental para a perenidade do acervo imagético em questão.

Também é importante destacar a ação abnegada de determinados servidores públicos que zelaram pelo acervo apesar dos revezes administrativos e políticos enfrentados pela história da instituição. Uma das pessoas que podemos citar é João Domingos Lamônica, fotógrafo e servidor do Museu do Índio por mais de 40 anos e que preservou para as gerações futuras o acervo analisado.

Os arquivos do Museu do Índio representam memórias das constantes lutas realizadas nas relações conturbadas entre índios e não-índios. E essas memórias acabam

sendo reificadas quando reutilizadas em outros contextos que não o produzido originalmente. Essa reutilização tem uma característica imprescindível quando da reafirmação de um grupo indígena, pois é a partir da lembrança que o grupo não se fragmenta e da memória constituinte do *ethos* que o faz pertencente àquela comunidade é uma contribuição proposta para este trabalho.

Além da formação documentária de Darcy Ribeiro para com os povos indígenas do interior do Maranhão, também cabe ser destacado o retrato estabelecido de certos aspectos étnico-culturais daquela região como a presença do sertanejo, do negro e da festividade popular do Bumba-meu-Boi. Deste modo, essas ações documentárias resultaram não apenas no fortalecimento da etnicidade dos índios Urubu-Kaapor, como também de um leque de diversidade e pluralidade de estratos sociais do país.

A passagem acima nos faz lembrar a ideia do selvagem e de um possível subdesenvolvimento que determinados povos poderiam sofrer face ao inexorável movimento de desenvolvimento realizado pelas sociedades ocidentais. Conforme as palavras do antropólogo Claude Lévi-Strauss sobre o olhar do civilizado para o selvagem e a formação dialética desta dinâmica da alteridade:

Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é, por isso, então, que ela nunca está ausente. Quando cometemos o erro de crer que o selvagem é exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não reparamos que ele nos dirige a mesma censura, e que, a seus olhos, seu próprio desejo de saber parece melhor equilibrado que o nosso. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.21).

A intenção da pesquisa foi buscar compreender o porquê da realização de um procedimento de classificação não apenas de salvaguarda da documentação em questão como um modelo classificatório sobre a temática indígena no olhar de indigenistas e antropólogos, mas também no olhar dos cientistas da informação que se preocupam com o fluxo informacional e os desdobramentos que ocorrem em decorrência da utilização desta documentação. Por conseguinte,

A organização do conhecimento é uma área central de ensino e pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Os processos de produção, tratamento e disseminação de informação passaram por mudanças significativas na trajetória da comunicação do conhecimento. (SOUZA, 2012, p.103).

O Museu do Índio passou nos últimos anos por profundas transformações quando da organização do seu acervo arquivístico imagético e textual, com a introdução

de novas TICs – Tecnologia de Informação e Comunicação – que possibilitou novas formas de produzir, tratar e disseminar o conhecimento. Para exemplificar, o processo de indexação imagético realizado no Museu do Índio é impar, pois:

A instituição é detentora de tecnologias que possibilitam o acesso remoto aos seus documentos. A título de exemplo, possui um trabalho pioneiro na disponibilização de mais de 27 mil itens fotográficos indexados no sistema de informação. Este universo indexado e salvaguardado representa todo o conjunto imagético-documental produzido pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI). (PIQUET, 2012-2013, p.3).

O acúmulo documentário realizado quando da ação do Estado sob a figura do Serviço de Proteção aos Índios, é lido como as lutas e construções postos entre dominantes e dominados. Esta construção não se faz numa direção única, mas sim numa relação dialética entre povos indígenas e agentes estatais que tem por responsabilidade tutelar os índios, naquele momento, para o bem do Estado Nacional.

A discussão sobre qual organização deveríamos realizar nos remontam as discussões do campo da classificação, mais especificamente, do universo do conhecimento frente a povos distintos daqueles encontrados entre a racionalidade ocidental. Como expõe Langridge:

A primeira questão é a unificação das culturas. Podemos supor, por exemplo, que não há compatibilidade entre os corpos de conhecimento produzidos nas grandes culturas da China, da Índia e do Ocidente? Se a nossa visão de mundo depende da língua que falamos, como sugere uma teoria linguística, então a resposta seria não. O assunto não foi discutido na literatura de classificação bibliográfica e, obviamente, necessita de uma investigação em larga escala. Nas circunstâncias subsequentes a discussão estará limitada a cultura ocidental.¹⁰ (LANGRIDGE, 1976, p.3, tradução nossa).

Na escrita de Langridge é possível verificar, como já indicado por Aguilar (2008), que estudos de povos de origem não ocidental no campo da Ciência da Informação, como também numa área da magnitude como a Classificação, não estão presentes. Fazem-se necessários esforços no sentido de contemplar parcelas não inclusas em sistemas de informação e que não possui diálogo permanente na formação dos repositórios institucionais, como encontrados de forma costumaz àqueles ligados entre usuários de ciência e tecnologia.

¹⁰ First is the question of the unity of cultures. Can we assume, for example, that there is compatibility between the bodies of knowledge produced by the great cultures of China, India and the West? If our view of the world depends on the language we speak, as suggests by one linguistic theory, then the answer would be no. The subject has not been discussed in the literature of bibliographic classification and obviously needs a large-scale investigation. In the circumstances subsequent discussion will be limited to western culture.

Assim, é também possível discutir que está em curso um processo de disputa entre aquilo que deverá ser retratado e as demais formações documentárias que foram feitas até o momento. Estaria de alguma forma em disputa procedimentos de hegemonia da organização documentária em detrimento de outros paradigmas culturais para além daqueles preconizados pelas ações da ciência ocidental.

Poderíamos inclusive questionar o porquê do registro dos índios Urubu-Kaapor e não de tantos outros povos indígenas que também estavam sendo ameaçados e tendo as suas terras esbulhadas. Ou seja, a disputa hegemônica poderia ocorrer intergrupos de interesses, como pesquisadores acadêmicos da temática indígena, e intragrupos, como entre os povos indígenas.

Os registros obtidos por Darcy Ribeiro entre os índios Urubu-Kaapor pressupõem para a sua análise, interpretação e principalmente classificação na instituição depositária, no caso o Museu do Índio, a colaboração de quadros técnicos especializados na temática indígena, os chamados indigenistas, que já possuem formação universitária qualificada no bojo da formação dos primeiros cientistas sociais formados nos anos 1930/1940.

É por meio de um olhar específico e dirigido que é possível encontrar uma finalidade prática para a produção de acervos documentários como também para a recuperação informacional destes acervos. Os documentalistas cumprem um papel, seja de delimitar a existência de povos indígenas num determinado território nacional, seja como elemento probatório em ações contra a invasão de suas terras por meio da organização documental. Logo, os repositórios institucionais que salvaguardam a documentação dos povos indígenas atendem o dever de defender a vida dos povos indígenas.

Por fim, para manter este elo de pertencimento a comunidade e a relação com os arquivos existentes se faz necessário que haja, após o documento ter sido encontrado, que esta peça seja considerada como “digno de conservação” (ROSSI, 2010, p.89).

Os arquivos que outrora podem ter servido para controle e restrição de direitos dos povos indígenas, foram repensados e reutilizados em outros contextos, sendo empregados para a salvaguarda de direitos. Ou seja, um instrumento de controle e poder para com os povos indígenas podem tornar-se uma instrumentalização e apropriação destes arquivos quando da demarcação e demais ações administrativo-judiciais

probatórias da presença de índios em diversas localidades do território brasileiro. Como sugere Delmas:

Os arquivos servem para provar. A prova, a necessidade da prova frente a justiça foi, na sociedade ocidental, a primeira razão da conservação para longa duração de determinados documentos escritos: diplomas merovíngios e carolíngios, atos, títulos etc. Os documentos conservados eram documentos de arquivo porque probatórios, e não o contrário. Só muito mais tarde é que foram reconhecidos a todo documento de arquivo um caráter de autenticidade e um valor probatório a ser preservados. (DELMAS, 2010, p.21).

A percepção é de que Darcy Ribeiro, fazendo parte da primeira geração de cientistas sociais formados no Brasil, já possui uma espécie de consciência de classe, permitindo assim um trabalho etnológico mais engajado do ponto de vista político, se distanciando do intelectual sem capacidade crítica de questionar a realidade social e realizar qualquer tipo de interferência na vida presente.

Nesta discussão sobre as fotografias coletadas e depositadas numa instituição cultural, é importante notar a formação de coleções fotográficas ao salvaguardar as imagens. Não podemos nos esquecer a importância das coleções para o atributo da memória coletiva:

A memória colectiva e transgeracional começa a assumir as características particulares com o aparecimento da colecção: conjunto de objectos naturais ou artificiais afastados dos circuitos de utilização, colocados sob uma protecção especial e expostos. A partir desse momento, a memória colectiva começa a adquirir suportes diferentes dos cérebros dos indivíduos. (POMIAN, 2000, p.509).

Mesmo que os povos indígenas retratados não tenham tido uma participação efetiva nos registros realizados, há uma disputa de projeto hegemônico na formação do acervo fotográfico a ser depositado na instituição museológica. Por mais que Darcy Ribeiro tenha indicado a motivação pela escolha dos Urubu-Kaapor para a pesquisa realizada, há também configurações histórico-culturais e por que não? Pessoais para a realização de pesquisa para com os índios em estudo.

Portanto, o principal ensinamento que pode nos trazer as ações documentárias juntos aos povos indígenas é que a diversidade, além de ser preconizada pelo Estado brasileiro por meio de suas políticas públicas, deve fomentar a realização de mais procedimento de documentação. Com esse objetivo concluído, os indígenas em território brasileiro terão mais chances de se tornarem visíveis entre os elaboradores de políticas públicas, produzindo assim maiores ações de salvaguarda dos seus acervos,

como também do *modus* de vida realizado pelo povo em questão, como também na preservação de seus territórios.

No panorama da construção iconográfica realizada por Darcy Ribeiro quando das expedições científicas, é possível afirmar ao analisar o conjunto documental que o objetivo era retratar os índios como se eles estivessem vivendo em seu ambiente natural, não tentando transformar a expedição numa formação de registros idealizados da vida na selva ou numa propaganda estatal de transformação do índio em “civilizado” ou num futuro trabalhador nacional.

Outro ponto importante na análise de conteúdo imagético realizado, diz respeito àquele que registrou a imagem. O registro da Primeira Expedição Científica foi realizado pelo fotógrafo Heinz Foerthmann, enquanto na Segunda Expedição Científica foi confeccionada por Darcy Ribeiro. Quando da realização de uma análise mais ampla do conjunto documental, é possível inferir uma diferença do olhar do fotógrafo profissional, como Heinz Foerthmann, e do etnólogo Darcy Ribeiro.

De todo modo, as imagens dos índios Urubu-Kaapor aqui estudadas produziram no imaginário daqueles que as observam uma relação de amizade e fraternidade para com os índios, num processo muito próximo daquele preconizado por Sérgio Buarque de Hollanda, típico do brasileiro como sendo o homem cordial, estabelecendo, neste sentido, um pacto solidário de partes opostas que ocupam o mesmo território nacional e que conflitaram, e continuam em conflito, pela ocupação e estabelecimento de espaços nas terras indígenas.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Alejandra. O indigenismo na era da informação. *Ponto de Acesso*, Salvador, v.3, p. 158-191, 2008.

ANDRADE, José Maria Mendes. *Ipy`a pe ukwa katu te`e – ele sabe por si mesmo: uma etnografia do saber-fazer cotidiano e ritual na formação da pessoa Ka`apor*. 172f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará /Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2009.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BOLETIM do Museu do Índio: documentação nº8. Listagem dos nomes dos índios indígenas no Brasil. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1998.

BOMFIM, Manoel. *O Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

BORKO, H. Information Science: What is it? *American Documentation*, v.19, n.1, p.3-5, jan.1968.

BOWKER, Geoffrey; STAR, Susan Leigh. *Sorting things out: classification and its consequences*. Cambridge: MIT Press, 1999.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório: textos temáticos*. Brasília, DF: CNV, 2014.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Coordenadoria de Análise de Jurisprudência. *Ação Cível Ordinária 312*. Dje nº54. Publicação 21/03/2013.

BRIET, Suzanne. *Qu`est-ce que la documentation?* Paris: Éditions documentaires industrielles et techniques, 1951.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo*. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

COELHO, Haydée Ribeiro (org.). *Darcy Ribeiro*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários da UFMG, 1997.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: Direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COUTO, Ione Helena Pereira. A Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios – SPI. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org.). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2012. p. 223-232.

DAMATTA, Roberto. Em torno de bichos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 dez. 2014.

DELMAS, Bruno. *Arquivos pra quê?: textos escolhidos*. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

DICIONÁRIO de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papirus, 2011.

DUCHEIN, Michel. O respeito de fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. *Arquivo e Administração*, Rio de Janeiro, v.10/14, n.1, p.14-33, abr.1982/ago.1986.

FLORESTAN, Fernandes. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1989.

FERNANDES, Geni Chaves. Ações de informação e práticas documentárias como políticas difusas de memória. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v.2, n.1, p.208-226, jan./jun. 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org.). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Conferências do Georgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: de volta para o futuro. *Informação & Sociedade*. Estudos, João Pessoa, v. 12, n.1, p. 54-66, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Mercio Pereira. *O índio na História: o povo Tenetehara em busca da liberdade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Mercio Pereira. *Os índios e o Brasil: ensaio sobre um holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexión epistemológica: sobre la ciencia de la informacion. *Signo y pensamiento*, v.26, n.50, p.46-61, ene./jun. 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v.19, p.261-282, jan-mar. 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HUXLEY, Francis. *Selvagens amáveis: um antropologista entre os índios Urubus do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

JARDIM, José Maria. A implantação da lei de acesso à informação pública e a gestão da informação arquivística governamental. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.383-405, nov. 2013.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LACERDA, Aline Lopes de. Arquivística e documentos fotográficos: origens de uma relação. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p.29-55, jul./dez. 2011.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.283-302, jan.-mar. 2012.

LANGRIDGE, D.W. *Classification and indexing in the humanities*. England: Butterworth & Co, 1976.

LANGRIDGE, Derek. *Classificação: abordagem para estudante de Biblioteconomia*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LASMAR, Denise Portugal. *O acervo imagético da Comissão Rondon*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2011.

LE COADIC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. *Um grande cerco de paz: poder tutelar e indianidade do Brasil*. 1992. 256 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. A organização do conhecimento e tecnologias da informação. *Transinformação*, v.8, n.3, p.59-65, set./dez., 1996.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1984.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2009.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.73-98, 1996.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1980.

MENDES, Marcos de Souza. Heinz Föerthmann: fotografia e cinema no SPI – 1942/1959. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org.). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2012. p. 233-253.

MENEZES, Claudia. Novas perspectivas e possibilidades para a participação estudantil e das populações indígenas. *Ciências em Museus*, v.1, n. 1, p.31-38, abr. 1989.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Relatório do etnólogo Darcy Ribeiro – pesquisa 1949/1950. Microfilme 335 – fotogramas 01298-1333.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti. A organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: algumas questões epistemológicas. *Informare – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.64-77, jul./dez. 1999.

MORAES, Dênis de. Notas sobre imaginário social e hegemonia político-cultural. *Contracampo*, Niterói, v. 1, p. 94-102, 1997.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *Centro de Documentação Etnológica da FUNAI*. Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.12-15, maio/ago. 1979.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Acary de Passos; BANDEIRA, Lêda T. Costa; SOUSA, Maria Cira J. Meireles D. *Conhecendo o índio*. Goiânia: Ed. UCG, 1990.

OLIVEIRA, Priscila Enrique de. “Transformar o índios em um índio melhor”: saúde e doença no contexto do indigenismo (1910-1967). In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org.). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2012. p. 233-253.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.40, n.14, p. 213-230, 2000.

OTLET, Paul. *Traité de Documentation – le livre sur le livre – théorie et pratique*. Bruxelles: Editions Mundaneum, 1934. Disponível em:

http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf Acesso em: 07 jan 2014.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PIEIDADE, M.A. Requião. *Introdução à teoria da classificação*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Ciência da Informação e Sociedade: uma relação delicada entre a fome de saber e de viver. In: Encontro Nacional da ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 10, 2009: João Pessoa. *Anais eletrônico*. João Pessoa: UFPB, 2009.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Configurações disciplinares e interdisciplinares da Ciência da Informação no ensino e pesquisa no Brasil. In: Encontro de la Asociación de Educación e Investigaciones en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (EDIBCIC), 4, 2009: Coimbra. *Anais do Encontro Ibérico EBIBCIC*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, University Press, 2009. p. 99-111.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, v.24, n.1, p.1-19, 1995.

PIQUET, Rodrigo. 60 anos do Museu do Índio: uma instituição contra o preconceito. *Museu ao Vivo*, Rio de Janeiro, ano 25, n.40, p.3, nov. 2012/set.2013.

POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes: leituras. *Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, n.2, p. 19-33, 1998.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: GIL, Fernando. *Sistemática*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: 2000. p.507-516. (Enciclopédia Einaudi, v.42).

RAMOS, ARTHUR. *As culturas indígenas*: v.2. Rio de Janeiro: Livraria – Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1971.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. A antropologia dialética de Darcy Ribeiro em “O povo brasileiro”. *SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, v.1, n.6, p.52-72, dez. 2009.

RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta G. *Arte plumária dos índios Kaapor*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1957.

RIBEIRO, Darcy. Atividades científicas da Secção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios. *Separata da Revista de Sociologia*, São Paulo, v.13, n.4, 1951.

RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros*: livro I – Teoria do Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *Diários índios: os Urubu-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

RIBEIRO, Darcy. *Meus índios, minha gente*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UNB, 2010.

RIBEIRO, Darcy. *A política indigenista brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola, 1962.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. São Paulo: Siciliano, 1990.

ROCHA, Leandro Mendes. *A política indigenista no Brasil: 1930-1967*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SAMAIN, Etienne. A vontade de ser: notas sobre os índios Urubu-Kaapor e sua mitologia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27/28, p.245-262, 1984/1985.

SEKULA, Allan. Reading an archive: photography between labour and capital. In: WELLS, Liz. *The photography reader*. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, [1999?]. p.443-452.

SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: SMIT, Johanna W. (Org.). *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília, DF: IBICT, 1989, p.101-113.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem, *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.28-36, jul./dez. 1996.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

SOUZA, Rosali Fernandez de. A classificação como interface da internet. *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.1-6, ago. 2000.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 103-124.

TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão. *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2012.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES¹¹

ABRANTES, Vera Lucia Cortes. *Imagens do trabalho feminino no Brasil: um estudo sobre a produção fotográfica de Tibor Jablonszky (1952-1968)*. 210 f. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2010.

ALVES, Sarah Miglioli da Cunha. *Apropriação da informação por surdos no ambiente web à luz da Ciência da Informação*. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2014.

AZANHA, Gilberto; VALADÃO, Virginia Marcos. *Senhores destas terras: os povos indígenas no Brasil : da colônia aos nossos dias*. São Paulo: Atual, 1991.

BALÉE, William L. *The persistence of Ka`apor Culture*. 1984. 290 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Columbia University – Graduate School of Arts and Sciences, Columbia, 1984.

BENJAMIN, Walter Benjamin; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jurgen. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; KURROSCHI, Andreia Rosa da Silva. Estudantes indígenas no ensino superior: o programa de acesso e permanência na UFRGS. *Políticas Educativas*, Porto Alegre, v.6, n.2, p.1-20, 2013.

BRANT, Vera. *Darcy*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Decreto n.7.778, de 27 de julho de 2012.

CADERNOS de textos – Antropologia visual. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1987.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Organização de domínios de conhecimento e os princípios ranganathianos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.8, n.2, p.150-163, jul./dez. 2003.

CARVALHO, Francisco Luiz; ZELESCO, Luiza; MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. Fontes para a memória do SPI. In: FREIRE, Carlos Augusto da Rocha (org.). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2012.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia. *Dicionário especializado de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

¹¹ Referências complementares de leituras feitas durante o desenvolvimento do trabalho.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge organization: its scope and possibilities. *Knowledge Organization*, v.20, n.4, p.211-222, 1993.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. A decadência do indigenismo brasileiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 jan. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/06/08/a-decadencia-do-indigenismo-brasileiro-499385.asp>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha; GURAN, Milton. *Primeiros contatos: atrações e pacificações do SPI*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2010.

GOMES, Hagar de Espanha; MOTTA, Dilza Fonseca; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. *Revisitando Ranganathan: a classificação na rede*. Rio de Janeiro, agosto de 2006.

GOMES, Mercio Pereira. *Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2010.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LAGROU, Els. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

LASMAR, Denise Portugal. *Estoques de informação: o acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio como fonte de informação*. 2002. 208f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicação da UFRJ e do Departamento de Ensino e Pesquisa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia do MCT, 2002.

Le GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Antonio Carlos de Souza; BARRETO Filho, Heno Trindade (Org.). *Antropologia e identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil, 1977-2002*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED/CNPq/FAPERJ/IEB, 2005.

LIMA, S. M. B. ; AZEVEDO NETTO, C. X. ; ALBUQUERQUE, M.E.B.C. A representação da informação no acervo imagético das comunidades do Gramame-PB. In: ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; NEVES, Dulce Amélia de Brito; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; MELO, Ana Verginia Cahves de; FRANÇA, Fabiana da Silva. (Org.). *Representação da informação: Um universo multifacetado*. João Pessoa: Editora UFPB, 2013, v. 1, p. 289-307.

MAGGIE, Yvonne. Relação entre a pós-graduação e a graduação em Ciências Sociais: a discussão de um modelo. In: BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia (organizadoras). *As assim chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ: Relume Dumará, 1991.

MOREIRA, João Paulo Aprígio. *Darcy Ribeiro: entre a História e a Antropologia*. Curitiba: Prismas, 2014.

MUSEU ao vivo. Rio de Janeiro, ano 25, n.40, nov. 2012/set.2013.

MUSEU do Índio: 30 anos, 1953-1983. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1983.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A Institucionalização do Ensino das Ciências Sociais. In: BOMENY, Helena; BIRMAN, Patrícia (Org.). *As assim chamadas Ciências Sociais: formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ: Relume Dumará, 1991.

POZZOBON, Jorge. O lumpen-indigenismo do estado brasileiro. *Journal de La Societé des Américanistes*. Tome 85, p.281-306, 1999.

RIBEIRO, Berta. *Museu do Índio, Brasília: linguagem visual*. [Brasília, DF]: [s.n.], [1987].

RIBEIRO, Darcy. *Maira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.


RIBEIRO, Darcy. *Mestiço é que é bom!* Rio de Janeiro: Revan, 1997.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

THOMASSEM, Theo. Uma primeira introdução à Arquivologia. *Arquivo & Administração*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.5-16, jan./jun. 2006.

UMBELINO, Lícia Maria; FERREIRA, Maria Elisabete (Org.). *Ações premiadas no 2º Concurso de Experiências Inovadoras de Gestão na Administração Pública Federal*. Brasília, DF: ENAP, 1998.

Anexo 1 – Relatório do etnólogo Darcy Ribeiro – 1949/1950.

 MINISTÉRIO DA AGRICULTURA		
RELATÓRIO DO ETNÓLOGO DARCY RIBEIRO FREQUÊNCIAS - 1949/1950	DISTRIBUIÇÃO	

00001261

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

00001262

RELATÓRIO DE PESQUISAS

1949/1950

Darcy Ribeiro

ooooo

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

10
Sales
00001263

Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1950.

Exmo. Sr. Dr. Herbert Serpa
DD Chefe da Seção de Estudos
Serviço de Proteção aos Índios
Nesta

Senhor Chefe:

Tenho a satisfação de submeter á apreciação de V.S. os re-
latorios anexos, em que informo sobre a realização das pesquisas de
que fui incumbido em 1949/1950 e sobre as condições de vida da popula-
ção indigena do rio Gurupí.

Atenciosamente

Dercy Ribeiro

DR/JAB.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

RELATORIO DE PESQUISAS

00001264

11
galer

O plano de trabalhos da S.E. para 1949, incumbia-me de realizar uma pesquisa etnológica junto aos índios de língua Tupí, denominados Uyubú, da margem maranhense do rio Gurupí.

O motivo que levou a Secção de Estudos a aprovar minha proposta de um estudo intensivo da vida social-cultural daquele grupo, foi tratar-se de uma das maiores tribos tupí e que menos contatos tivera com nossa civilização, oferecendo, por isto, amplas possibilidades de pesquisas etnológicas e linguísticas.

Seu propósito era obter um survey sobre as condições de vida do grupo, que permitisse delinear um amplo programa de trabalho - junto àqueles índios, a fim de obter uma descrição viva e permanente da de sua cultura material, vida social e religiosa que, atendendo à sua finalidade de promover o estudo da vida e costumes de nossos índios, contribuísse, também, para uma melhor compreensão do problema indígena brasileiro e servisse ao aprimoramento dos métodos assistenciais do S.F.I. Para alcançar estes objetivos programou-se o estudo concomitante, da língua falada por aqueles índios, trabalho que ficou a cargo do Sr. Max H. Boudin; da documentação fonográfica de seus cantos, música e outros elementos etno-psicológicos e linguísticos, a ser realizada pelo linguista e pelo etnologo; bem como a documentação foto-cinematográfica, de que foi encarregado o Sr. E. Foerthmann, devendo trabalhar sob a orientação do etnologo.

Assim, a partida da equipe para o primeiro período de trabalhos de campo ficou marcada para a 2ª quinzena de JULHO ou primeira de Agosto, a fim de alcançarem aquela região antes da estação chuvosa. À base de informações obtidas da 2ª I.R. sobre disponibilidades de transporte do próprio S.F.I., programamos partir de Vixeu, na desembocadura do rio Gurupí, atingir os postos por água, em embarcação à motor e, a partir do P.I. Pedro Dantas, visitarmos as aldeias que ficam em terras banhadas por afluentes do Gurupí e Maracassumé, atingindo ,

12
Sala
00001245

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 2 -

ainda, se praticavel, as aldeias do Turyassú, através de uma marcha - de 400 quilometros, aldeia-a-aldeia através da mata. Neste caso sairíamos no posto Gonçalves Dias, regressando ao Rio via São Luis. Este itinerário permitiria a visita da maioria das aldeias Urubú, principalmente, das suas áreas principais de contêto, no Gurupí, com os poucos indios Tembê e Timbira, no Maracassumé com garimpeiros brancos e negros de Montes Aureos e Chegatudinho e e no Turyassú e Pindaré, com indios Guajajara.

Infelizmente, tivemos de lamentar mais uma vez, os malfada dos atrasos da verba de expedições científicas, que, ao invés de sair em julho, somente chegou ás nossas mãos em fins de outubro.

Tivemos de mudar os planos, sairíamos do Rio em novembro, portanto, com três meses de atraso e atingiríamos a região no "inverno" quando são impossiveis marchas prolongadas através da mata. Entramos em entendimentos com o Sr. Diretor do S.P.I. e o Sr. Chefe da Seção de Estudos, mostrando ser impossivel nosso regresso em dezembro, pois, se assim fixéssemos, a expedição não seria mais que uma levianidade, já que, contando com um calculo muito otimista, chegaríamos ás aldeias em principios de dezembro e não poderíamos ficar mais que uma semana entre os indios, para regressar ao Rio antes de 31 de dezembro.

Em vista destes impedimentos, estabeleceu-se novo plano, que ficou assim delineado:

- ao invés de permanecerem três meses no serbão, os técnicos ficariam seis, juntando o periodo de pesquisas de 1949 ao de 1950;
- para enfrentar as despesas deste periodo suplementar, receberiam um suprimento de trinta mil cruzeiros, no primeiro semestre de 1950. Desse modo se tornaria exequível a pesquisa e o unico inconveniente era oq uegar o estudo da comunidade pelo periodo das chuvas que deveria ser o ultimo e que, o trabalho cine-fotográfico, bem como o sonográfico, se faria com uma margem de riscos muito maior.

A EXPEDIÇÃO

Partimos do Rio de Janeiro a 5 de novembro, rumo a Belém.

13
Sales

00001246

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 3 -

Alí permanecemos 10 dias, fazendo compras de alimentos, brindes, equipamentos de campanha, preparando a viagem e aguardando o cinematografista que ultimava o preparo do material para a expedição. Seguimos a 16 para Bragança, no caminhão da I.R.2 e de lá para Vizeu a 18; na lancha "Gurupí", que faz aquela linha.

Em Vizeu estivemos 20 dias aguardando um motor de popa que a I.R. 2 ficou de mandar. Este motor havia sido solicitado com seis meses de antecedência e era muito necessário porque nos pouparia 15 dias de viagem á remo, rio acima, quando nossa principal preocupação era atingir as aldeias antes das fortes chuvaradas de dezembro que enchem todos os igarapés, tornando a viagem por terra quasi impraticável e, porque, levando conosco uma carga avaliada em mais de duzentos contos, precisavamos de embarcações que oferecessem o maximo de segurança.

Não obstante os reiterados telegramas que passamos aquela chefia e á Directoria do S.F.I., depois de vinte dias de espera inútil resolvemos subir como fosse possível. Alugamos uma pequena lancha a motor para fazer uma terça parte do percurso, até Camiranga, daí em diante, viajamos num batelão a remo, até o Posto Pedro Dantas, que só alcançamos a 18 de dezembro.

Durante a subida do rio, nos pousos onde dormiamos ou preparavamos as refeições, ou, ainda, davamos descanso aos remeiros, pudemos colher algum documentário sobre a população local.

O vale do rio Gurupí é conhecido por suas lavras de ouro, que, intermitentemente, atraem muitos garimpeiros em verdadeiras "rushes", formando de-dia-para-a-noite grandes concentrações humanas que logo se desfazem com o esgotamento dos "barrancos". O principal característico deste vale do ouro é sua pobreza, manifesta nas igrejinhas de palha, nos casebres imundos dos moradores, no aspecto da população subnutrida e martirizada pelas inumeras doenças epidemicas. Conforme os estudos procedidos em pelo Dr. José de Araujo Lima a porcentagem de malaricosos era de e não parece ter melhorado

14
Sales

00001267

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 4 -

em nada, até ao contrário, porque naquela época gozavam de uma situação económica melhor, pois os "p l a c e r" de ouro estavam sendo explorados. Mas nosso interesse aqui é somente frisar a pobreza cultural desta gente que tem contáto com os índios e aos quais eles são chamados a imitar. Compreendendo por civilização o conjunto de técnicas das sociedades industriais modernas, aquela população tem tanto de civilizada quanto a indígena.

Aliás, tivemos ocasião de observar que seu equipamento cultural é, no essencial, idêntico ao dos índios; através de técnicas indígenas é que se encaestam naquelas barrancas procurando tirar delas a subsistência. Vimos negros caçando e pescando com arcos e flechas adquiridos aos índios, emigrantes estrangeiros (sírios, portugueses, um inglês e um húngaro) tendo como alimentação básica a farinha de mandioca pua expremida no tipiti indígena; as casas de pau-a-pique barrado cobertas de palhas de pindó ou assaí, são as mesmas que as atuais habitações indígenas; suas poucas roupas, os pés descalços, o ventre inchado de vaminose, a malária a tuberculose, a avitaminose, são também igualmente participadas.

Nos dois dias que passamos na comunidade negra de Camiranga onde vivem os remanescentes de quilombos maranhenses reunidos depois da libertação da escravatura, pudemos observar como também estes negros, embora tendo um intenso convívio comunal que já vem dos quilombos, tiveram de apreender as técnicas indígenas para sobreviver na floresta tropical. Até nas manifestações religiosas em que os afro-brasileiros se mostram tão conservadores, encontramos no Gurupí um sincretismo para o qual contribuía mais o indígena que o católico; ao invés das macumbas, dos pais de santo, o que deparamos sempre foram pagelanças em que pagés negros cantavam e invocavam, como os índios, crenças bem aborígenes. O seu mapa mítico do rio, se um dia fosse traçado, com os lugares encantados onde um monstro foi preso e dominado, ou onde aparecem o "curupira" e a "mãe d'água", seria o mesmo dos índios. Somente na música os negros do Gurupí conservam mais seu pe-

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 5 -

00001268

15
Sater

patrimônio cultural africano; mas, mesmo aí, o maracá tem um ritmo e uma independência bem indígena.

O que mais distingue o não-brasileiro do índio (també e timbira) do Gurupí é o preconceito do primeiro que considera o índio como "selvagem", "bruto" e "ignorante"; ponto de vista que muitas vezes os índios adotam, no estado de destribalização e de miséria em que se encontram, procurando assemelhar-se ao "cristão" como a um modelo ideal, considerando tudo que lhe é próprio como estigmatizante. E também a dependência em que vive o índio, sujeito à autoridade às vezes despótica do encarregado que, para não deixá-lo explorar pelos outros, tira-lhe muitas das oportunidades de conseguir o que precisa. Adiante trataremos mais pormenorizadamente desta questão.

Já em Camiranga tivemos conhecimento de novos percalços que dificultariam mais ainda nosso trabalho. Encontramos dois índios Urbúá de um grande grupo deles que fora a Belém pedir ferramentas. Vinham atacados de sarampo, alguns de seus companheiros morreram na viagem, outros tinham seguido diretamente para aldeias. No posto, dias depois, começaram a chegar as notícias da epidemia, aldeia após aldeia era atacada. Os índios fugindo à peste acotavam-se na mata ou iam para outras aldeias levando consigo a doença que se ia alastrando cada vez mais.

Comunicamos logo à Inspetoria e à Diretoria pedindo recursos para atender aos doentes. Estes, infelizmente, chegaram dois meses depois e não eram mais que uma caixa com cem ampolas de penicilina (100,00 - unidades cada); como o posto não tinha aparelho de injeção, somente contávamos com o único que levamos, que já vinha servindo para aplicar os remédios de nossa própria farmácia de emergência.

Depois de alguns dias no posto, que aproveitamos para estudar a terminologia de parentesco Também e Timbira e observar suas condições de vida, decidimos visitar as aldeias para atender diretamente aos índios e verificar em qual delas havia condições de trabalho.

00001269

16
Set

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 6 -

O Sr. M. Foerthmann foi a aldeia do Fiahú, eu subi o rio - numa viagem de três dias à remo, para o P.I. Felipe Camarão; de lá, a pé, através da mata, andando de aldeia-a aldeia, voltei, vinte dias depois ao P.I. Pedro Dantas.

O cinematografista encontrara deserta a aldeia visitada - por ele, os índios escondidos na mata, vivendo em "tapirís", quasi - todos atacados pelo sarampo e pelas doenças que costumam seguir-se a ele, terçol, pneumonia, gripe, infecções intestinais e outras.

Na região percorrida por mim a situação era a mesma. Do Posto Felipe Camarão visitei a aldeia tembó-urubú de Ben e a aldeia - urubú de Kuaxí-purú, ambas atacadas pela epidemia, desertas, os índios na mata, fugindo ao sarampo e já atacados por ele. Daí seguimos - para a aldeia de Major, cujo capitão encontraremos doente em Camiranga e que não havia regressado. Também aí todos doentes, na mata, e o mais deplorável é que morriam já não da doença, mas de fome. Suas enormes roças de mandioca por que passamos de nada lhes serviam. Não havia qualquer pessoa capaz de andar e fazer farinha, mesmo água lhes faltava e, sem forças para armar "tapirís", muitos ardiam de febre ao relento, sob a chuva, em redes imundas. Crianças abandonadas ao chão comiam terra, queimavam-se ao fogo que se esforçavam por manter aceso debaixo da rede dos pais. Aí ficamos dois dias ajudando-os no que podíamos: fazendo mingus de bananas verdes, para os cães, cozinhando sopas pré-fabricadas para os mais doentes, agitando os "tapirís", fazendo fogo e apanhando água para eles.

Na aldeia seguinte a situação era um pouco melhor, a epidemia estava em declínio, convalesciam e lamentavam os mortos em ranchos armados na clareira preparada para uma nova roça. Mas todos tinham - terçol e nosso colírio acabara dias antes, nem linho havia que cuidar - atende-los. Distribuimos brindes, fizemos algumas trocas e partimos dois dias depois, para a aldeia de Ansuahú.

Esta ainda não tinha sido atacada, os moradores aterrorizados não deixaram os índios que vinham encarregados de nossa bagagem

17
Sales

00001270

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 7 -

entraram na aldeia, com medo do contágio. Mandei-os para o posto e fiquei com um cozinheiro e interprete. Era uma felicidade encontrar, afinal, gente sadia com toda a sua alegria de viver, embora cheios de terror e desconfiança. Aí pudemos aproveitar o tempo para nossos estudos; mas as chuvas aumentavam e era preciso utilizar o material cinematográfico antes que a humidade o estragasse. Assim, depois de uma semana voltamos para o posto. Então, os indios é que não queriam deixar-nos ir, appegavam-se a nós porque estavam cheios de fé na caixa de medicamentos que levavamos, sem ela temiam ser atacados pelo sarampo e morrer.

No posto decidimos procurar uma aldeia que já tivesse sido atacada pela epidemia e estivessem em convalescença. Não queríamos correr o risco de procurar gente sadia e levar-lhes a doença, através dos carregadores, todos indios e sempre sujeitos a ela. Mesmo porque a povoação do posto estava toda doente e na mesma miséria, que encontramos nas aldeias; não estavam em "tapirís", mas os seus casebres arrebados pelas chuvas sem que os donos, todos doentes, pudessem consertá-los, não ofereciam qualquer abrigo. E como muitos indios urubú se haviam deslocado para o posto procurando auxílio a situação se agravara. Vimos indios morrerem no posto em casas inundadas que eram verdadeiras poças d'agua.

O mais grave é que tambem no posto a fome matava tanto quanto a doença; no ano anterior não fizeram roças; os trabalhadores compravam farinha do encarregado que a mandava trazer do Gurupí e não havia quem caçasse ou pescasse.

Dias depois, quando pudemos contar com alguns homens capazes de levar a carga, fomos para a aldeia do Capitão Piahu, já num esforço de desespero, procurando utilizar o filme e fazer nossos estudos, em quaisquer condições.

Estivemos dois meses naquela aldeia, as primeiras semanas foram de preparativos. Inicialmente devíamos atrair os indios para a aldeia abandonada que eles não queriam rever, onde estavam enterrados muitos de seus parentes e tudo lhes parecia macabro. Aos poucos

19
5/23
00001272

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 8 -

forem retomando o antigo ritmo de vida, chegavam em grupos, por família, alojando-se todos na casa grande do capitão. As outras casas foram ocupadas para depósito de material, morada de trabalhadores e cozinha; eu fiquei com os índios no barracão.

Era preciso curá-los das remeelas, das desinterias e da pneumonia antes de iniciar a filmagem e nos afundamos neste trabalho. Duas semanas depois, já bem restabelecidos prestaram-se melhor a nossos estudos e à documentação fotográfica. Assim que voltaram à rotina, à fabricação de farinha, às caçadas e pescarias, iniciamos a filmagem.

O plano de registro cinematográfico, embora muito modesto, teve de ser simplificado várias vezes pela premência de tempo e das condições. Afinal nos contentamos em focalizar um casal e seu filho, mostrando-os nas atividades cotidianas do grupo, a luta pela subsistência e a fabricação de seus principais artefatos.

O documentário fotográfico foi mais rico, porém, também - ele sofreu com as condições de vida dos índios e o clima adverso, por isto nem foi possível fazer um documentário em cores de seus adornos plumários.

Nossos estudos, obviamente, foram influenciados por estes precalços. Só ao fim pudemos observar o índio Urubú em sua vida de todo dia com esta alegria de viver tão característica deles.

Nas primeiras semanas não eram mais que um magote de pessoas informes, castigadas pelos sofrimentos e penúrias mais atrozés, aos quais muito pouco podíamos ajudar. Reunidos numa só casa, convivendo com moribundos que gemiam dia e noite, alimentados por uma aldeia vizinha que fora menos atingida, mas já se cansara de ajudá-los, estavam todos atordoados.

Foi, contudo, uma oportunidade de observar como uma sociedade simples enfrenta uma situação traumática e desesperada. Vimos muitas vezes, no meio de noites intermináveis, cheias de gemidos e clamores, mães moribundas arrojarem ao chão filhos que procuravam amamen-

20
Sales

00001273

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 9 -

tar, pais ardendo em febre que castigavam desesperadamente os filhos, também doentes, para obrigá-los a manter o fogo aceso sob suas rãs.

Mas, á medida que convalesciam, cooperavam conosco, obrigando-se para fazer o que desejávamos. Assim, pudemos, graças a esta infinita boa vontade do índio e sua capacidade incomparável de enfrentar situações desesperadas, realizar nossos trabalhos.

Quando quisemos regressar, outra dificuldade apresentou-se: o caminho pelo qual atingimos a aldeia com toda a carga que a documentação cinematográfica exigia, estava fechado pelas águas. Enormes trechos foram inundados pelos igarapés e um trabalhador que mandá-nos ir adiante, para ver como estava a estrada, teve de andar centenas de metros com água pelos ombros, às vezes até nadando. Era impossível nestas condições, voltar á pé com uma carga tão susceptível de alterar-se com a humidade.

Fizemos, então, sair um grupo de homens em pequenas embarcações com machados e serretos para tentarem a subida de um igarapé que passava a cinco quilómetros e nunca tinha sido navegado. Através de cinco dias, derrubando tronqueiras e experimentando cada um de dezenas de furos em que o riachinho se multiplicou com as chuvas, encontraram a clareira que tínhamos aberto na margem.

Do Posto Pedro Dantas o Sr. H. Foerthmann regressou em meados de março. O Sr. Max N. Boudin e eu continuamos. Devíamos terminar o estudo dos Tembé e Tibire e, ainda, concluir as gravações. Mas com as chuvas constantes este trabalho foi dificultado, não podendo completar-se, razão porque, um mês depois regressávamos também.

Tínhamos saído do Rio cinco meses e meio antes e as enchentes já não permitiam o acesso ás aldeias, sendo desnecessário, pois a permanencia de mais 15 dias para completar os seis meses programados.

Como o motor da I.R.2 em que descera o Sr. H. Foerthmann (e que chegara um mês antes) tinha quebrado depois de algumas horas de viagem, obrigando-o a descer ao sabor da correnteza, tivemos de voltar

21
Siles

é ramo até Vizeu; daí atingimos Bregança em batção a motor; lá nos esperava o caminhão da Inspetoria que nos levou a Belém.

Mais uma vez o atraso das verbas da Seção de Estudos deixava-nos em situação difícil. Embora saíssemos em fins de abril não havia notícia da verba com que devíamos contar para o regresso. (E, ainda hoje, 22 de maio a verba não safu). Tive, por esta razão de servir-me de amigos e fazer mandar do Rio de Janeiro a importância de CR\$..... 7.500,00 (sete mil e quinhentos cruzeiros) com que pude regressar, saldando as despesas com diaristas, alimentação e transporte efetuados nos meses anteriores, em 1950.

RESULTADOS CIENTÍFICOS

Os principais resultados desta viagem, além de um conhecimento direto das condições de vida dos índios e das vias de acesso às suas aldeias, que nos permitirá lançar as bases do plano de pesquisas a realizar no próximo ano, foram as seguintes:

- 1) Estudos do sistema familiar e da terminologia de parentesco dos índios Tembê;
- 2) Terminologia de parentesco dos índios KRE-YE (ou Timbira) do Gurupí;
- 3) Coleção de artefatos, compreendendo cerâmica, armas de guerra e caça, implementos de transporte, pesca, etc., e um conjunto de adornos plumários;
- 4) Coleção de fotografias que documentam as principais cerimônias técnicas e padrões de comportamento Urubú;
- 5) Um filme sobre a vida quotidiana dos índios Urubú dando mais ênfase ao complexo da mandioca, fabricação de flechas e à rotina diária;
- 6) Anotação para um estudo da cultura material Urubú;
- 7) Elementos para o estudo da adaptação ecológica e do sistema adaptativo Urubú;

22
30/6

00001275

INSTITUTO DE ETNOLOGIA

- 11 -

- 8) Informações para o estudo do sistema familiar e da terminologia de parentesco Urubú;
- 9) Elementos para o estudo da organização social, sucessão hereditária do "tuchau" e "cacique", através de uma genealogia que abrange mais de 1.000 pessoas e remonta a meados do século XVIII, determinando os nomes, interparentescos e lugar de nascimento e morte;
- 10) Histórico dos movimentos especiais da tribo desde 1.800 e do seu contáto com os brancos, negros e outros índios;
- 11) Indicações que servirão de base a estudos posteriores sobre a mitologia e a religião dos índios Urubú;
- 12) Material para o preparo de um survey sobre as condições de pesquisa antropológica na bacia do rio Gurupí;

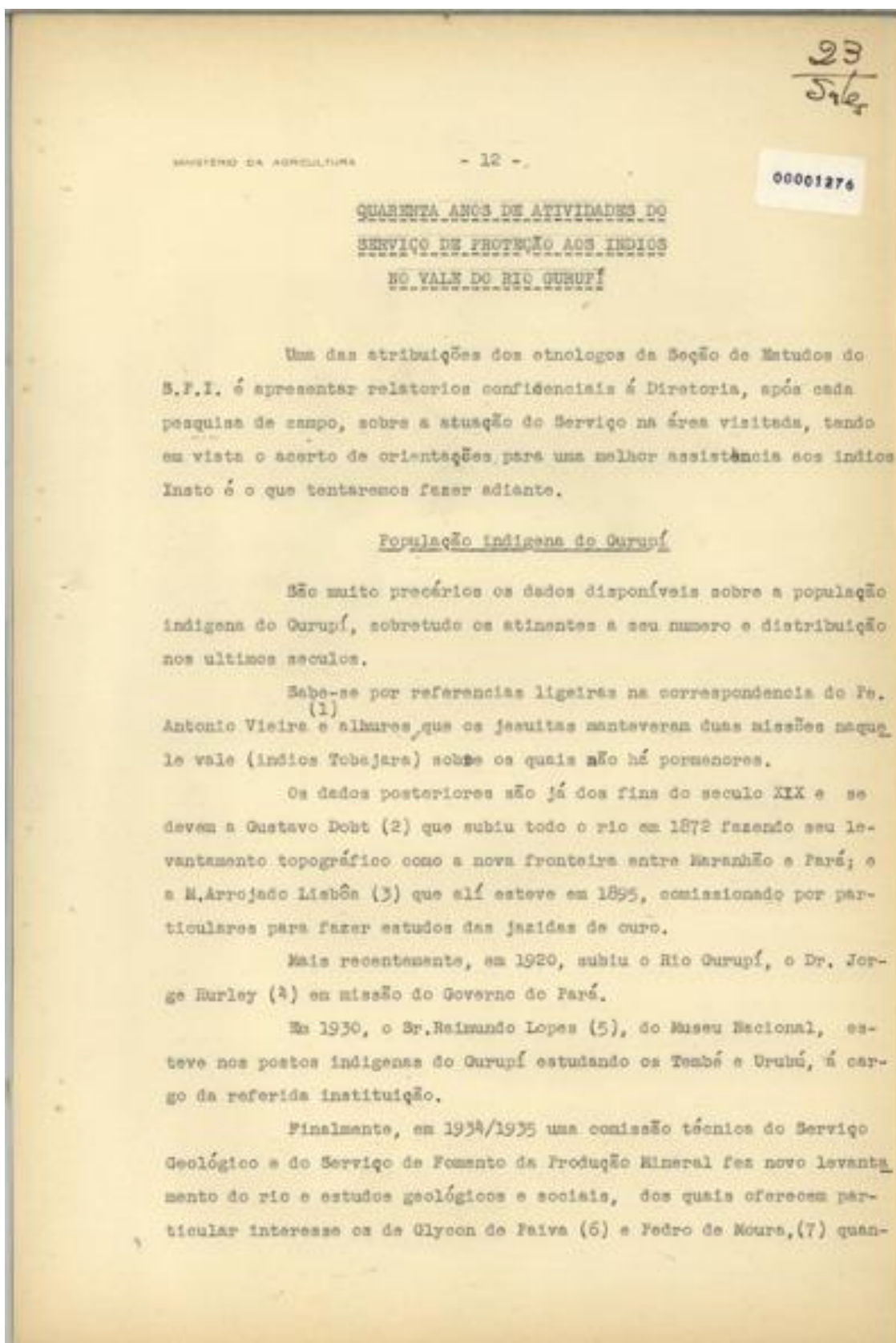
Todos estes dados deverão ser organizados no corrente ano para, á base deles prosseguir-se as pesquisas junto aos índios, em meados de 1951. Então o etnologo deverá passar quatro meses, preferivelmente de maio a agosto, nas aldeias.

Para este novo trabalho de campo será conveniente partir de São Luis para o F.I. Gonçalves Dias e daí ás aldeias dos rios Turyassú e Pindaré, d'onde se seguiria através do divisor d'agua com o Gurupí para o F.I. Pedro Dantas, regressando pelo Pará.

Este itinerário permitiria a visita ás aldeias que não puderam ser alcançadas na ultima pesquisa e que são as maiores e mais isoladas, e o conhecimento de outra área de contáto dos urubú com estranhos, qual seja a do Turyassú, onde têm contáto intermitentes com os Guajajara e a rala população néo-brasileira local. E se perferia mais um periodo, ficando por fazer apenas os meses de setembro e dezembro afim de se completar a observação da vida dos índios em todas as estações do ano, como foi programado.

oooooooooooooooooooo

Anexo 2 – Documento: Quarenta anos de atividades do Serviço de Proteção aos Índios no Vale do Rio Gurupí realizado pelo etnólogo Darcy Ribeiro.



24
Sales

00001277

to às notícias da população indígena do rio.

De todos estes informantes o mais preciso e que melhor observou a população indígena, foi, indubitavelmente, Gustavo Dobt, que nos deixou um retrato vivo de suas condições de vida e notícias sobre seus costumes que só podem ser comparados aos trabalhos recentes do Sr. Raimundo Lopes.

A população indígena atual do Gurupí consiste de tres tribos. São os Urubú e Tembó de fala Tupí e os Timbira, linguisticamente filiados aos Gê.

Estas tribos parecem ter confluído para o Gurupí fugindo á expansão de nossa sociedade que já atingia seus antigos territorios. Este é o caso dos Timbira, expulsos pelos creadores de gados que procuravam os campos de Imperatriz, em Goiás, e por outros indios para lá arrojados pelas mesmas forças.

Os Tembó, provavelmente, começaram a concentrar-se no Gurupí em começo do seculo XIX, vindos do Pindaré, e os Urubú em meados do mesmo seculo, vindo do Acará e Capim, ambos fugindo á invasão que os brancos vinham fazendo de seus territorios.

Quando Dobt os observou (1872) os Urubú ainda não tinham atravessado o rio para a margem maranhense onde hoje se encontram. Os Tembó demoravam entre as cabeceiras do Rio Cajupura e rio Uruaia, desde as barrancas do rio Gurupí, até o rio Pindaré de um lado, e o rio Capim, do outro. Os Timbira viviam acima do rio Cajupura.

Além destes indios, ele cita os Amanayé que viviam entre os Tembó e os Timbira no alto Gurupí, hostilizados por ambos e pelos brancos, que abandonaram aquela região pouco depois, indo para o sítio Capim.

Dobt fala ainda dos Guajá descrevendo-os como indios que "andam foragidos em bandos pequenos, de 1 a 4 casais", perseguidos por outras tribos.

Hoje se encontram na mesma situação, vivem entre o Gurupí e o Pindaré, em pequenos grupos, sempre perseguidos pelos Urubú. Cons-

23
Sme

00001278

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 14 -

ta que têm tido contatos intermitentes com os postos do Maranhão, mas não se aproximam por terror á perseguição dos outros índios.

Dos "Guaçajara" que encontrou já em decadência e reduzidos a umas trinta pessoas, na Colonia Militar, não existe mais nenhum.

Segundo os cálculos de Dobt, os Tembé seriam 9.000 pessoas, 6.000 das quais vivendo em águas do Gurupí, os Timbira perfaziam umas oitenta famílias, ou 400 a 500 almas; os Amansyé, de 300 a 400 distribuídos em tres malocas, dos Guajá ele apenas adianta que o seu numero era limitado.

Encontramos dados numéricos posteriormente, só nas notas do recenseamento de 1920, então, os Tembé estavam reduzidos a um milhar apenas, os Timbira á metade. Atualmente todos os Tembé do Gurupí somam menos de 70 pessoas e dos antigos Timbira (KRE-YÉ) restam apenas 10.

Desde o começo do seculo esta redução da população indígena vem se acentuando; é sobretudo notável, a partir de 1910, quando a população civilizada também começou a abandonar o rio, em virtude da crise da indústria extrativa e dos ataques Urubú que, até 1928 constituíram séria ameaça.

As aldeias Tembé que Dobt e A.Lisbõa viram tão numerosas e cheias de gente, dizimadas pelas epidemias, se estiolavam; periodicamente os restos de várias delas se reuniam numa só; anos depois, quasi extinta, se juntava a outras, tentando sempre manter um grupo sufficientemente grande para permitir uma economia comunal e certa vida social. Assim foram desaparecendo até se reduzirem, no presente, a três agrupamentos de vinte pessoas cada um, sendo que, em dois d'elles vivem em comum com índios Timbira e negros.

Os dados que colhemos nos arquivos dos postos e com velhos moradores do Gurupí, indicam a seguinte marcha na desintegração dos Tembé, desde que o S.P.I. trabalha junto a eles. Em 1910 eram 26 as aldeias Tembé do rio Gurupí, em 1915 se haviam reduzido a 21, em 1920 a 14, em 1930 a 11, em 1935 a 4 e em 1950 a 3 apenas.

26
Fol.

00001379

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 15 -

Com os Timbira ocorreu o mesmo, a medida que o alto - Gurupí foi sendo abandonado pelas regatões e logo depois de creado o P.I. Felipe Camarão, elles foram descendo o rio á procura de contáctos que lhes permitissem suprir suas necessidades de sal, roupas, ferramentas e remédios. Da aldeia de Sapucaia, onde no começo do século, embora decadente conservavam sua vida tribal e eram numerosos (400 a 500) - desceram para o Araparitua, onde moravam com um regatão; dali para Mangueira, quando aquelle comerciante abandonou Araparitua. De Mangueira, onde tambem moravam com cristãos, foram para o Felipe Camarão e depois da transferencia de seu encarregado, para Soldado, de onde, presentemente, começam a deslocar-se para o P.I. - Pedro Dantas.

Os Ananayé afastaram-se do Gurupí, rumo ao Capia, alcançando até o rio Tocantina. Dos Guajá apenas se sabe que continuam - vivendo nas matas, embora sempre perseguidos por todos.

Resta, pois, no rio Gurupí, apenas uma tribo, os Urubú, terrivelmente debilitada depois da pacificação, tem pago um alto preço pelo convívio pacifico com os brancos. Era avaliada depois da pacificação em seis a oito mil pessoas, calculos gratuitos, sem uma base segura. Em 1935, o S.P.I. os estimava em três mil; já o recenseamento de 1943 nos fala de pouco mais de 1.000 e nossas observações em suas aldeias não nos autorizam a subscrever esta avaliação; serão talvez a metade, dizimados que foram pelas novas doenças que adquiriram ao contácto com os brancos, sobretudo a gripe e em virtude da desorganização de sua vida tribal, decorrente da pacificação.

ASSISTENCIA OFICIAL

A assistencia oficial aos indios do Gurupí iniciou-se com as Diretorias de indios creadas pelo decreto nº 246, de 24 de julho de 1845.

É ainda Debt que nos dá noticia dos primeiros diretores: eram regatões que viviam do comercio com os indios Tembê e Timbira,

27
S. 1/2

00001280

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA - 16 -

trocando artigos de nosso mercado por "drogas do sertão". A referência é alógena e frisa os esforços destes piconeiros para impedir que os índios fossem levados às matas, no trabalho de extração da borracha, abuta, copaíba e madeiras de lei, no período de plantio de suas roças.

Descreve também a miserável condição de vida daqueles índios, a exploração de que eram vítimas, por parte dos regatões, de resto outros miseráveis, por sua vez extorquidos pelos fornecedores. Nos anos seguintes à visita de Dobt a indústria extrativa foi sendo abandonada em virtude da redução da população indígena, da crise da borracha, da extinção das copaibeiras e do aparecimento dos guerreiros Urubú que expulsaram os últimos regatões. E esta economia não foi substituída por nenhuma outra; ainda hoje é através dela que os índios conseguem satisfazer algumas de suas necessidades e sob as mesmas condições escorchantes do tempo de Dobt.

O Serviço de Proteção aos Índios fundou no rio Gurupí um de seus primeiros postos, o P.I. Felipe Camarão, criado em 1910 sob a direção do Cap. Pedro Dantas para pacificar os índios Urubú que, então constituíam um sério problema para a população local aterrorizada por seus ataques. Sobretudo as ondas de garimpeiros que invadiam a região explorando ouro e cujos acampamentos, próximos ao território dominado pelos índios, eram constantemente atacados. Naquela ocasião era tamanho o pânico em que a população vivia que em Itacary, Camiranga e outros núcleos pequenos ribeirinhos que serviam de entrepostos para as minas, eram mantidas sentinelas dia e noite e ninguém se afastava das casas depois de anoitecer ou antes de dia claro e na enorme área dominada pelos índios paralizava-se toda atividade agrícola.

Fracassando na tentativa de pacificar os Urubú, o posto dedicou-se aos Tembó, procurando concentrá-los numa grande aldeia. Posteriormente estendeu suas atividades também aos Timbira que foram estabelecendo-se um pouco acima, pela impossibilidade de convivência com os Tembó, seus tradicionais inimigos.

28
3/25

00001281

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 17 -

Em 1927, com o recrudescimento dos ataques Urubú aos garimpeiros e, sobretudo, aos poucos regatões que ainda exploravam produtos naturais das florestas, o S.F.I., com o fim de pacificá-los, - cria o F.I. Canindé, depois chamado Pedro Dantas, localizado numa passagem comum dos índios no rio Gurupí. Logo depois é criado outro posto, o Maracassumé, no rio d'este nome que tentaria atrair os índios em outra zona que costumavam percorrer e onde atacavam aos mineiros. Ao primeiro ocube a pacificação em fins de 1928.

Desde então, iniciou-se nova fase nas atividades do S.F.I. e em toda a área, agora livre de seu grande obstáculo, mas a indústria extrativa nunca se refaz. Os postos depois de anos de intensa atividade em que recebiam imensas quantidades de brinde para os Urubú sobrando um pouco para os Teubé e Tipbira - passaram como todo o Serviço, na fase de 1930 a 1940, a abandono. O pessoal foi reduzido e a assistência aos índios tornava-se cada vez mais precária. Ultimamente o posto Maracassumé, já sem função, porque não era procurado - pelos índios, foi extinto; agora se fala na extinção do F.I. Felipe Camarão que está praticamente abandonado desde 1946, quando morreu seu encarregado.

O período de 1930 a 1940 foi um dos mais difíceis também - naquela área; muitas concessões tiveram que ser feitas para conseguir um mínimo com que atender às exigências dos Urubú, então, ainda temidos. O maior esforço nesta quadra ocube ao Sr. Miguel Silva que já fôra um dos principais fatores da pacificação, com sua longa experiência de encarregado do F.I. Felipe Camarão desde que foi fundado. Então deslocou-se para o seu posto o centro de atração dos índios; lá chegaram a viver quatrocentos índios Teubé, cujo trabalho agrícola e extrativo permitia ao encarregado assistir aos Urubú que às vezes passavam meses com ele. Em 1945 quando os postos do Gurupí ficaram à cargo do inspetor - Raimundo Nonato Miranda, o Sr. Miguel Silva, que se indisputara com ele foi transferido para o posto Maracassumé onde morreu, recebendo do Serviço muitas homenagens que não chegarem, contudo, a salvaguardar sua viúva da miséria em que ainda vive.

00061282

29
Sales

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 18 -

A transferencia do Sr. Miguel Silva resultara de acusações entre as quais a principal era a de explorar os indios, o que nunca foi provado. O certo é que com sua transferencia o F.I. Felipe Camarão que sempre tivera roças e atendera aos indios, caiu ao abandono, os moradores mudaram e nenhum outro encarregado conseguiu manter-se lá. Deste velho servidor do S.F.I. os indios Urubú, Tembê e Tiabira fazem as melhores referencias, todos lamentam a sua morte como a do melhor amigo que tiveram, o mais honesto e mais trabalhador. Seu filho, Miguel Silva Filho, ex-auxiliar de sertão que goza de quasi igual prestígio, foi demittido logo após a morte do pai, acusado de sublevar os indios contra o Inspetor Raymundo Nonato Miranda.

.....

Quando chegamos ao Gurupí lá se encontravam três dos quatro unicos agentes com que conta a I.R.2. Poderia até levarnos a pensar que, conciente da complexidade do seu trabalho naquela área, do fracasso de suas tentativas de assistir aos indios, o S.F.I. concentra ali todo aquele pessoal e mais um inspetor e dois auxiliares de sertão para fazerem frente ao crucial problema. Mas não se tratava disto, um agente se encontrava numa pequena aldeia sem qualquer recurso, na beirada do rio, distante uma semana de viagem dos postos; ali está há dois anos em tratamento de saúde (sic). Dois outros estavam no posto Pedro Dantas, um recentemente encarregado de trabalhos especiais pelo Chefe da Inspetoria, o outro se fixara lá um ano antes por não poder ou querer manter-se no F.I. Felipe Camarão, do qual fôra encarregado, e espera, desde então, ordens da Chefia. O mesmo ocorria com os dois auxiliares de sertão, ambos no F. Pedro Dantas. Quanto ao inspetor encarregado da região, este tem séde em Belém, somente aparecendo uma vez ou duas por ano para os pagamentos ... quando há verba para pagar suas proprias diárias de viagem. O posto conta ainda com sete trabalhadores, quasi todos civilizados. Quando saímos algumas mudanças se tinham efetuado, um dos agentes do F.I. Pedro Dantas tinha sido transferido, o posto fôra entregue a um auxiliar de sertão (aliás muito

30
Sales

00001283

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 19 -

competente] e o outro agente continuava aguardando ordens; além disto os trabalhadores foram reduzidos de sete para três homens, redução comunicada em abril, mas com efeito retroativo até janeiro.

.....

Em todos estes anos de atividades, provavelmente cheios de idéias de progresso, os postos foram juntando uma maquinária que hoje constitui verdadeiro cemitério. No F.I. Pedro Dantas e no Felipe Cegarrão encontram-se engenhos e fornos para repadura, uma ótima caldeira pronta para movimentar uma pequena serraria, maquinária de fazer farinha de mandioca, toda uma instalação de olaria, máquinas de fubá e até limpadores de arroz, e ainda, um descaraçador de algodão. Nunca foram utilizados. O descaraçador acabou sem ser montado; com a maquinária de arroz está acontecendo o mesmo; para a construção da escola do posto foram adquiridas foras, as telhas; os tijolos, fabricados na olaria, foram utilizados sem queimar; como serviram de alicerce à casa da escola, ela está assentada sobre um monte de barro. Os responsáveis pelo posto têm muitas explicações para esta situação, mas o fato é que a maquinária constitui um cemitério inútil, as agrícolas porque não se faz roças com que aproveitá-las, as outras por motivos semelhantes. E aquele posto custava ao S.F.I. sómente em salários, quando lá chegamos, perto de 150 contos anuais.

.....

Não acreditamos que qualquer servidor do S.F.I. tenha - culpa desta situação, ela é fruto de todo um sistema errado, da falta de planos que definam objetivos e tarefas, orientando o trabalho de cada servidor e permitindo o controle de suas atividades. Nada existe neste sentido, o pessoal - como o de todo o S.F.I. - foi recrutado ao acaso e nunca se procurou elevar o seu nível, criando uma consciência profissional e nem mesmo o simples conhecimento das finalidades de seu trabalho.

Quando se tratava da pacificação todos sabiam bem o que se esperava deles, cada um esforçava-se como podia e o objetivo foi -

31
S. 1/2
00001284

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 20 -

alcançado. Mas depois de obtido o concívio pacífico com o índio, que fazer dele? Meter-se a ensinar-lhe como plantar, quando eles tinham roças maiores e melhores que as do posto? Ensiná-lo a vestir-se? Mas, como dar-lhes roupas quando aprendessem a usá-las? Aliás, nisto foram eficientes. Os índios urubú, menos suas mulheres, se afeiçoaram a nossos panos; por amor deles, deixaram de fabricar as suas próprias tangas e hoje vivem maltrapilhas e imundas, porque o S.P.I. também não tem panos para distribuir a todas elas. Como ocorre com os tecidos, outros artigos de nosso mercado se tornaram indispensáveis aos índios, tais são o sal, as ferramentas, adornos de contas, medicamentos e poucas mais. Porém, o posto não tem como satisfazer estas necessidades que ele próprio criou, nem procura desenvolver um sistema de trocas. O resultado é que as aldeias começam a ser invadidas por estranhos, sobretudo as mais próximas da zona de mineração. São comerciantes que vão trocar aqueles artigos e mais aguardente e macanha por artefatos, por farinha e por favores femininos.

É sabido que o mesmo se vem dando com muitas outras tribos; o preço da satisfação das novas necessidades que criamos nos índios é sua submissão final ao nosso sistema de produção. E isto significa quasi sempre, sobretudo na Amazonia, a escravização do índio, sua sujeição debaixo das condições mais escorchantes aos regatões, com a desintegração da vida tribal, a demoralização e o desaparecimento.

Os Urubú dão os primeiros passos nesta estrada, os Tembé e Timbira já a palmilharam toda, dão os ultimos. E o S.P.I. que assiste á extinção dos ultimos Tembé e Timbira, que fará para salvar os Urubú?

É crível que depois de os atrairmos de nos espantarmos e nos entusiasarmos por seu vigor extraordinário, quando dos primeiros contáctos, depois de distribuir lauréis aos pacificadores, nada fazemos para salvá-los da extinção?

É necessário ao menos firmar um critério a este respeito. Continuar agindo como se fez até agora e optar pelo desaparecimento

39
Sales

00001285

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 21 -

do índio com toda a corte de misérias e horrores por que passaram os Timbira, os Tembê e tantos outros. Na verdade os Urubú são assistidos hoje pelo mesmo sistema com que se assistiu aos Tembê desde 1910 e que não foi capaz de sustar sua decadência e sua extinção. E em que consiste este sistema?

- Os nossos servidores ficam nos postos para onde procuram atrair os índios; aí os juntam em magotes nas piores condições sanitárias e em contáto com portadores de todas as moléstias. Selecionam alguns dentre eles e pagam para fazer, junto com elementos "civilizados" (pagos ao dobro), uma roça ou pequenos concertos. Mas isto só funciona sob um ambiente paternal; o encarregado, dito pai pequeno ou capitão tal, abençoa diariamente aos pupilos e lhes dá em troca do trabalho que prestam algumas roupas velhas e até uma calça ou uma camisa nova. As crianças vão á escola onde uma professora lhes repete, de vez em quando, lições em português que eles geralmente não compreendem. Como estas escolas servem também aos filhos de trabalhadores que falam bem o português, em breve os indiosinhos sabendo que eles são estúpidos demais para aprender, pois os seus colegas brancos e negros não sabem ler, escrever e contar?

Um índio, criticando um servidor, me disse: "ele está aí para fazer roça e não faz". É uma observação arguta, realmente o S. P. I. parece ter naquelas postos a finalidade de fazer uma roça cada ano. Para isto tem diaristas pagos e recebe semente e outras ajudas da Inspeção, podendo ainda contar com o auxílio de alguns índios em troca de sabão, do sal, do fosforo e outras coisas que recebe para este fim. Mas, pergunta-se: de quem é esta roça? Qual é o seu fim? Certamente o encarregado e os funcionários mais graduados têm direito a usar de seus produtos, mas os trabalhadores, terão? e os índios? - Aí está a questão, mas sempre se responde negativamente ás ultimas perguntas. Então o produto das roças passa a servir aos primeiros, as sobras são vendidas para os trabalhadores e aos índios e alguma coisa é dada aos velhos e doentes incuráveis.

00001286

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 22 -

Como, entretanto, a colheita é sempre pequena demais, o encarregado encontra outra função, compra a crédito dos negociantes - mais próximos alguns gêneros suplementares e outros artigos para fornecer aos trabalhadores. Ao fim do trimestre, ou semestre, quando sai o pagamento dos diaristas, ôle desconta os fornecimentos feitos, ou seja, o produto das roças e o estoque comprado fóra. Nêste jogo se passam os anos.

É inofensivo, parece anedótico, mas a realidade é esta, infelizmente. Temos que começar por definir o que seja uma roça do posto e o que, além dela, deve fazer um encarregado. E não há malícia alguma no procedimento deles, simplesmente ignoram o que lhes cabe fazer.

Os melhores dentre ôles estão vivamente preocupados com este problema, vendo os índios desaparecerem sem saber como atendê-los e sem ter meios ou espaço para executar medidas que julgam acertadas.

Vejamos, agora, como funcionam aqueles postos em relação ás atribuições que lhes compete, de acôrdo com o decreto 10.652 de - 1942.

1) Preservar e conservar a organização interna da tribo.

As tentativas de fixar os índios junto aos postos, nas condições descritas atraz, constituem o melhor método de destruir a organização interna de uma tribo, por desorganizarem seu sistema econômico e com ôle o poder político de seus líderes e a unidade de sua organização familiar.

2) Proteger o índio contra a violência e a exploração, garantir a efetividade da posse das terras por eles ocupadas e fiscalizar a entrada de estranhos.

A proteção física do índio tem preocupado vivamente os servidores do S.F.I. naquela região por ser notória a exploração e a ignomínia com que os Tembê são tratados por alguns regatões que, contra ordem expressa do posto, vão ás suas aldeias

34
Sole
00001287

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 23 -

os retiram á força de suas casas, levando-os para ----- trabalhar em roças; tomam suas mulheres, chegando a viver o mais conhecido deles - (Lucas Favares) com duas mulheres Tembé além de sua esposa cristã. E os nossos servidores, freitados não sei por que invisíveis poias, nada fazem e os proprios indios não se podem livrar desta tirania por tomarem seus algomes e dependerem deles para obter, por troca, o sal, os panos, remédios, ferramentas e outros productos de que necessitam, já que o Serviço nunca os procurou para isto.

Quanto aos Urubú, sua bonomia e hospitalidade têm dado lugar á immensas visitas, uma das quais por parte de uma equipe cinematográfica que os filmou sob a concepção tão estadunidense, estilo far-west, de indios como uns sanguinarios ladrões de mulheres brancas que são derrotados á bala por algum herói branco. É incrível que esta equipe tenha obtido autorização, sem um exame de seu spirit, pois seu filme é bem o oposto da concepção humanitária que foi mundialmente celebre ao General Rondon e que o S.F.I. procura divulgar entre nosso povo.

Esta hospitalidade tem servido tambem a outros, é o caso de vizinhos que juntam-se em grupos para subir os igarapés onde moram os indios, para caçadas e pescarias, entrando em contáto com õles para commerciar aguardente e até maconha. A este proposito é preciso frisar que os Urubú apenas comegam a conhecer nossa aguardente e não conhecem a maconha que é já um elemento quasi indispensável no "rancho" dos caboclos do Gurupí, dos Tembé dos Timbira.

3) Falar pelo material do Serviço.

Nós já tratamos disto e tambem de sua utilização.

4) Mantenr escolas e dar ensinamentos úteis.

O P.I. Pedro Dantas, que deve assistir aos indios Urubú, tem uma escola onde o aproveitamento das crianças india é quasi nulo... Nenhuma criança Urubú, naturalmente, estuda ali, o que é uma felicidade, pois o contrário seria um desastre. Educar é preparar a criança para a vida que ella vai viver, adestrá-la para as funções e papéis que

será chamada a exercer. O que a escola pode fazer embora duvidamos é alfabetizar e não me parece de qualquer utilidade para os Urubú esta aptidão, ainda mais porque, para obtê-la, a criança deixaria de adestrar-se nas técnicas tribais de subsistência e nos padrões de comportamento do grupo, estas sim, indispensáveis à sua vida. Veja-se o caso de dois rapazes urubú tirados do convívio de sua tribo quando crianças, hoje são completamente desajustados, os índios os consideram "cristãos" e os cristãos os tratam como "índios", eles proprios oscilam entre uns e outros, sem poder fixar-se; um foi arreastado à pedrearia, o outro, se não gozar sempre da simpatia e ajuda que seus protetores lhe têm dado, se tornará vítima de sua marginalidade e será outro desajustado.

PERSPECTIVAS

O balanço das atividades do S.P.I. no rio Ourupí, junto aos Tembé e Timbira, através de quarenta anos de atividades, nos apresenta ôsse resultado: os índios desapareceram dizimados pelas doenças, pelos vícios e pela exploração, consequentes do contáto com os brancos, não obstante toda a organização que o S.P.I. manteve ali com despendios de enormes energias e à custa de muitos recursos. Nem se pode dizer que se asocobclaram, como pregava o S.P.I., "integrados na população rural brasileira". Morreram. Entretanto, uma das maiores glórias de que se orgulha o S.P.I., conquistou-a ali, com a pacificação dos Urubú, que, todavia, têm diante de sí, hoje, a mesma perspectiva sombria das outras tribos da região, se não forem tomadas providências urgentes.

A epidemia de sarampo que no corrente ano fez tantas vítimas entre os índios da região, desvendou estas condições, ponde a descoberto toda a precariedade da assistência do S.P.I. áqueles índios. A doença foi levada às aldeias Urubú e delas às outras populações do rio devido á falta de controle, de vigilancia e de assistência por parte dos postos, pois seus portadores foram alguns índios que tinham saído

36
Dates

00001289

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 25 -

saído de suas aldeias para Belém onde iam pedir ferramentas e panos. Ora, esta não era a primeira visita desta ordem que a I.R. 2 recebia e se sabe que a maior parte do auxilio dado aos indios Urubú nos dois ultimos anos foi gasto em Bragança e Belém, isto é, socorrendo os indios que saíam de suas aldeias para buscá-lo.

Depois de grassar a epidemia, a única medida que os postos podiam tomar era isolar as aldeias umas das outras, aconselhar aos indios que permanecessem nas casas (o que conseguimos enquanto ficamos junto deles) e assistí-los ali com medicamentos e alimentos.

Nada disto podia ser feito, primeiro porque os funcionários nunca tinham ido ás aldeias, alguns deles conheceram uma ou duas de passagem, quando faziam um transporte de gado; nunca haviam se abalado para ver as condições de vida dos indios que lhes cabia assistir. Além disto o posto não tinha medicamentos e não recebeu quasi nenhum depois de pedir socorro á inspetoria e, ainda, não tinha roças; portanto, era impossivel atender aos indios com alimentos. E devido ao caracter epidêmico da molesta que abatia todos os moradores de cada aldeia, este era o primeiro problema; muita gente morreu foi de inanição á mingua de alimentos, de fome.

Isto é verdadeiro tambem para os Tembê e Timbira mortos no proprio posto (30) que era onde a penúria de alimentos chegou a maior grau. Ali tambem as condições sanitárias eram precarísimas. - Inicialmente é preciso dizer que este posto com sua bela casa de escola e de encarregado, não tem uma casa para receber os indios que o procuram. Até que abrissemos a escola para abrigá-los, ficavam em "tapirís" que eles proprios improvisavam do outro lado do rio e os ranchos em que os doentes foram recolhidos era incomparavelmente piores que aqueles em que os indios moram comumente.

A situação dos Tembê e Timbira era ainda mais dolorosa, porque são sempre preteridos em favor dos Urubú que ainda guardam um pouco do prestigio de indios bravios e, ás vezes sabem fazer-se respeitar. Os primeiros são tidos mesmo como intrusos no posto dos Urubú.

37
576

00001290

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 36 -

Quando o Sr. Miguel Silva vivia no F.I. Felipe Camarão, eles se sentiam lá como em casa; ali eram também recebidos os Urubú, mas era o posto deles, onde tinham suas roças e casas. Abandonado o Posto ficaram - ao léo, considerados por isto como vagabundos indisciplinados e indesejáveis, arranjando-se com seus próprios recursos quando se recolhiam ao posto à procura de remédios para a epidemia.

Nossa assistência aos índios quando da epidemia, consistiu em abrir-lhes a farmácia de emergência que havíamos levado e os alimentos que podíamos adquirir. O posto não tinha recursos com que enfrentar a situação, mas devemos consignar a ajuda relevante que tivemos por parte de um trabalhador negro, chamado Cícero Ourives, que, com suas bebidas dava aos índios ao menos um certo alívio psicológico; a ilusão de que eram atendidos.

Os efeitos da epidemia de sarampo, com acorte de pragas que sempre arrasta consigo, foram terríveis. Somente nas aldeias que percorremos o número de mortes foi de, aproximadamente, cinquenta; no posto Pedro Dantas, morreram trinta pessoas, principalmente - índios Tembé e Timbira; avaliamos o número de índios Urubú mortos em 150, ou seja, mais de 20% da população.

E já que o S.F.I. não estava armado para enfrentar esta situação, ela agora nos deve servir de advertência para que não se repita. Todo o quadro que procuramos traçar realisticamente da situação de vida dos índios do Gurupí, é um clamor por novos rumos. Bem sabemos que tal não se dá apenas naquela região, em todo o Brasil muitas tribos se estiolam como as do Gurupí sob as vistas do S.F.I. Em muitas outras Inspetorias, por certo, ocorre a mesma falta de orientação, de rumo, de simples noção básica do que seja ou deva ser o S.F.I. E há também experiências positivas que precisam ser estudadas e difundidas, não só do nosso Serviço como de congêneres, em outros países, que estão enfrentando situações semelhantes.

Mais uma vez queremos repetir que urge uma tomada de consciência por parte dos responsáveis pelo S.F.I. Ao lado de soluções

00001201

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 27 -

magníficas, temos orientações das mais erradas e prejudiciais; ou se faz um balanço crítico destas experiências, traçando, á base delas, um programa de trabalho, ou se continúa na improvisação, dispersando energias e recursos preciosos, sem qualquer proveito para os índios.

Na região de que tratamos tudo está por fazer e se o S. P. I. não tomar providencias, em breve não restará um só índio ali, - todos terão morrido e eles podem, ainda, ser salvos, sobretudo os Urubú que conservam quasi intáto seu patrimonio cultural, continuam - bem integrados e, assim, que se refaçam das privações e perdas que - sofreram com a epidemia, retornarão á vida normal. Eles têm uma economia sã e auto-suficiente, não dependem de nossa intervenção; neste campo ela só poderia ser prejudicial, mas têm necessidades novas que precisamos atender para que não sejam satisfeitas por outros caminhos.

É necessário, pois, prover o posto com o indispensável - para distribuir-lhes medicamentos contra gripe, infecções intestinais pneumonia e as doenças mais comuns, preparar o encarregado para este mister e fazê-lo visitar as aldeias com este objetivo. Organizar um almoxarifado com fazendas, sal e ferramentas para trocar com eles, - ainda que com prejuizo, por produtos naturais que eles podem obter sem desorganizarem sua economia, nem abandonarem sua vida tribal. É necessário, ainda, manter a máxima vigilância para impedir a entrada de estranhos, á qualquer proposito, em suas terras. E acabar com os esforços de transferí-los para as terras que lhes foram prometidas no Paré.

Atualmente eles ocupam uma enorme região na mata maranhense, que vai do Gurupí ao Turyassú e ao Findaré, zona deserta onde não são incomodados por ninguém. A favor da mudança argumenta-se que, no Paré, seria mais facil legalizar-lhes as terras e, ainda, que ali existe mais caça e é possível o transporte, por terra, diretamente para Belém, através de uma estrada a ser aberta. Quanto á primeira alegação cremos ser igualmente difficil legalizar-lhes as terras no Maranhão, mesmo porque a Constituição lhes assegura é a posse das terras que -

39
Sera

00001292

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 28 -

ocupam e, desde há cem anos, quando começaram a deslocar-se do Pará, poupan áreas em que se encontram agora. Como as matas do lado paraense não são ocupadas é claro que a caça ali se encontra mais facilmente, porém, assim que os Urubú passassem a viver ali, ela se tornaria igualmente escassa. O transporte direto a Belém só lhes traria dano, pois ficariam mais acessíveis a contatos indesejáveis.

A função do posto Pedro Dantas como responsável pela assistência aos Urubú, seria, pois, a de atender suas necessidades, procurando fazê-los pagar o que recebessem, para não aumentar o espírito de "tudo esperar do governo" que já se alastra também entre eles. Esta assistência deve ser sobretudo de medicamentos e no sentido de impedir a perturbação de sua vida tribal.

Quanto aos Tembé e Timbira o que cabe ao S.P.I. é o mesmo que junto aos grupos já em avançada aculturação, que perderam o equilíbrio do seu sistema adaptativo, sendo incapazes de prover satisfatoriamente a sua subsistência. Cabe ao Serviço organizar sua economia, de modo a permitir-lhes um padrão de vida mais alto. Isto se deve fazer pelo estudo das possibilidades de produção que elas oferecem, utilizando a maquinária que o Posto Pedro Dantas tem encontrada. Aqui se justifica a intervenção por que o índio já é incapaz de organizar sozinho um novo sistema adaptativo que proporcione a satisfação de suas necessidades.

Sua economia tinha por base a família extensa que englobava um grande número de indivíduos inter-relacionados por parentesco e por casamento, num só grupo local. Era uma unidade cooperativa através da qual faziam suas roças, organizavam os grupos de caça e coleta e, ainda defendia seus membros da exploração em suas relações com os civilizados. A destruição e o fracionamento dessa unidade em pequenas famílias conjugais, inadaptadas para um trabalho cooperativo, tornou o índio ainda mais dependente da economia civilizada do vale que só lhe pôde oferecer as posições mais baixas, levando-os a um padrão de vida desesperador.

40
Sales

00001293

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 29 -

A solução hoje é concentrar num local adequado, aqueles que o desejem, orientados por autoridades que lhes mereça respeito, e iniciar um empresa de produção coletiva, venda e distribuição do produto, proporcionalmente à contribuição de cada índio.

Será trabalho difícil que só atrairá aos índios depois de demonstrar resultados positivos. As terras do Gurupí se prestam ótimamente à produção de cana de açúcar, arroz, feijão e mandioca, para cujo desdobramento o posto tem máquinas; pôde ser tentada também a plantação da pimenta do reino e outras culturas mais adiantadas e rendosas como café e cacau, para todas elas existe um amplo mercado.

Porém, tendo a mania de máquinas que fez com que um alto funcionário da região, falando deste assunto conosco, propuzesse iniciar pela compra de um navio que levasse logo a produção a Belém, queremos frisar um truismo: - estas atividades devem começar modestamente, só ampliando à medida que se mostrarem economicamente proveitosas.

Destas medidas de ordem economica decorrerão muitas outras que terão de ser tomadas mais tarde; porém, levantando o padrão de vida do índio, levando-o da sub-nutrição e das doenças, já se faz a metade de sua emancipação. Enquanto a realização de um plano desta ordem não fôr possível é necessário, ao menos, tomar certas medidas simples, como as seguintes:

- 1) Providenciar imediatamente junto ao Serviço de Saúde Pública a vacinação dos índios do Gurupí (e de todos os demais) contra as moléstias que se possa evitar por êste processo e que não tardarão a atacá-los, principalmente a varíola.
- 2) Manter sempre suprida uma farmácia com um minimo de uns trinta produtos dos mais necessários, em cada um dos postos.
- 3) Fixar junto dos postos a sede do inspetor para que os índios tenham efetivamente a sua assistência.
- 4) Determinar que os assalariados dos postos sejam preferívelmen

44
Sales

00001294

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- 30 -

te índios (Tembé e Timbira) quando não se tratar de trabalho especializado, para que usufruam ao menos desta renda já que nenhuma assistência lhes é prestada.

- 5) Manter a mais estrita vigilância para evitar a entrada de estrangeiros nas aldeias Urubú.
- 6) Como medida de moralização e de salvação dos índios Tembé, enviar-los dos regatões, fazendo o próprio Serviço duas viagens anuais às suas aldeias para as trocas de seus produtos pelos artigos de que necessitem.
- 7) Construir no P.I. Pedro Dentas um amplo barracão onde os índios Urubú em visita, possam ser hospedados.

ooooo

AGRADECIMENTOS

Quero consignar aqui minha gratidão àqueles que mais diretamente contribuíram para o bom êxito de minha missão.

Sou particularmente devedor ao Sr. João Carvalho, auxiliar de sertão, encarregado do P.I. Pedro Dantas que me acompanhou nos últimos meses de viagens, servindo-me de interprete junto aos índios e esforçando-se sempre, incansavelmente, para o bom êxito dos trabalhos.

É a D. Leudi Rachid Carvalho, esposa do Sr. João Carvalho que me hospedou durante a minha permanencia no Posto, não poupando as forças para tornar mais confortavel minha estadia.

O Sr. Rosamiro Boronha, auxiliar de sertão no referido posto que me serviu sempre com a maior boa vontade e dedicação, se faz credor de minha gratidão.

Aos outros funcionários do S.P.I. naquela região, Sr. Raymundo Honato Miranda e Malheiro Mota, bem como aos diaristas devo agradecer muitas atenções e gentilezas que me facilitavam o trabalho.

Ao Chefe da I.R.2, Sr. Eurico de Melo Cardoso Fernandes, sou também agradecido pela presteza com que sempre procurou transmitir minha correspondencia do Rio e pela hospitalidade com que me recebeu em Belém, quando regressava.

Ao último indio Timbira (KRE-YB), André, meu reconhecimento pela bondade com que me ensinou sobre os costumes e as crenças de sua gente.

Finalmente, o meu reconhecimento ao Cap. Anskã-pukú, e com ele a tantos outros índios Urubú, que sempre me receberam com bondade e simpatia, dividindo comigo sua alimentação, acomodando-me em suas casas e, sobretudo, iniciando-me em sua cultura.

BIBLIOGRAFIA

00001296

- 1) Serafina Leite, S.J.
Historia da Companhia de Jesus no Brasil - 3º vol. 1943
- 2) Gustavo Dobb
Descrição dos rios Fernambuca e Gurupy - vol. 138 - São Paulo Brasileira - 1939
- 3) Miguel Arrojado Lisboa
A Bacia do Gurupy e suas Minas de Ouro - Bol. Dep. Nac. Prod. Mineral - nº 7 - Rio - 1935 - 61 pags. e mapa-
- 4) Jorge Hurley
1928 - Os sertões do Gurupy - Of. Graf. Inst. Lauro Sodré Belém
- 5) Raymundo Lopes
"Os Tupis do Gurupy" - anais cooperativo + Univ. Nacional de La Plata - Acta y Trab. Cient. Del XXV Cong. Int. Americanistas, I - p. 139/171 - La Plata 1932-B. Aires - 1934 11 fig. 3 mapas.
- 6) Glycon de Paiva
Henrique Capper Alves de Souza
Sr. Froes Abreu
Ouro e Beuxita na região do Gurupy - Bol. nº 13 do Dep. Nac. Prod. Min. Rio - 1937.
- 7) Pedro de Moura
Rio Gurupy - Min. Agr. Serv. Geol. e Mineralógico - Bol. nº 78 - Rio - 1936 - 66 pg. foto-asp.
- 8) Charles Wagley
Eduardo Galvão
The Tonatchara Indians of Brazil - A Culture in Transition - New York - Columbia University Press - 1949